

ANA FÁTIMA AGUIAR

**ENTRE PENUMBRA E CENTELHAS:
NUANCES DA REVERIE NO
ENCONTRO ANALÍTICO**

SÃO PAULO

2023

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ANA FÁTIMA AGUIAR

**ENTRE PENUMBRA E CENTELHAS:
NUANCES DA REVERIE NO ENCONTRO ANALÍTICO**
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.
Área de concentração: Psicologia Clínica
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marina F. R. Ribeiro

SÃO PAULO

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Aguiar, Ana Fátima

Entre penumbra e centelhas: nuances da reverie no encontro analítico / Ana Fátima
Aguiar; orientadora Marina Ribeiro. -- São Paulo, 2023.

145 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Reverie. 2. Intersubjetividade. 3. Psicanálise. 4. Clínica Psicanalítica
Contemporânea. I. Ribeiro, Marina, orient. II. Título.

Nome: AGUIAR, Ana Fátima

Título: Entre penumbra e centelhas: nuances da *reverie* no encontro analítico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovado em 04/08/2023

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Função: Presidente

Sigla da CPG: IP-USP

Julgamento: APROVADO

Profa. Dra. Gina Tamburrino

Função: Titular

Sigla da CPG: Externo

Julgamento: APROVADO

Profa. Dra. Ludmilla Tassano Pitrowsky

Função: Titular

Sigla da CPG: Externo

Julgamento: APROVADO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Ceci est la couleur de mes rêves</i> - Joan Miró (1925)	11
Figura 2 - Constelações, Joan Miró (1941)	38
Figura 3 - “Irmãos”, Paul Klee (1879-1940)	53
Figura 4 - “O sonho”, Henri Rousseau (1910)	67
Figura 5 - “Noite Estrelada”, Van Gogh (1889).....	83
Figura 6 - “Arco Íris”, Paul Klee (1917).....	98
Figura 7 - La Danse, Henri Matisse (1909).....	108
Figura 8 - Composição LX, Wassily Kandinsky (1910)	122
Figura 9 - O carnaval de arlequim, Joan Miró (1925)	128

Sumário

O traçado e os contornos: uma introdução.....	16
Acertando a pega: uma experiência clínica para “sonhar” conceitos.....	23
Capítulo 1 -	
O nascedouro de um proto-conceito: a <i>reverie</i> em Bion	29
Capítulo 2 -	
O cerzido teórico-clínico da <i>reverie</i> nas formulações de autores contemporâneos.....	38
A tessitura das pictografias analíticas: um ponto, alguns alinhavos.....	40
2.1 Thomas Ogden: a <i>reverie</i> e o conceito de <i>terceiro analítico intersubjetivo</i>	43
Pictografando as <i>reveries</i> do (e no) terceiro ogdeniano.....	53
Seguindo os pespontos imprecisos e criativos de Thomas Ogden.....	56
2.2 Pensamentos-palavra em busca de um narrador: Antonino Ferro e a <i>reverie</i> como derivado narrativo.....	58
Pictografia analítica via narrativas: a centelha vital.....	67
Pontilhando narrativas com Antonino Ferro.....	71
2.3 Da evocação dos símbolos à construção de significados: o casal Rocha Barros e o conceito de Pictogramas Afetivos.....	73
Pictografia analítica da expressividade simbólica: os pictogramas afetivos do casal Rocha Barros.....	83
Dos vãos, o entreato: alinhavos do casal Rocha Barros.....	87
2.4 Entre cesuras: Marina F. R. Ribeiro e os conceitos de intuição psicanalítica e <i>reverie</i>	90
Da intuição à <i>reverie</i> : revelando a pictografia	98
Os entrepontos intuitivos de Marina F. R. Ribeiro.....	100

2.5 Sonhando no corpo: Giuseppe Civitarese e a noção de <i>reverie</i> somática.....	102
Pictografias entre corpos: a <i>reverie</i> somática na dança do encontro.....	108
Civitarese e os enlaces intersubjetivos dos corpos.....	111
2.6 O casal Botella e o trabalho de figurabilidade.....	114
A escuta regrediente: pictografias do trabalho da figurabilidade.....	122
O viés contínuo da figurabilidade no ponteadado expansivo dos Botella.....	124
Considerações finais -	
Entre penumbra e centelhas: do incognoscível às transformações, da linha solta ao bordado.....	128
Referências Bibliográficas.....	139

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar, por meio de um estudo teórico-clínico, uma reflexão sobre a experiência da *reverie*, investigando como ela ocorre e de que forma contribui para as transformações em análise. Um fragmento clínico inaugura o caminho percorrido nesta pesquisa. A experiência clínica com o paciente Paulo, intitulada *Acertando a "pega"*, tem por intuito acompanhar e iluminar o percurso da leitura, embalando o leitor para que "sonhe" os conceitos à luz da situação analítica, pois é exatamente nela que a *reverie* se fenomenaliza. Na sequência, o levantamento teórico sobre o tema parte das ideias de Bion e segue ampliando para autores contemporâneos como Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina F. R. Ribeiro, Giuseppe Civitaresse e o casal Botella, que têm produzido importantes reflexões acerca da *reverie* e da intersubjetividade na clínica psicanalítica. Esta investigação visa, portanto, compreender o movimento vivo e contínuo que o conceito de *reverie* comporta dentro do vasto campo teórico psicanalítico, bem como verificar seus desdobramentos na clínica contemporânea. Às ideias de cada um desses autores contemporâneos serão somados fragmentos montados em pequenos recortes da experiência emocional vivida com Paulo. Pretende-se, assim, descrever os elementos imagéticos e sensitivos captados no sonhar compartilhado do encontro analítico, bem como revelar os aspectos teorizados por cada um desses autores. A esses recortes coloridos na tela mental da pesquisadora/analista será atribuído o nome de *pictografias analíticas*. Nesse viés, a pesquisa favorece uma maior compreensão da *reverie* como um conceito que se fenomenaliza no encontro analítico, além de promover um importante debate que contribui para a expansão da teoria e da clínica psicanalítica contemporânea.

Palavras-Chave: *Reverie*, Intersubjetividade, Sonhar Compartilhado, Psicanálise, Clínica Psicanalítica Contemporânea.

Between shadows and sparks: the nuances of *reverie* in the analytic encounter

ABSTRACT

The main objective of this work is to present, through a theoretical-clinical study, a reflection on the experience of *reverie*, investigating how it occurs and how it contributes to transformations in analysis. A clinical fragment inaugurates the path taken in this research. The clinical experience with the patient Paulo, entitled "Hitting the spot", aims to accompany and illuminate the reader's journey, lulling the reader to "dream" the concepts in the light of the analytical situation, as it is precisely in this situation that *reverie* phenomenizes itself. The theoretical survey on the subject then departs from the ideas of Bion and expands to contemporary authors such as Thomas Ogden, Antonino Ferro, the Rocha Barros couple, Marina F. R. Ribeiro, Giuseppe Civitaresse, and the Botella couple, who have produced important reflections on *reverie* and intersubjectivity in psychoanalytic practice. This investigation aims, therefore, to understand the living and continuous movement that the concept of *reverie* entails within the vast psychoanalytic theoretical field, as well as to verify its implications in contemporary practice. Fragments assembled in small excerpts of the emotional experience lived with Paulo will be added to the ideas of each of these contemporary authors. It is intended, thus, to describe the imagery and sensory elements captured in the shared dreaming of the analytic encounter, as well as to reveal the aspects theorized by each of these authors. To these colorful excerpts on the mental screen of the researcher/analyst will be attributed the name of analytic pictographs. In this vein, the research favors a greater understanding of *reverie* as a concept that phenomenizes itself in the analytic encounter, as well as promoting an important debate that contributes to the expansion of contemporary psychoanalytic theory and practice.

Keywords: *Reverie*, Intersubjectivity, Shared Dreaming, Psychoanalysis, Contemporary Psychoanalytic Clinic.

Entre pénombre et étincelles: les nuances de la rêverie dans la rencontre analytique

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objectif principal de présenter, à travers une étude théorique et clinique, une réflexion sur l'expérience de la rêverie, en examinant comment elle se produit et comment elle contribue aux transformations en analyse. Un fragment clinique inaugure le chemin parcouru dans cette recherche. L'expérience clinique avec le patient Paulo, intitulée "Acertando a 'pega'", vise à accompagner et à éclairer le parcours de la lecture, en encourageant le lecteur à "rêver" les concepts à la lumière de la situation analytique, car c'est précisément là que la rêverie se phénoménalise. Ensuite, l'étude théorique sur le sujet part des idées de Bion et s'étend aux auteurs contemporains tels que Thomas Ogden, Antonino Ferro, le couple Rocha Barros, Marina F. R. Ribeiro, Giuseppe Civitarese et le couple Botella, qui ont produit d'importantes réflexions sur la rêverie et l'intersubjectivité en clinique psychanalytique. Cette recherche vise donc à comprendre le mouvement vivant et continu que le concept de rêverie comporte dans le vaste champ théorique de la psychanalyse, ainsi qu'à vérifier ses développements en clinique contemporaine. Des fragments assemblés en petits morceaux de l'expérience émotionnelle vécue avec Paulo seront ajoutés aux idées de chacun de ces auteurs contemporains. Il est donc prévu de décrire les éléments imagés et sensibles capturés dans le rêve partagé de la rencontre analytique, ainsi que de révéler les aspects théorisés par chacun de ces auteurs. Ces morceaux colorés sur l'écran mental de la chercheuse/analyste seront appelés pictographies analytiques. Dans cette optique, la recherche favorise une meilleure compréhension de la rêverie en tant que concept qui se phénoménalise dans la rencontre analytique, tout en favorisant un débat important qui contribue à l'expansion de la théorie et de la clinique psychanalytique contemporaine.

Mots-clés: Rêverie, Intersubjectivité, Rêve Partagé, Psychanalyse, Clinique Psychanalytique Contemporaine.



Figura 1

Ceci est la couleur de mes rêves - Joan Miró (1925)¹

Aos meus analisandos, que me permitem experimentar a turbulenta e instigante “pintura-poesia” do encontro analítico, com os quais minha tela mental é pintada de sonhos. Sonhos azuis, sonhos de variadas cores. Sonhos que pintam e bordam a experiência emocional. Cores que (re)criam, expressam, geram sentidos. Cores do incognoscível, do infinito; cores da transformação. Ceci est la couleur de mes rêves (Esta é a cor dos meus sonhos).

¹ Fonte: MIRÓ, Joan. *Ceci est la couleur de mes rêves*. 1925. Óleo sobre tela, 54 x 65 cm. Coleção Peggy Guggenheim, Veneza, Itália.

A linguagem do sonho não está nas palavras, mas sim antes delas. Nela, as palavras são produtos acidentais do sentido, no qual se encontra a continuidade sem palavras de um fluxo. O sentido se esconde dentro da linguagem dos sonhos na maneira em que o faz uma figura dentro de um desenho misterioso.

Walter Benjamin

AGRADECIMENTOS

*Ela acreditava em anjo e,
porque acreditava,
eles existiam.*

Clarice Lispector

“Sonhe com os anjos!” Desde menina, ao ouvir essa frase, ia me deitar tranquila. Mesmo sem entender muito bem quem eram os tais anjos, acreditava que fossem criaturas benevolentes que zelariam por mim e, assim, eu dormiria bem.

Sou atravessada por essa mesma sensação quando penso na trajetória deste mestrado. Eu diria que pude, aqui, revisitar aquela sensação de "sonhar com os anjos". Sim, o mestrado era um sonho que me acompanhava desde a graduação e eu pude vivê-lo plenamente neste momento, quando acompanhada por anjos. Alguns deles já bem conhecidos, outros que surgiram em meu caminho e tiveram uma importante missão: a seu modo, cada qual cuidou de mim, do meu processo, de minhas emoções, meus medos e inquietações. Anjos generosos, que tantas vezes me guiaram, protegeram e ampararam, estiveram comigo ao longo do caminho, deixando-o mais bonito, colorido e instigante. Com tais anjos, pude sonhar e viver intensamente esse sonho.

Meus pais, anjos-reis, para além de tantas coisas essenciais, também me deram asas. Possibilitaram-me escolher caminhos e sempre me apoiaram a segui-los. Sabiam que em meio a minha rotina frenética e tresloucada, havia uma filha feliz, fazendo exatamente o que queria. Muito obrigada por tudo.

Gustavo, anjo-da-guarda, que me protege e zela por mim. Agradeço por tolerar as (não poucas) turbulências emocionais ao longo desse percurso, por estar sempre disposto a ajudar, me dar espaço quando preciso e me suportar (no sentido mais terno). Obrigada pelo amor, pela parceria e por se alegrar ao me ver feliz.

Minhas sobrinhas e afilhadas, Alice e Pietra, obrigada pelo elo espontâneo, pela doçura desse amor verdadeiro e vitalizante.

Aos anjos-estrela-guia, Eduardo Romão e Philippe Petersen, agradeço por tão generosamente me ajudarem com os primeiros passos dessa caminhada. A amizade e a solicitude de vocês foram essenciais.

Ao querido Péricles Pinheiro Machado Jr., anjo-amigo, que acolheu tão carinhosamente meu projeto de pesquisa, ainda embrionário, e me ajudou a pensar maneiras de fazê-lo crescer e nascer.

Às queridas Fátima Flório Cesar e Maria Angélica Braga de Oliveira e Alves, agradeço imensamente por me acolherem tão afetivamente em seus grupos de estudos e me permitirem experimentar trocas fecundas que me instigam a aprender sempre mais. Obrigada pelo suporte teórico (e afetivo) desde os primeiros passos do projeto de pesquisa e por serem uma inspiração na psicanálise e na vida.

Aos amigos Ivy Semiguem, Luciene Fogaça e Pedro Marky-Sobral, agradeço o apoio e incentivo durante minha preparação para o processo seletivo e ao longo da trajetória acadêmica.

À querida Sônia, que atravessou comigo desertos, tempestades, mas também me acompanhou quando o cenário era paradisíaco e cheio de vida. Obrigada pela continência, pela afetividade, pela abertura e disponibilidade para me ajudar a pensar meus pensamentos e sonhar meus sonhos. Não teria sido nada fácil sem sua companhia. Obrigada por tanto.

Às preciosas amigadas, por me permitirem compartilhar as agonias do percurso, mas também dividir as alegrias (que foram muitas). Vocês tiveram um papel essencial e me deram muito mais do que podem supor. Em especial:

Mon "amie-sœur", Carole et Ghjuvan, un vrai cadeau de l'univers dans ma vie. Vocês foram luz, brisa, festa, abrigo, colo, amor e vivacidade. Fizeram parte de cada etapa desta jornada, desde o momento no qual ela ainda era "la désirée". Agradeço por terem vibrado comigo a cada passo. Je vous en remercie éternellement!

Minhas amadas amigas Ana Carolina, Camila, Hellen, Simone, Sueli e Renata, nossas partilhas são bálsamo. Com vocês aprendo, me divirto, me emociono. Obrigada por aquecerem minha alma com sua companhia amável nesta travessia inquietante, fascinante e transformadora da clínica psicanalítica e da vida.

Minhas amigas-parceiras do consultório: Cris, Patrícia, Moema e Rosana. Uma relação que não coube dentro das paredes da clínica. Expandiu para o coração. Que alegria contar com o apoio, a torcida e a amizade de vocês.

Aos amigos tão especiais, Soraia e Márcio, agradeço por terem compreendido tantos convites recusados e tantos finais de semana em clausura acadêmica. As infinitas qualidades dessa amizade nos fazem seguir ainda mais fortalecidos em afeto e parceria.

À Juliana Caldas, por me inspirar a desbravar e desfrutar dos encantos da experiência emocional letrada e por me apresentar ferramentas com as quais pude construir uma escrita na qual quem me lê possa me sentir, me ouvir, e encontrar, pela via das palavras, minhas ideias e afetos.

Em todo sonho há um cenário, e este teve seu "chão" no solo fecundo do núcleo de pesquisas em Psicanálise, intersubjetividade e configurações vinculares do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Uma honra ter semeado e cultivado meu sonho neste espaço tão potente, referência em estudos psicanalíticos.

Agradeço à Cláudia Rocha, secretária do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, a quem admiro pela competência e disponibilidade em sempre nos auxiliar tão prontamente com as questões acadêmico-administrativas.

Aos queridos amigos do grupo de pesquisa, anjos-de-luz, que me iluminaram com suas ideias preciosas e construíram comigo cada pedacinho, cada cena, cada colorido deste sonho. Bruno, Camila, Coda, Cris, Davi, Fátima, Gabi, Ivy, Jac, Janderson, Laís, Marina Abud, Maysa, Peco, Pedro, Rachele, Taís, Thaís Mariana e Victória, muito obrigada por terem sido presença viva, constante, criativa e amorosa nesta trajetória compartilhada. Agradeço pela disponibilidade, pela leveza e por tanto afeto. Vocês são únicos. Um grupo humano, potente, amigo. Da USP para a vida!

À banca examinadora mais generosa e brilhante que eu poderia ter: os professores Gina Tamburrino, Ludmilla Tassano Pitrowsky e Nelson E. Coelho Jr. Agradeço por aceitarem tão prontamente meu convite para contribuir com meu trabalho, pela gentileza e receptividade, e por partilharem comigo seu tempo e conhecimento. Vocês são verdadeiros anjos em minha jornada. Muito obrigada.

E meu agradecimento mais expressivo, terno e amoroso à Prof.^a Marina Ribeiro, uma orientadora humana, sensível, parceira e competente. Querida Marina, este sonho só pôde ser realizado porque você acreditou nele, acreditou em mim. Obrigada por ser esse anjo que nos guia, protege, encaminha e abre tantas portas. A você, minha admiração, amizade e gratidão eterna. Sou muito privilegiada por ter sido aceita e tão amorosamente recebida por você.

Assim, chego ao final desta experiência transformadora, acreditando que nossos sonhos nos permitem ampliar nosso mundo, expandir nossos pensamentos, ganhar espaço e recursos internos para sonhar ainda mais. É como me sinto neste momento: cheia de novos sonhos.

O traçado e os contornos: uma introdução

Nenhum sonho se pode contar. Seria preciso uma língua sonhada para que o devaneio fosse transmissível. Não há uma ponte. Um sonho só pode ser contado num outro sonho.

*Mia Couto
(O outro pé da Sereia)*

Contar um sonho a partir de um outro sonho, através de uma língua sonhada... A ideia apresentada na epígrafe de Mia Couto nos faz pensar sobre o sonhar compartilhado. Sonhar acordado, devanear... É exatamente aí que se encontra a chave do que se pretende investigar nesta pesquisa: a experiência da *Reverie*.

O interesse em estudar o tema se deu por meio de inquietações experimentadas na clínica. A análise, em toda sua complexidade, coloca-nos (como analistas e como analisandos) diante do enigmático, numa relação exclusiva de confiança e intimidade na qual o analista implicado se lança ao incognoscível da experiência emocional. Nesse contexto, entre tantas questões relevantes, surge o desejo de investigar a fundo o fenômeno da *reverie*, conceito ainda pouco explorado academicamente², que traz consigo profundas reflexões sobre a importância da intersubjetividade³ na clínica psicanalítica.

²Com base numa pesquisa realizada entre as produções acadêmicas, tanto em território nacional quanto internacionalmente, ainda hoje existem poucos trabalhos que se dedicam a estudar o fenômeno da *reverie* como tema central.

³Ainda que o termo intersubjetividade abarque diferentes concepções e sentidos, neste trabalho o uso do termo tange aos processos intersubjetivos em seu caráter mais amplo, que dizem respeito ao estabelecimento de uma comunicação inconsciente entre mentes. Figueiredo e Coelho Jr (2012) descrevem a (co)existência de quatro dimensões da intersubjetividade: a intersubjetividade trans-subjetiva (Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty); a intersubjetividade traumática (Lévinas); a intersubjetividade interpessoal (G: H. Mead); e a intersubjetividade intrapsíquica (Freud, Klein, Fairbairn, Winnicott). Os autores destacam entre elas algumas interessantes distinções, ainda que, segundo os autores, todas elas coexistam simultaneamente nos diferentes processos de constituição subjetiva, que indicam diferentes dimensões de alteridade.

Se traçarmos um brevíssimo percurso etimológico da palavra *Reverie*, percebemos um interessante movimento de um simples vocábulo corriqueiro que vai ganhando elementos representacionais que lhe dão corpo, forma e conotações conceituais.

Iniciemos pela raiz francesa da palavra “*rêverie*”⁴, na qual “*rêve*” significa sonho, *rêver* (verbo): sonhar. Na língua inglesa, a palavra “*reverie*” descreve um estado de mente em que é possível se perder nos próprios pensamentos. Na música, refere-se a um estilo de composição que alude a um devaneio.

No campo psicanalítico, vemos uma menção ao estado de devaneio como uma forma de “sonho diurno” em Freud no texto *Escritores criativos e devaneios* (1908/1980). Passagem na qual o autor compara o escritor criativo às pessoas que divagam, sonham acordadas, pessoas com mentes imaginativas, e levanta uma importante questão, indagando se o escritor imaginativo e suas criações podem ser comparados ao que chama de “sonhador em plena luz do dia” e seus devaneios (p. 154).

Mais de meio século depois, em 1962, em seu livro *O aprender com a experiência*, Wilfred Bion apresenta com maior profundidade teórica o pensamento onírico de vigília, retomando essa ideia de sonho diurno. Nessa perspectiva, enredado pela alusão de que os devaneios seriam frutos da capacidade imaginativa da mente, o autor introduz o vocábulo “*reverie*” na psicanálise para descrever a capacidade da mãe de captar e dar continência aos conteúdos do mundo interno do seu bebê. Segundo o autor (1962), a *reverie* refere-se a um devaneio, a capacidade de *reverie* seria, assim, um estado de sonho da mente. É a capacidade da mãe de receber, acolher, decodificar, significar, nomear conteúdos inconscientes e devolvê-los devidamente metabolizados ao seu bebê.

Ainda que apresentado originalmente à comunidade psicanalítica por Bion, o termo *reverie* ganha *status* de conceito somente a partir das teorizações pós-bionianas. Mesmo que Bion já considerasse analista e analisando como uma díade, um campo bipessoal, foram os autores sucessores que passaram a contemplar o conceito aproximando as díades mãe-bebê e analista-analisando e a pensá-lo no contexto da intersubjetividade na clínica psicanalítica.

⁴Encontramos nas referências sobre o tema, o termo *reverie* usado com acento, *rêverie*, quando se remete ao termo em francês, e sem acento quando o usado no original em inglês. Para essa pesquisa escolhi utilizar o termo sem acento, porém é possível que a forma *rêverie* apareça em algumas citações diretas.

A fim de compreender o movimento vivo e contínuo que o conceito comporta dentro do vasto campo teórico psicanalítico e verificar seus desdobramentos na clínica contemporânea, este trabalho tem o objetivo principal de apresentar, por meio de um estudo teórico-clínico, uma reflexão sobre a experiência da *reverie*, investigando como ela ocorre e de que forma contribui para as transformações em análise.

No percurso desta pesquisa, algumas questões têm se apresentado como prementes: Qual é a definição de *reverie* em Bion e como o conceito vem sendo ampliado teoricamente no que se refere à experiência na clínica psicanalítica contemporânea? Existem condições específicas para que a *reverie* aconteça? Seria a *reverie* uma produção da mente do analista ou uma criação intersubjetiva oriunda da experiência emocional em análise? Como poderia a *reverie* deixar "à deriva" e, ao mesmo tempo, auxiliar na criação de caminhos, sentidos e transformações na dupla analítica?

É interessante perceber como pode um conceito ser continente de tantos movimentos delicados, sensíveis e genuínos. Como tal, para que possamos alcançar uma compreensão que abarque a amplitude de sutilezas e obliquidades que a *reverie* comporta no que se refere à relação analítica, este trabalho apresenta, já em seu início, um relato da experiência clínica com Paulo, intitulado *Acertando a "pega"*. O intuito é que a experiência clínica narrada possa acompanhar e iluminar o percurso da leitura, embalando o leitor para que "sonhe" os conceitos à luz da situação analítica, pois é exatamente nela que a *reverie* se fenomenaliza.

Para contextualizar o caminho histórico do conceito, o capítulo 1 destina-se ao nascedouro da *reverie* no pensamento de Bion, ainda como um proto-conceito. Como um terreno vasto, de solo fértil e em constante expansão, a teoria psicanalítica é um campo no qual os conceitos são germinados, cultivados e colhidos, um campo que está sempre sendo renovado, a cada estação, trazendo novos cruzamentos de sementes e conseqüentemente, produzindo novas safras de colheita. Isso ocorre pois o campo psicanalítico é vivo, dinâmico e, dessa forma, propício para uma produção ampla e infinita.

O capítulo 3, "O cerzido teórico-clínico da *reverie* nas formulações de autores contemporâneos", pretende acompanhar a expansão conceitual acerca do fenômeno da *reverie* pela perspectiva de autores que têm produzido importantes formulações sobre o tema. Serão privilegiados nesta pesquisa Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina F. R. Ribeiro, Giuseppe Civitaresse e o casal Botella. Suas formulações versam sobre as experiências intersubjetivas no processo analítico.

A fim de trazer ao leitor uma experiência teórico-clínica, “A tessitura das pictografias analíticas⁵: um ponto, alguns alinhavos”, são apresentados pequenos recortes do trabalho clínico com Paulo, com o objetivo de descrever elementos imagéticos e sensitivos captados por meio das *reveries* vividas no encontro analítico. A esses recortes, “sonhantemente” coloridos na tela mental da pesquisadora/analista, será proposto o nome de “pictografias analíticas”, termo que contempla um cerzir teórico-clínico, tecido pelos conteúdos imagéticos e sensíveis dos fenômenos clínicos, entremeado com os lampejos conceituais desenvolvidos pelos autores pós-bionianos apresentados neste capítulo, enredando algumas especificidades sobre os processos intersubjetivos que circundam a análise.

As pictografias analíticas propostas neste capítulo serão desenvolvidas a fim de embrenhar aspectos conceituais à experiência clínica, na expressiva, dinâmica e envolvente dança da intersubjetividade na situação analítica, contemplando, assim, o viço da experiência emocional diante do fenômeno da *reverie*, antes mesmo da criação da imagem. Os recortes clínicos revelam que esse processo parte de uma experiência que nos convoca a estar à deriva, em um estado de hospitalidade capaz de transformar a impressão sensorial em imagem pictográfica, tolerando o não saber e aguardando, como um ato de fé⁶, os sentidos que poderão surgir por meio da metabolização do incognoscível.

O analista se torna, desse modo, a própria captação do pictograma⁷, pela ampliação de sua capacidade de escuta de seu analisando para além do audível, sendo um importante instrumento para a construção intersubjetiva de sentidos e transformando a *reverie* em algo que possa ser pensado. Assim, as pictografias analíticas – essas imagens⁸ “transvisuais”, criadas imaginativamente – abrem caminhos para a expansão de pensamentos que passam a ser comunicados e geram transformações da/na dupla analítica.

⁵ O termo “pictografias analíticas” foi escolhido pela pesquisadora, pois a palavra “pictografia” corresponde a um sistema primitivo de transcrição em que ideias são expressas por meios de desenhos ou figuras simbólicas. Portanto, denomino “pictografias analíticas” os recortes clínicos a partir dos quais formulam-se as construções teórico-clínicas das imagens pintadas na tela mental da analista, as *reveries*.

⁶ O “ato de fé”, segundo Bion (1970) é a capacidade do analista de esperar que algo possa emergir e dar um sentido à experiência emocional. É um ato “científico” de tolerar o não saber. Para o autor, é necessário que o analista abra mão de memória e desejo, e que tolere o incognoscível, até que os sentidos se mostrem.

⁷ O termo “pictograma” é usado por Piera Aulagnier (1995, p.41) quando descreve os três processos de metabolização (ou funcionamento) da psique – o processo originário, o processo primário e o processo secundário –, cujas representações seriam, respectivamente, a representação pictográfica ou pictograma, a representação fantasmática e a representação ideativa.

⁸ Aqui a palavra “imagem” é usada para se referir a algo da ordem da “imaginação”, da capacidade imaginativa da mente.

O subtítulo “*um ponto, alguns alinhavos*” não sugere uma costura propriamente dita, pois o conceito de *reverie* é vivo, não se apresenta, portanto, com pontos fechados, em *overlock*. A ideia aqui é mostrar que a *reverie*, enquanto conceito, se faz nas (e das) entrelinhas, e os diferentes vértices propostos pelos autores apresentados nos ajudam a ampliar a sua compreensão, tanto conceitualmente como também em sua implicação clínica. A proposta é evidenciar como cada um dos autores estudados, com suas contribuições autorais e por diferentes vieses, ajuda a pensar o fenômeno clínico de acordo com algumas particularidades experimentadas na situação analítica.

As considerações finais deste trabalho, “Entre penumbra e centelhas, do incognoscível às transformações, da linha solta ao bordado”, convidam o leitor a se abrir para o pensamento paradoxal: penumbra e centelhas são opostos que se encontram numa dinâmica viva e transformadora. Como pode a *reverie* deixar “à deriva” e, ao mesmo tempo, auxiliar na criação de caminhos, sentidos e transformações na dupla analítica? De que maneira o fio solto, como numa obra de arte aberta, se transforma numa bordadura confeccionada intersubjetivamente? De que forma o conceito de *reverie* vem sendo ampliado teoricamente e como cada autor contribuiu no que concerne à experiência clínica da *reverie*?

Aqui o intuito não é concluir, no sentido de supor um fechamento, tampouco decifrar o conceito de *reverie*, mas sim abrir espaço para uma reflexão que versa a amplitude de caminhos para se pensar a *reverie* e as transformações em análise. De todo modo, ainda que não haja a intenção de promover um esgotamento sobre o tema, ao pensarmos nos diferentes vieses teórico-conceituais engendrados no conceito de *reverie* pelos autores pesquisados, podemos identificar alguma conformidade quanto a sua aplicabilidade clínica? Propõe-se, portanto, analisar se haveria uma concordância em considerar que, por meio da *reverie*, o campo pode tornar-se ainda mais transformador para o processo analítico.

Nota-se que um conceito complexo como a *reverie*, tanto teórica quanto clinicamente, demanda um estudo cuidadoso e apurado, pois ele não pode ser considerado designativo de um processo analítico, com um sentido e propósito únicos e invariáveis. Ao contrário, é um fenômeno alusivo, que incita o início de todo um processo que abarca inúmeros movimentos intersubjetivamente experienciados: intuição, criação, imaginação, penumbra, trevas, enigma, tolerância à frustração, fé, centelhas, sentidos, transformações.

Isso posto, não há aqui um propósito de esgotar a definição do conceito ou de decifrar a experiência da *reverie*. Intenta-se, sim, ampliar o olhar para as incontáveis possibilidades de

representação deste que é um fenômeno vivo e eminentemente intersubjetivo, que engloba e incita, portanto, uma infinidade de experiências emocionais para a dupla.

Como o eixo organizador desta pesquisa é atravessado pela experiência clínica, também será utilizado um material clínico, cuja extração de fragmentos será escrita a partir de uma dimensão ficcional (Tanis, 2015). É o que nos propõe Ogden (2010), quando sugere que "o autor analista está sempre colidindo contra uma verdade paradoxal: a experiência analítica (...) deve ser transformada em ficção (uma versão imaginativa de uma experiência em palavras), para que a verdade da experiência seja transmitida ao leitor." (p.140)

A utilização dos recortes clínicos tem o objetivo de iluminar e dar vida à *reverie*, conceito espectral, muitas vezes fugaz e, como tal, difícil de ser definido. Desse modo, a narrativa clínica torna-se crucial, pois nos ajuda a recorrer à nossa capacidade imaginativa de apreender a experiência analítica para sermos então capazes de vislumbrar as repercussões da *reverie* dentro do campo psicanalítico, e conseqüentemente, nos abriremos para as reflexões teóricas que dela emergem. Dessa maneira, podemos considerar que a relação entre teoria e clínica é percorrida em uma via de mão dupla, por meio da qual ambas se ligam, se cruzam, uma permite o acesso à outra. No caso conceito estudado, a *reverie*, este colabora para iluminar e dar sentido ao fenômeno clínico. Para tanto, dentro desta perspectiva ficcional, e sem deixar de lado a verdade emocional vivida na sala de análise, será apresentado um caso clínico que retrata a experiência da *reverie*.

Com o intuito de atrelar a experiência emocional ao conceito, fragmentos da experiência analítica vivida com Paulo serão trabalhados nos demais capítulos, a fim de iluminar a compreensão do fenômeno tendo as teorias como base para tais processos. Por se tratar de um estudo de natureza teórico-clínica, na sequência da apresentação do caso clínico, partiremos para uma revisão bibliográfica acerca do conceito de *reverie*, buscando defini-lo teoricamente, bem como ampliar sua compreensão a partir da clínica.

Portanto, além de um estudo sistemático sobre as formulações teóricas deste conceito psicanalítico, será também objeto de estudos a reflexão sobre questões pertinentes ao campo constituído pela dupla analista-analisando, caracterizando, assim, o "método psicanalítico", como definido por Figueiredo e Minerbo (2006, p. 261-262).

Considera-se a psicanálise um método de pesquisa, pois ela possibilita, tanto na prática clínica quanto na investigação teórica, a expansão do conhecimento psicanalítico. Assim,

possibilita ao psicanalista se manter num papel constante de pesquisador por meio de uma investigação profunda do inconsciente. Ribeiro, Flores e Ramos (2022) utilizam o termo *fragmento intersubjetivo* para representar, dentro do método psicanalítico, um fragmento derivado da experiência analítica, que é o que se tornará o objeto a ser pesquisado, e que envolve (e afeta) o pesquisador-psicanalista.

Os conceitos investigados em uma pesquisa em psicanálise atuam, assim, como ferramentas para uma compreensão de fenômenos intra e intersubjetivos. A atividade analítica amplia o potencial dessa atuação para uma formação contígua de pesquisador. O analista e pesquisador se afinam e convergem simultânea, cuidadosa e intensamente.

Freud (1923/2011) já definia a psicanálise como um método de pesquisa, sendo que a prática clínica, a teoria e a investigação se apresentam em constante articulação. Portanto, enquanto método de investigação, implica num exercício no qual a pesquisa é constitutiva da situação analítica, ou seja, o psicanalista é sempre um pesquisador do funcionamento psíquico e suas manifestações.

Assim, a psicanálise se torna um método em constante expansão, que exige do analista um papel ativo e implicado com os movimentos inerentes ao processo analítico.

A arte da análise não só requer que lutemos com a questão de criar um lugar em que analista e analisando possam viver, mas também que desenvolvamos o uso de uma linguagem adequada para dar voz à nossa experiência de como é a vida nesse lugar sempre cambiante. (Ogden, 2013, p.27-28)

No trecho acima mencionado, Thomas Ogden apresenta a visão de uma psicanálise viva e criativa, que nos convida a estarmos abertos ao movimento cambiante da vida para que, assim, a análise possa se tornar, tanto para o analisando quanto para o próprio analista, um acontecimento humano. Pensar sobre o que ocorre no espaço intersubjetivo da análise amplia e reforça a compreensão, bem como a relevância, das experiências emocionais vividas conjuntamente pelo par analítico, ultrapassando a perspectiva de que o propósito da análise é exclusivamente a função de interpretar a transferência ou de revelar o inconsciente.

Espera-se que as investigações propostas nessa pesquisa alcancem um aprofundamento teórico e promovam repercussões no espaço analítico que favoreçam a problematização teórico-clínica sobre o conceito de *reverie*. Assim, pretende-se contribuir para que novas pesquisas avancem em estudos que articulem teoria e clínica, abrindo caminho para o surgimento de profícuas formulações sobre a intersubjetividade na clínica psicanalítica contemporânea.

Acertando a pega: uma experiência clínica para "sonhar" conceitos

*Em meio ao breu, um devaneio, um
pensamento-sonhante,
À deriva, entregue a imagens, sons, ideias,
sensações...
Súbito, desconexo, desconcertante.
Quimeras de sentido no âmago das emoções,
De um "estar com" implicado,
A um "sonhar com" pujante
Do incognoscível, ao passível de ser pensado:
criações.⁹*

Aguardava-o para nosso primeiro encontro. Já se podia ouvir sua presença ruidosa da sala de espera. Toques incessantes de um telefone, dois talvez, que me pareceram receber assuntos de trabalho. Ouvia-se claramente sua voz grave, imponente. Recebe-me com um sorriso simpático quando chego para recepcioná-lo, e observo todo um acrobatismo: guarda celular, pega as chaves, ajeita o cabelo, acerta a camisa para dentro das calças. Assisto a seu movimento sem me inquietar. Espero e, por fim, estava pronto.

Enquanto caminhávamos até a sala de análise, em uma fração de segundos me veio à mente: "Onde está a mãe? Ele veio sozinho". Imediatamente me dei conta de que não seria a análise de uma criança. Já sabia que Paulo, o novo analisando, era um adulto. Ainda assim me "confundi", o que me gerou um certo desconforto.

Já no início, Paulo disse que não sabia se conseguiria ficar em análise, pois seus horários eram muito complicados. Agitado, mexia-se o tempo todo na poltrona. "Senti" que Paulo estava com calor e, ainda que a temperatura da sala me parecesse amena e confortável, reajuste-i-a.

Achava que não precisava de análise, mas que seu médico insistiu muito e, mesmo morando em outra cidade, decidiu vir me procurar. Disse (quase sussurrando de tão baixo):

⁹ O poema é fruto de um devaneio expresso em palavras, criado na mente da analista/pesquisadora a partir da experiência emocional oniricamente vivida com Paulo, cujo relato clínico será apresentado neste capítulo, narrado por meio de uma 'escrita analítica ficcional' (Tanis, 2015).

"Dr. Reis recomendou que a análise fosse feita com voc...", e logo, chacoalhando a cabeça num gesto bastante constrangido, corrigiu dizendo: "Quer dizer, por você".

Chamou minha atenção quando Paulo (quase) pronunciou "com você". Meu pensamento então vagou novamente para aquela impressão inicial do encontro, momento no qual eu havia sentido que a mãe não estava presente. Parecia ser um esboço de um pensamento, ainda rarefeito e desconexo, mas nítido em minha mente. Era como se aquele pensamento disforme fora criado e estivesse lá para ser encontrado. Mesmo bastante incomodada com esses pensamentos e sensações, não me empenhei em entendê-los, tampouco em interpretá-los.

Foi um trabalho árduo fixarmos um dia para a análise. Pude sentir que a questão era acerca da indisponibilidade psíquica para esse encontro comigo e com ele mesmo. Fiz manobras das mais inéditas e inimagináveis com minha agenda. Mexe daqui, ajeita de lá... manejos variados tentando viabilizar, ir ao encontro, oferecer o que ele, com muita dificuldade, estava buscando. Horário acrobaticamente acertado, possibilitamos a oportunidade para ambos estarmos naquele espaço analítico.

Nas primeiras sessões, houve uma recusa ao divã, e mesmo frente a frente, parecia evitar o meu olhar. Celulares sempre ligados: toques, alertas, vibrações. Em meio a tantos sons, tive a impressão de escutar ao fundo um *tique-taque, tique-taque...* Olho discretamente para meu relógio, mas não vinha dali. Tão menos do dele, pois não estávamos assim tão próximos. Meu superego cruel novamente me aterrorizando por estar me "distraindo" tanto naquela sessão. Arrazoando, na tentativa de ponderar o imponderável daquele instante, penso: talvez seja a agitação de Paulo. Hoje percebo que não somente.

Ele conta, rindo, que fora obeso desde que se entende por gente e diz: "Sempre fui esse poço", referindo-se à expressão "rolha de poço", devido ao sobrepeso. A palavra "poço" ficou ecoando em minha mente, ocorrendo-me uma imagem: um poço sem fundo, vazio, escuro, seco. Desconforto e um intenso sentimento de preocupação e cuidado me invadiram.

Conta que seu médico lhe dissera que poderia morrer a qualquer momento devido à obesidade. "Sou uma bomba-relógio". Num estalo, lembro-me do tique-taque que ouvira em sua presença. Algo se revelou em minha mente antes que fosse dito. Sentia claramente Paulo como uma bomba-relógio. Aquele devaneio mostrou que estávamos conectados, nossas

mentes se comunicavam para além das palavras ditas. Nas entrelinhas, no ar, no espaço "entre", algo estava sendo captado. Algo humano.

Paulo conta que, pela primeira vez, sentiu medo de morrer. “Acho que sou bem frio para algumas emoções. Só o perigo me estimula, por isso sou viciado em aventura”. Conta que qualquer coisa que experimente e lhe traga prazer o faz perder o controle, aquilo torna-se um vício. Será então que aquela relutância em iniciar a análise teria sido reflexo do medo da dependência? O receio de ir ao divã traduziria o medo de deixar-se levar e perder o controle? O medo de morrer teria sido, mais uma vez, 'estimulante' e ter mobilizado Paulo a buscar ajuda, ainda que a sensação de ser cuidado pudesse lhe ser tão desconfortável?

Considera-se um “dependente-potencial”, termo criado por ele, referindo-se à facilidade com que se torna dependente de “coisas” que o façam se sentir bem (e vivo, imaginei). Algo daquela expressão me atravessava bruscamente e me tocava. Ouvia-o cunhar-se de uma forma estereotipada e pejorativa, mas me soava tão vibrante que curiosamente conduzia meus pensamentos à ideia de vida, de "centelha vital". Mas por quê, quando, na verdade, falávamos de vícios e destruição? Senti-me intrigada, porém não desconcertada, como se houvesse ali um sentido (ainda não apreendido) naquele pensamento tão incongruente.

Em algum momento da análise disse a ele como me parecia que todas as obrigações de trabalho, por mais tensas e estressantes que fossem, também eram sentidas como confortáveis e satisfatórias, e que para ele era mais aceitável e seguro que outros dependessem dele, e não o contrário.

Neste momento seus olhos me fitaram, arregalados, como se ouvisse algum segredo que acabara de ser revelado. Ficou alguns instantes calado, olhando para lugar nenhum. Então, sorriu e disse: “Que esquisito...acho que já sonhei com você me falando exatamente isso. Mas o estranho é que eu não me lembrava disso antes, e na verdade, nem agora... mas é como se eu já tivesse escutado isso... só pode ter sido em algum sonho”. Pensei comigo: Então já era algo que estava ali, mesmo antes de ser dito. Um pensamento sem pensador¹⁰, em termos

¹⁰ Bion (1977), em *Domesticando Pensamentos Selvagens*, define os pensamentos selvagens como uma espécie de pensamento “sem pensador”. Pensamento selvagem é o nome dado por Bion a um pensamento que precisa ser domesticado para ser incorporado pela pessoa. Pode emergir como ‘sonhos estranhos’ em busca de um pensador para sonhá-los. Esses pensamentos poderão ou não ser acolhidos, seja pela mente do paciente, seja pela do analista. Vai depender da condição da dupla de desenvolver uma continência para que as vivências terríficas possam ser contidas e vivenciadas, naquele momento do encontro analítico. Ou seja, somos vividos pelo pensamento e só podemos conhecê-lo à medida em que nos colocamos unidos a ele. O conhecimento é adquirido pela vivência no aprender com a experiência e não pela informação.

bionianos. Algo que é primeiro sonhado, depois vivido. Não eram mais os meus sonhos ou os dele. Não era possível discernir o que vinha da analista ou do analisando. Sonhávamos a dois. Sonhávamos a sessão.

Na sessão seguinte foi ao divã. Começou me contando que já fora viciado em cocaína. Não se orgulhava dessa fase da vida. Disse que demorou para admitir ser viciado, e só se deu conta após um “apagão”, no qual ele não sabia mais quem era. Disse que o desconforto com essa situação foi tão intenso que parou de uma vez, e até hoje não acredita como conseguiu “tão fácil”. Eu digo que talvez o impacto de não ter se reconhecido, de ter se desconectado de si mesmo devia ter sido muito ameaçador, muito terrível. Ele concordou com a cabeça, sentou-se no divã, virou-se para mim... me olhou nos olhos (como não havia feito de uma forma tão direta até então) e começou a chorar, como jamais fizera antes. Eu disse que ele estava seguro, que podia chorar. O choro continuou por algum tempo, depois foi se acalmando, até que se acomodou novamente no divã.

Disse então que lhe veio à mente uma ideia bastante perturbadora, que mesmo parecendo uma fantasia, naquele instante tornou-se muito real, “tão concreto, que era como se pudesse tocar a lembrança com a mão”. Recordou-se de estar no colo da mãe e ela não segurá-lo, não envolvê-lo... Lembrava que era bem pequeno, mas não conseguia precisar o quanto. Tinha a sensação constante de que iria cair, era uma agonia muito intensa.

Conta que a vida toda a mãe fora distante, nada afetiva ou acolhedora. Desde pequeno sentia uma coisa estranha... Era como se seu corpo não tivesse muito contorno quando estava no colo da mãe, como se estivesse escorregando o tempo todo, ou que algo dele estivesse escorrendo sem ser contido, não sentia que havia uma sustentação. "Lembro que minha mãe não olhava muito para mim. Aliás, nunca olhou."

Paulo sempre foi uma criança muito inteligente, era destaque na escola em todos os anos e fases escolares. Os professores o elogiavam para sua mãe nas raras vezes que ela comparecia às reuniões. Ela dizia: “Nem tem necessidade de ir. Sempre falam a mesma coisa”.

Os méritos na escola não o fizeram ganhar prestígio ou o afeto materno, porém, entre seus colegas, era muito requisitado para explicar conteúdo e participar de grupos nos trabalhos. Conta que a atenção dos colegas foi seu refúgio. Diz nunca ter pensado nisso, mas que parecia realmente mais fácil para ele que os outros dependessem dele, como é o caso dos

sócios, da esposa, da filha, e dos próprios pais (que hoje não têm condições de se manterem com a aposentadoria).

Recordo-me que na sessão anterior, quando lhe fiz esse apontamento, Paulo me olhou assustado como se eu tivesse acabado de revelar um segredo inviolável, e me falou sobre a sensação de que eu já havia dito a ele exatamente aquilo, só que em um sonho.

Eu disse que aquela sensação experimentada na outra sessão mostrava que essa ideia já estava sendo revisitada em seus pensamentos ainda disformes, sem poderem ser pensados por si mesmo, daí a expressão de susto quando eu os tornei verbais, audíveis. A sensação havia sido impactante, porém extremamente conhecida para ele, pois era como se aquele pensamento já pairasse ali no espaço analítico, capturado de uma forma inconsciente e sutil, na intimidade do *setting*.

A confiança tecida entre mim e Paulo foi essencial para que ele pudesse se tranquilizar, apropriar-se daquele (ou criar aquele) espaço. A análise tornou-se um ambiente fecundo e possível para a experiência, para criar, poder ser, poder viver verdadeiramente entrar em contato com intimidade do cuidado, sem que se sentisse aterrorizado pelas memórias que a situação de dependência afetiva lhe causava.

Me recordo de um fragmento clínico intitulado “A Pega” (CESAR, 2019) que discorre sobre uma situação analítica em que a analista parecia viver com seu paciente algo semelhante ao que a mãe vive com o bebê na mamada inaugural, a “pega”, mobilizando-se a todo custo para atender seu paciente, satisfazer suas necessidades, num malabarismo para alcançá-lo.

Penso que o encontro com Paulo se iniciou a partir de uma “pega” muito complexa. Paulo virava para lá, virava para cá, inquieto, afoito. Mas enquanto fazia mil manejos acrobáticos em minha agenda ou quando ajusto a temperatura da sala de análise, numa tentativa de acolher seu desconforto, colocava-me disponível, receptiva, como uma mãe captando as identificações projetivas de seu bebê. Desde o primeiro instante daquele encontro havia algo incognoscível, comunicado entre as mentes da analista e daquele analisando, aquela criança intuída: Paulo-menino.

A experiência da *reverie* ocorre também na sensorialidade auditiva do *tique taque*, como se pudesse intuir um estado de explosão que estava por vir devido aos conteúdos caóticos do mundo interno de Paulo. Ao mesmo tempo em que explodir parecia significar destruir ou

fragmentar, havia uma forte impressão de que era preciso que uma explosão ocorresse. E realmente aconteceu, a partir de uma regressão esses conteúdos de terror puderam vir à tona.

As imagens e sensações criadas, ainda muito precocemente e sem que a analista tivesse contato consciente algum com o mundo interno do paciente, foram possíveis devido à capacidade de *reverie*. Foi a partir dessa abertura para o encontro analítico que um canal de acesso intersubjetivo aos conteúdos internos do paciente foi criado, permitindo que a dupla analítica pudesse processar os elementos impensáveis: o medo, a angústia, o desamparo, e a partir de então, possibilitar a capacidade de pensar e criar, caminho este fecundo para o estabelecimento de um espaço potente e transformador.

Capítulo 1

O nascedouro de um proto-conceito: a *reverie* em Bion

O principal interesse do analista deve ser pelo material do qual ele tem direto conhecimento: a experiência emocional das sessões de análise.

W.R.Bion

As contribuições de Wilfred R. Bion para a psicanálise representam muito mais do que a criação de uma teoria composta por um conjunto sistemático de conceitos inovadores. Com raízes e heranças kleinianas, o autor inaugura importantes reflexões, numa fase ainda bem inicial de sua obra, no que se refere aos processos de constituição e desenvolvimento da mente. Além disso, Bion se contrapõe à noção de que o modelo das escolas psicanalíticas e suas teorias devam embasar o trabalho clínico, como uma bússola. Conforme enunciado na epígrafe, para o autor, a experiência emocional vivida na situação analítica deve ser o guia para o trabalho do analista.

A teoria bioniana se apresenta por meio de uma obra ampla e complexa, da qual, para esta pesquisa, serão feitos alguns recortes pontuais que nos permitam abordar especificamente suas ideias sobre a *reverie*, que partem da escolha do termo. Segundo Sandler (2021), o vocábulo *reverie* não pode ser facilmente traduzido e contempla uma penumbra de associações que pode enrijecer e reduzir a apreensão do seu sentido. O autor sugere que Bion evoca no leitor a necessidade de buscar a mesma liberdade de sentidos que o termo *reverie* abrange na música ou na poesia: um estado de sonho, de devaneio.

Como propõe o poeta John Keats (1958), o único meio de fortalecer o intelecto é fazer da mente uma estrada aberta a todos os pensamentos, proibindo opiniões rígidas. Desse modo, a penumbra associativa deve ser evitada a fim de manter a mente livre para devanear, pensar o mais amplamente possível os pensamentos, deixá-los fluírem, divagarem. Talvez por isso o termo *reverie* seja tão interessante e complexo teórica e clinicamente, a começar pela amplitude de sentidos em sua própria etimologia.

Na obra de Bion, o termo *reverie* é citado pela primeira vez em 1959, ocasião em que o autor tentava ampliar a teoria freudiana dos sonhos, mencionando que não há indícios de capacidade de *reverie* em psicóticos (Sandler, 2021). Todavia, o termo teve de fato sua introdução no contexto psicanalítico nas formulações sobre a *Teoria do pensar*, publicado em 1962 em *Learning from experience*, na qual a capacidade de *reverie* pode ser compreendida como um estado de mente que representa uma capacidade de receptividade da mãe, que empresta sua função alfa¹¹ para conter os elementos ainda não-pensados na mente incipiente do bebê, para sonhar a experiência e produzir sentidos.

Diversos autores dentro do campo teórico psicanalítico consideram o papel da mãe (ou quem faça essa função) fundamental no início da vida do bebê. Entretanto, as ideias de Bion no que se refere à capacidade de *reverie*, além de promoverem uma maior compreensão sobre os processos de constituição do psiquismo, abriram espaço para que inúmeros outros psicanalistas pudessem pensar sobre uma expansão dessas funções para a experiência analítica. Vale lembrar que, em Bion, assim como a *reverie* não configura um conceito, mas um fenômeno, ela também não se relaciona a uma técnica, pois é uma experiência humana.

Bion menciona o termo *reverie* em sua obra quase *en passant*. No trecho abaixo, um dos raros momentos em que o autor se destina a definir o que a *reverie* representa, fica evidente a amplitude de movimentos psíquicos dos quais o conceito é continente:

O termo *rêverie* pode ser aplicado a qualquer conteúdo. Eu desejo reservá-lo apenas àquele que se infunde de amor ou de ódio. Nesse sentido restrito, a *rêverie* é o estado de mente de abertura a qualquer “objeto” oriundo do objeto amado e é, portanto, a capacidade de recepção das identificações projetivas infantis, sendo elas sentidas como boas ou más pelo bebê. Em suma, a *rêverie* é fator da função alfa da mãe. (1962, p. 36)

A *reverie* refere-se, portanto, à capacidade da mãe de acolher as identificações projetivas do bebê, metabolizá-las, para que tais elementos brutos projetados sejam, então, devolvidos ao bebê de uma forma que possam ser pensados.

¹¹Função alfa é a tarefa de metabolizar os elementos beta, transformando-os em elementos alfa, elementos que, por sua vez, ainda não têm significado por si só. A partir da *reverie*, os elementos alfa passam por outra transformação: de um elemento sem forma para uma imagem, ou seja, por meio da *reverie*, ganham um contorno imagético. Assim, a tarefa da função alfa é a de transformar as impressões sensoriais e emoções brutas, em *elementos alfa*, que depois são transformadas em imagens e então podem ser pensados e armazenados na memória.

A noção kleiniana de identificação projetiva é ampliada por Bion (1962; 1975), que a compreende como uma comunicação entre os inconscientes da mãe e do bebê, por meio da qual acontece a *reverie*. Bion conferiu então ao fenômeno um importante significado, pois a perspectiva kleiniana a considerava, até então, um mecanismo defensivo que refletia, predominantemente, os aspectos do mundo interno, do intrapsíquico. Para Ribeiro (2016), a partir das formulações de Bion, a identificação projetiva passa a ser definida como uma forma primitiva de comunicação entre o bebê e o mundo, pertencente ao campo interpessoal.

A fim de explanar a relevância das contribuições de Bion sobre o conceito kleiniano, a autora enfatiza:

A identificação projetiva compreendida por Bion é também, uma atividade básica da mente humana para comunicar emoções e passa a ser considerada a origem do pensar. Além de esse autor ressaltar o aspecto de comunicação humana fundamental, aloca o conceito no campo da intersubjetividade. (p.46).

Dessa forma, conteúdos ainda não simbolizados do bebê são intersubjetivamente comunicados (via projeções) para a mente da mãe ou de quem exerça essa continência. Emoções e sensações ainda não passíveis de serem pensadas são captadas pela mente da mãe, numa interação uníssona¹², carregada de conexão emocional.

Isso posto, ainda que guardem entre si peculiaridades e especificações teóricas e clínicas, entende-se que a *reverie* e a identificação projetiva são consonantes enquanto pólos de uma comunicação inconsciente de elementos não-pensados. Mas enquanto conceito, podemos pensar a *reverie* como uma evolução do conceito de identificação projetiva, que a comporta numa dinâmica relação intersubjetiva (Ribeiro, 2016; 2017). Assim, através da *reverie*, a função alfa da mãe metaboliza os elementos brutos que a mente incipiente do bebê ainda não seria capaz de significar. E, a partir deste trabalho, a experiência emocional do bebê pode se tornar pensável.

Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2011) exploram tal ideia dizendo que é somente através da função alfa que ocorre uma transformação capaz de proporcionar uma digestão metabólica dos elementos brutos, convertendo-os em elementos alfa e possibilitando que estes

¹² De acordo com Ribeiro (2017), "estar em uníssono (at-one-ment) com o analisando é quase uma experiência de espelhamento; a interpretação do analista torna-se a realidade psíquica vivida pelo paciente, sonhada pela capacidade de devaneio do analista" (p.189). A autora apresenta a ideia bioniana de at-one-ment, que se refere ao que, em análise, a dupla pode fazer, não como dois, e sim como uma unidade.

sejam armazenados e utilizados pelo psiquismo. Os autores complementam que a “função α é, obviamente, uma função de transformação.” (p.31). Ou seja, uma função capaz de dar a um elemento bruto uma forma, transformando-o em elemento alfa e revelando-o, imagetivamente, pela *reverie*, transformando-o em conteúdos passíveis de alimentar o bebê com pensabilidade, e levando-o assim, a um outro patamar dentro do processo do pensar.

A partir desse estado de mente receptivo, capaz de acolher, tolerar e significar, o bebê vai se tornando capaz de pensar a própria experiência emocional, desde que haja “tolerância à frustração”¹³ (princípio de realidade) do bebê. Bion concebe que os processos de constituição mental do bebê dependerão de sua capacidade de tolerar o que recebe na forma de elementos elaborados. Em *Ataques ao elo de ligação* de 1959, Bion discute a ideia de que a mãe pode oferecer o alimento, ou a metabolização dos elementos brutos e o bebê, a depender de sua relação com a inveja, pode cuspir, rejeitar. Para o autor, a inveja é um impulso à inibição, e portanto, é fundamental que o bebê tenha auxílio, via receptividade e tolerância à frustração também da mãe, para que este possa desenvolver a capacidade de suportar a própria destrutividade.

Em suma, ainda que a capacidade do bebê de tolerar a experiência tenha seu papel nos processos de evolução mental, evidencia-se que a mãe (ou quem exerça essa função) tem uma importante tarefa: ajudar o bebê a constituir sua mente, metabolizar e atribuir sentido para suas sensações. Ainda que favoreça o início de um processo de comunicação com o mundo, a mãe não precisa, necessariamente, "nomear" todas as sensações de seu bebê. Há uma digestão intersubjetiva da experiência emocional que independe da nomeação (e, no caso da análise, da interpretação). A capacidade de receber esses aspectos não-pensados do bebê, metabolizá-los e digeri-los, é um processo que, por si só, proporciona crescimento psíquico para a dupla.

Podemos tomar, portanto, a *reverie*, não como um elemento isolado, mas como a descrição de um fenômeno continente de inúmeros eventos que se interpenetram espectralmente, sem um estabelecimento de fronteiras precisas e claras entre eles. Assim como os demais modelos que encontramos na obra de Bion para pensarmos os fenômenos

¹³ A tolerância à frustração no bebê se daria numa junção entre pré-concepção (a expectativa inata por um seio) e a realização (o encontro com o seio real). Desse encontro nasce uma concepção. De acordo com Bion (1994), se a expectativa de um seio não é atendida, ou seja, se ela se une a uma "realização" de um não-seio, seio este indisponível para satisfação, o bebê pode seguir dois caminhos: ou fugir da frustração ou tentar modificá-la. Daí por diante dependerá a condição que o bebê tem de suportar a frustração. Portanto, a tolerância à frustração no bebê, como um princípio de realidade, tem a ver com suas demandas inatas, mas também com a forma como se deu a continência de suas identificações projetivas.

mentais, a *reverie* também pode ser considerada como parte de um todo, que tem lugar e relevância no processo de constituição e funcionamento mental.

De forma análoga à capacidade de *reverie* da mãe, a ideia de que a *reverie* também está presente na relação analítica já vem sendo germinada por Bion¹⁴, mas não como uma ferramenta técnica ou uma ação consequente de um propósito psicanalítico, visto que ela é uma ocorrência humana. Como um fenômeno humano, pode ocorrer em quaisquer relações nas quais se constitua uma abertura para a receptividade e hospitalidade dos conteúdos emocionais do outro.

Assim, entre tantas formas de relação intersubjetiva, as relações mãe-bebê e analista-analisando segundo Bion, apresentam uma comunicação a partir de uma díade: ambas constituem duplas capazes de digerir e metabolizar os elementos brutos, primitivos, ainda não-pensados. Em suas notas inéditas, publicadas em 2014, o autor explicita essa ideia quando afirma que a *reverie* seria uma maneira de construir um pensamento imaginativo, pensamento este ainda sem pensador.

Vemos pela perspectiva bioniana, que a experiência intersubjetiva fenomenalizada pela *reverie* comporta um *quantum* de processos psíquicos criativos que são convocados constantemente a fim de conter e metabolizar as experiências emocionais, visto que nossos afetos frequentemente ultrapassam nossa capacidade de elaboração e, por conseguinte, de expressão na linguagem verbal. Podemos aqui fazer uma menção ao conceito de pensamentos selvagens, enfatizando a ideia de Bion de que existe um pensamento à procura de um pensador, pensador este que se coloca em um estado de mente relaxado e onírico, de modo tal que pensamentos possam brotar, fazendo-se necessário, criar formas de acolhê-los, significá-los e assim favorecer em ambos as díades¹⁵, mãe-bebê ou analista-analisando, o desenvolvimento do aparelho para pensar, a expansão da mente.

O fenômeno da *reverie* pode ser observado na clínica pelo viés de outro arcabouço teórico, por exemplo, quando Winnicott menciona uma experiência clínica que poderia ser aproximada do conceito de *reverie* em Bion. Em um breve relato à Sociedade Psicanalítica Britânica, em 1966¹⁶, Winnicott (cf. ABRAM, 2000) conta que, enquanto ouvia um paciente

¹⁴ Esta informação consta nas Notas inéditas de Bion, publicadas em 2014 em *The complete works of W.R. Bion*. London: Karnac Book.

¹⁵ A *reverie* é um acontecimento humano, portanto passível de ocorrer em quaisquer relações em que haja dinâmica intersubjetiva, não exclusivamente numa relação entre pares. A ideia de díade aqui pontuada serve para pensarmos as associações entre a *reveries* nas relações mãe-bebê e analista-analisando.

¹⁶ Ano em que Winnicott é presidente da sociedade britânica, logo depois de Bion ter deixado a cadeira.

do sexo masculino, teve a estranha sensação de que estava escutando uma mulher. Mesmo confuso a respeito do que lhe havia ocorrido, compartilha com o paciente essa sensação que lhe tomou. A partir daí pôde se dar conta de muitos elementos que faziam parte do mundo interno do analisando, como o fato de que, embora se sentisse como um homem em todos os aspectos, nos primórdios de sua vida, sua mãe o via como uma menina, e era exatamente isso que acabava se repetindo na transferência.

Essa experiência pôde ocorrer pois existia na relação entre analista e analisando uma comunicação intersubjetiva que contemplava abertura, receptividade, hospitalidade. Em termos winnicottianos, era como se analista e analisando pudessem recriar o espaço potencial¹⁷ entre a mãe e o bebê, e assim tornar possível o viver criativo e experiência do ser. Na visão bioniana de *reverie*, nota-se o mesmo componente fundamental para que tal experiência ocorra: conexão, abertura, receptividade e capacidade de continência para o encontro, seja entre mãe e bebê, seja entre analista e analisando.

A aproximação entre as díades mãe-bebê e analista e analisando, no tocante à experiência da *reverie*, terá uma maior expressão e desenvolvimento nas ideias de autores pós-bionianos que têm se dedicado a pensar a capacidade de *reverie* do analista pelo fato deste, numa abertura de mente que muito se assemelha à da mãe com seu bebê, também ser capaz de acolher as identificações projetivas de seu analisando, ou seja, a capacidade de estar ressonante com o que é projetado em si. Logo, se a mãe (assim como o analista) for capaz de conter as angústias do bebê (ou analisando) haverá então condições para uma expansão da mente.

Porém, se as emoções e sensações projetadas não encontrarem um continente adequado, serão reintrojadas sob a forma de um “terror sem nome” (Bion, 1967), importante fator de inibição da evolução do crescimento psíquico. Nos casos em que a mãe/analista não pode oferecer continência para as angústias do bebê/analisando, a experiência terrorífica ocorre justamente porque não houve um lugar para o qual o terror pudesse ser projetado, não houve uma mente capaz de acolher tais elementos, um lugar para a identificação projetiva.

¹⁷Espaço potencial é um conceito winnicottiano que diz respeito a uma área na qual ocorre a possibilidade do brincar entre mãe e bebê. Para Winnicott, “o brincar desenvolve-se no espaço potencial de acordo com a oportunidade que o bebê tem de experienciar separação sem separação, e sua iniciação está associada com a experiência do bebê em desenvolver confiança na figura da mãe.” (Winnicott, apud Abram, 1997, p. 226).

Para ilustrar esse fenômeno, tomo um exemplo da situação analítica vivida com Paulo, caso apresentado no início deste trabalho, em vista de adentrarmos a experiência emocional e sairmos de uma descrição meramente conceitual.

A primeira experiência de Paulo no divã foi extremamente turbulenta e aterrorizante (para ambos). Ele se deitou, se contorcia, remexia. Senti um mal-estar e uma sensação de calor súbito... Inclinei-me na poltrona, como quem iria se levantar, e exatamente ao mesmo tempo, Paulo fez o mesmo. Nos encontramos naquele gesto, simultâneo, idêntico e aflito... Eu precisando de ar, ele hiperventilando, extremamente ofegante. Paulo me pediu para encerrarmos a sessão e eu, exausta e sem fôlego, concordei. Ele saiu da sala e imediatamente senti o ar voltando aos meus pulmões. Durante a experiência de Paulo no divã fui absorvida por uma sensação de terror.

No *a posteriori* da experiência pude notar que, naquela sessão, minha mente acessou, via identificação projetiva, algo da ordem do não-analisável da mente de Paulo, ou algo evacuado que não pude tolerar recepcionar e que não encontrou um lugar continente para se alocar em minha mente. A situação com Paulo aponta para o fato de que sempre pode haver um terror em qualquer sessão de análise, e que esses aspectos terroríficos podem emergir sempre que um aspecto da mente primordial¹⁸ se apresente ou quando um proto-pensamento que contempla conteúdos destrutivos ameace surgir.

Temi pela continuidade da análise de Paulo, porém a relação entre nós, e de Paulo com o divã, após esse episódio, parece ter tomado um outro rumo. Ele retornou na próxima sessão, sentou-se na poltrona e disse que entendeu que precisava mesmo continuar a análise, e que teve medo de que eu não quisesse recebê-lo de volta após ter "fugido" da última sessão. Senti que, quando permiti que ele fosse embora, eu teria dado "Graças a Deus", pois ele nem imaginava que seria tão difícil para ele aquela experiência. Mas sentiu-se "grato" por eu ter deixado que ele fosse embora e estava mais tranquilo em saber que podia voltar.

Interessante notar que, apesar da experiência emocional do terror vivida por ambos, algo da mente de Paulo foi processado no sentido de que ele próprio precisou lidar com sua

¹⁸ Em seus últimos trabalhos, entre 1976 e 1979, Bion fala sobre a existência de um estado de mente pré-natal que o autor define como "mente primordial", ligada a um vértice psique-soma. Com a cesura do nascimento, os elementos representados como vestígios e marcas hostis desse momento vivido tão precocemente, ficariam inacessíveis à consciência.

destrutividade. O sentimento de gratidão era experimentado numa tentativa de reparar a ideia de que ele poderia ter destruído o espaço de análise e me destruído também (sensação que fora vivida por mim em uma experimentação física não-continente e não-metabolizadora).

Quando percebeu que pôde voltar, houve condições para lidar com sua inveja, sua destrutividade e condições para "desinibir" a evolução do crescimento psíquico. A tolerância à frustração e aos aspectos terríficos da mente foram sendo melhor recebidos na dinâmica intersubjetiva após esse evento. Não houve, por parte da analista, uma nomeação dos conteúdos emocionais do analisando, tampouco continência para eles. Ainda assim, houve continuidade no processo, na evolução das possibilidades de aprender da experiência.

Portanto, afóra a função de dar um "nome" (atribuir um sentido para a experiência) está a necessidade de oferecer um lugar continente para onde o terror possa ser projetado a fim de que seja processado psiquicamente. Para além da tarefa de nomear, seja para o bebê ou para o analisando, para Bion o papel mais expressivo da *reverie* é a capacidade de acolher tais elementos brutos e digeri-los, metabolizá-los. Na situação analítica tal dinâmica corresponde ao que Bion denomina *função psicanalítica da personalidade* (Ribeiro, 2019a) por meio da qual, via função alfa, o analista tem uma importante tarefa de filtrar e depurar os pensamentos, numa espécie de "diálise" psíquica (Grotstein, 2010).

Assim sendo, via "análise-diálise", há uma desintoxicação das evacuações projetivas do analisando, seguida da filtragem e depuração dos elementos brutos da mente do analisando. O filtro mental do analista transforma estímulos sensórios em elementos a partir dos quais é possível construir pensamentos, sonhos e memória (Sandler, 2021, p. 390). O dicionário de verbetes de Bion escrito por Sandler (2021, p. 391) faz uma menção aos termos "traduzir" e "transformar", utilizados pelo autor indiano para se referir à função alfa, e sugere tomar emprestado o vocábulo da física e da neurofisiologia para recorrer ao verbo "transduzir", que significa transformar uma energia em outra diferente, sem alterar sua essência.

Bion (1965) propõe que a experiência emocional do encontro analítico pode contemplar uma série de movimentos sensíveis e genuínos (entre eles, a *reverie*) que são experimentados pela dupla analista e analisando e criam transformações, promovidas pela dimensão intersubjetiva da comunicação que se efetiva neste processo e que culmina na expansão da mente de ambos.

A partir das ideias de Bion, diversos autores da psicanálise contemporânea vêm ampliando o termo *reverie*, dando-lhe o *status de* conceito, aproximando-o à experiência clínica, concebendo a capacidade da mente da mãe na *reverie* com seu bebê, correlata à experiência vivida pela dupla analítica. Entre as correntes produções acerca do tema, elencamos para este trabalho as formulações de Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina Ribeiro, Giuseppe Civitarese e o casal Botella.

Todavia, antes de adentrarmos à evolução do conceito entre os autores contemporâneos, o próximo capítulo se propõe a pensar em que "solo" se ancora a emergência deste fenômeno. Para tanto, situaremos brevemente o leitor sobre qual é o campo no qual a *reverie* pode ser pensada clinicamente.

Capítulo 2

O cerzido teórico-clínico da *reverie* nas formulações de autores contemporâneos



Figura 2
Constelações - Joan Miró (1941)¹⁹

O universo não é uma ideia minha. A minha ideia do universo é que é uma ideia minha. A noite não anoitece pelos meus olhos, a minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos

Fernando Pessoa

A arte da psicanálise se faz no encontro. Analista e analisando se apresentam, cada qual com seus pincéis, tintas, inspirações e bagagens particulares, e a cada sessão de análise ambos estão ali, inaugurando a oportunidade para a criação de uma obra conjunta, realizada nesta relação inédita onde ambos são colocados diante do enigmático da experiência. Assim, cada momento analítico se apresenta como uma tela em branco, compartilhada, um espaço para a criação.

¹⁹ Fonte: MIRÓ, Joan. Constelações. 1941. Óleo sobre tela, 244 x 200 cm. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha.

Para fazer uma alusão ao artístico vivenciado na relação analítica, este capítulo pretende mesclar teoria e clínica, pincelando as ideias de cada um dos autores estudados e harmonizando-as às nuances das experiências emocionais vividas em análise. O encontro analítico é essa tela de dimensão infinita, na qual teorias e conceitos são tracejados para delimitar contorno ao colorido (ou ausência de cor) da experiência emocional. A teoria psicanalítica é o que dá forma ao fenômeno clínico, e nesse processo sensível e artístico, teoria e clínica ampliam-se, pois assim como o inconsciente, a psicanálise é viva, dinâmica, ampla e infinita.

Foram elencados para este trabalho autores que têm se dedicado a produzir importantes articulações acerca do fenômeno da *reverie* na clínica psicanalítica contemporânea, que geram ressonâncias, aproximações e deslizamentos conceituais e clínicos. Esses autores são: Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina Ribeiro, Giuseppe Civitarese e o casal Botella. Autores que iluminam um determinado viés da experiência clínica da *reverie* a partir de seu referencial e arcabouço teórico próprio. Suas formulações, além de historicizar os conceitos, geram um diálogo rigoroso e ético, que ressoa no extenso, vivo e criativo campo teórico psicanalítico.

(...) as teorias psicanalíticas tendem a se expandir, cabendo ao analista a tarefa, cada vez mais complexa, de construir uma trama conceitual própria, e que faça sentido e sustente a sua experiência clínica a cada momento. Um autor, no campo da psicanálise, talvez seja aquele que tem a habilidade de captar, conceitualizar e narrar fenômenos clínicos e, além disso, articulá-los com os paradigmas teóricos existentes, criando novas tramas conceituais, novos atravessamentos de paradigmas. Encontrar esses deslizamentos de sentidos que favorecem a construção de novos conceitos com pregnância clínica. (Ribeiro, 2020)

Assim, o propósito é acompanhar e tornar públicas as formulações contemporâneas que têm circulado acerca do fenômeno da *reverie* e abrir caminhos para novas reflexões na imensidão teórico-clínica psicanalítica.

Para que os aspectos teorizados por esses autores possam ser realçados, serão elencados alguns fragmentos da situação analítica vivida com Paulo, caso clínico apresentado na abertura deste trabalho. Tais narrativas buscam descrever os elementos imagéticos e sensitivos captados nas *reveries* com o paciente, e dessa maneira, os conceitos vão avivando o tom da experiência clínica.

A montagem de tais recortes será denominada “pictografias analíticas”, termo proposto pela pesquisadora, pensado a partir do significado da palavra pictografia, da qual, em sua

origem grega, *pictus* significa pintado e *grafe*, descrição. As pictografias analíticas serão, portanto, uma forma de descrever narrativas que possam ser captadas pelo leitor como pinturas oniricamente criadas e impressas na tela mental da pesquisadora/analista, e que exprimem ideias e pensamentos intersubjetivamente construídos na situação analítica. Assim, entre penumbra e centelhas, a experiência da *reverie* vai ocupando um importante espaço no processo analítico.

A tessitura da *reverie* e suas pictografias analíticas: um ponto, alguns alinhavos

*O pensamento é uma coisa
existindo na imaginação
antes de ela se tornar real.
A mente é o útero.
A imaginação a fecunda.*

Forma-se um feto: o pensamento. Ai, ele nasce!

Rubem Alves

Eis que um pensamento nasce! Na epígrafe, extraída do livro *O que é científico*, Rubem Alves (2007) parece descrever um processo muito semelhante ao nascimento da *reverie* enquanto conceito: a partir da embrionária menção bioniana, germinaram pensamentos sobre esse fenômeno humano, vivo e pulsante, que desde sua primeira aparição em campos psicanalíticos já era uma “coisa existindo na imaginação antes de ela se tornar real”.

Fecundada pela imaginação, essa coisa imprecisa e fugaz, a *reverie*, foi sendo gestada por várias mentes-útero, cada qual fornecendo ao embrião elementos que o nutriram em um determinado ponto específico para que o feto crescesse, se formasse e, depois, nascesse! Pensamento concebido a partir de diversas conexões. Mentres-útero que gestaram, juntas, complementar e mutuamente, esse rebento.

No percurso desta pesquisa, apresento ao leitor algumas dessas mentes que concederam corpo-teórico para que a *reverie* pudesse ser gestada e concebida enquanto conceito. Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina Ribeiro, Giuseppe Civitarese e o casal Botella fazem parte dessa gestação. Entre tantos outros pensadores que participam ativamente desse processo, os autores aqui citados foram privilegiados pois suas formulações ofereceram

importantes nutrientes, essenciais para que o pensamento-*reverie* pudesse se desenvolver e se tornar o que é, ou melhor, o que “vem sendo”, dado o movimento constante e a circularidade criativa que permeiam tais pensamentos.

Ainda no mesmo poema da epígrafe, Rubem Alves diz: “Não sou filósofo porque não penso a partir de conceitos. Penso a partir de imagens. Meu pensamento se nutre do sensual. Preciso ver. Imagens são brinquedos dos sentidos. Com imagens eu construo estórias” (p.83). De modo semelhante, o caminho da *reverie*, de um proto-conceito em Bion a um conceito com vida própria, ainda que entremeado por teorias pregressas, é trilhado essencialmente por imagens, que abriram espaço para que novas ideias fossem desenhadas. E como um desenho surge, senão pela imaginação? O poeta diz pensar a partir de imagens. E não é exatamente essa a origem mesma do pensar? Toda organização de pensamento parte, inicialmente, de uma atividade alucinatória, que “se nutre do sensual”. Ou seja, precisamos, todos, imaginar e, com esses “brinquedos imagéticos”, construir novas ideias, pensamentos e teorias.

Partindo, portanto, da ideia de que a *reverie* seguiu, desde Bion, e foi sendo criada pelos pensamentos imaginativos dos autores pós-bionianos, podemos considerar que houve a tessitura de um conceito a partir de um ponto em que a sutura é firme, ou seja, marca um lugar na vasta malha psicanalítica, e daí em diante inicia-se, artesanal e criativamente, a construção de um conspícuo bordado, composto por alinhavos feitos a muitas mãos.

Podemos sugerir que essa costura se faz ininterruptamente, e, mesmo que entre os pontos não se evidenciem grandes vãos, há claramente entrelinhas, algumas brechas, certos atravessamentos, bem como alguns leves desvios. Assim, os diferentes vértices propostos pelos autores apresentados favorecem uma compreensão mais ampla da *reverie*, tanto conceitualmente como também da sua implicação clínica. Nessa direção, faz-se necessário discutir como o conceito de *reverie* vem sendo ampliado teoricamente no que concerne à experiência clínica.

Essa investigação não almeja comparar os vértices teórico-conceituais engendrados pelos autores pesquisados a fim de encontrar uma unicidade, marcar fronteiras ou ainda decifrar a experiência da *reverie*. Ao contrário, intenta-se aqui ampliar o olhar para uma maior compreensão desse fenômeno vivo e complexo, eminentemente intersubjetivo, que abarca uma infinidade de experiências emocionais para a dupla analista/analizando.

Desse modo, ao invés de elencar dissonâncias e aproximações entre as visões dos autores estudados, escolho seguir por um outro caminho, como sugerido na poesia de Rubem Alves: deixar guiar-me pelas imagens para alcançar o pensar. Isso posto, a partir da experiência clínica, buscamos alcançar o pensamento nas mentes-útero que forneceram, por diferentes vértices, um corpo teórico dentro do qual a *reverie* encontrou abrigo.

Não cabe aqui uma costura do conceito de *reverie* no sentido da obtenção de um acabamento perfeito, com pontos fechados, bainhas em *overlock* para que não desfiem, ou ainda bordas milimetricamente refileadas, a fim de que tudo fique plano e alinhado. A ideia, pelo contrário, é ressaltar que a tessitura desse conceito se faz nas (e das) “entre-linhas”, a partir dos diferentes vieses propostos pelos autores apresentados, que nos ajudam a ampliar a compreensão do fenômeno do ponto de vista conceitual e clínico.

Para que os aspectos teorizados por esses autores possam ser realçados, serão elencados alguns fragmentos da situação analítica vivida com Paulo, caso clínico apresentado na abertura deste trabalho. Essas narrativas buscam descrever os elementos imagéticos e sensitivos captados nas *reveries* com o paciente, e, dessa maneira, os conceitos vão avivando o tom da experiência clínica.

A montagem de tais recortes será denominada “pictografias analíticas”, termo proposto pela pesquisadora, pensado a partir do significado da palavra pictografia, segundo o qual, em sua origem grega, *pictus* significa “pintado”, e *grafe*, “descrição”. As pictografias analíticas serão, portanto, uma forma de descrever narrativas que possam ser captadas pelo leitor como pinturas oniricamente criadas e impressas na tela mental da pesquisadora/analista e que exprimem ideias e pensamentos intersubjetivamente construídos na situação analítica.

Na esteira das ampliações teórico-clínicas, a ideia deste capítulo é apresentar um mapa do encontro entre teoria e clínica, convidando o leitor a compreender melhor as especificidades da montagem das “pictografias analíticas” apresentadas ao longo deste trabalho. Cabe dizer que cada autor me ajudou a pensar um determinado fragmento clínico, a partir das particularidades teóricas de suas ideias.

O cerzir teórico-clínico na experiência com Paulo foi tecido por diferentes vieses, e as particularidades das formulações de cada autor estudado favoreceram a compreensão dos processos que envolvem o fenômeno. Desse modo, encontramos na teoria o esteio para que

algumas especificidades dos processos intersubjetivos que circundam a análise pudessem ganhar forma. Como tal, a teoria dá corpo às experiências, e a clínica dá vida à teoria.

2.1- Thomas Ogden: a *reverie* e o conceito de *Terceiro Analítico Intersubjetivo*

Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão. No fundo, isto não tem muita importância. O que interessa mesmo não é a noite em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

William Shakespeare

[...] acredito que a experiência de se sentir vivo é uma capacidade superior às outras e deve ser considerada como um aspecto da experiência analítica por si mesma.

Thomas Ogden

O pensamento de Thomas Ogden, bem como sua transmissão, tem um estilo próprio. Sua autointitulada “escrita analítica” (2010) convoca o leitor a abstrair confluências teóricas e propor atravessamentos paradigmáticos mantendo a originalidade de autores importantes da psicanálise clássica sem querelas, com ideias pertinentes, autorais e muito bem articuladas.

Já nas páginas inaugurais de seu livro *Reverie and interpretation: sensing something human*, o autor lança uma provocação, quando diz que palavras e frases apresentam um certo deslize, bem como as pessoas. Esse comentário aponta para a experiência que o autor pretende promover em seu leitor ao longo de seus escritos: a liberdade para deslizar entre as palavras e ideias, permitindo-se uma certa dose de imprecisão.

Ogden lança a ideia de que, na tentativa de apreender e/ou transmitir o que significa a delicada e imprecisa interação entre a vitalidade e a desvitalização no *setting* analítico, a

psicanálise precisa ser livre para atingir e captar algo humano. Para isso, assim como as palavras na linguagem, a psicanálise precisa ser livre, viva e em constante transformação.

O autor adverte que o esforço por definir, precisar ou fixar ideias pode causar um efeito asfixiante e pede ao leitor deslizar por entre palavras, termos e sentidos, a fim de formar arranjos novos a cada experiência letrada. Dessa maneira, a leitura soa com liberdade na mente de quem lê e lhe atribui significados que podem ser alterados e afetados a cada novo contexto.

O uso das palavras, bem como a compreensão que fazemos delas quando as ouvimos ou lemos, precisam ser vivos. Para Ogden (2013, p.22), quando vivas e respirando, as palavras são como acordes musicais que ressoam melodicamente, e essa ressonância deve ser captada em toda sua imprecisão. O autor ressalta, ainda, que algo parecido deve ocorrer com a psicanálise, pois a escuta analítica deve transpor o ato de apenas interpretar palavras ou ideias (que equivale a um mero tocar/ouvir notas isoladas) e se abrir para uma composição mais amplificada, em que os acordes ganhem a tessitura de uma sinfonia.

Daí a ideia de que às palavras e pessoas deve-se atribuir uma certa dose de imprecisão, pois ambas são vivas e estão em constante movimento. Fixá-las e estigmatizá-las as transformaria em efígies desvitalizadas. O analista que o faz perde a capacidade de captar o humano da experiência. Eis a principal tarefa da escrita analítica: criar uma linguagem para apreender a vitalidade humana. Dessa forma tão particular de escrever psicanaliticamente, Ogden, considerado um teórico transmatricial²⁰, dialoga fluidamente com arcabouços teóricos distintos, respeitando a base de cada pensamento e permitindo-se deslizar pelos conceitos e cultivar sua própria recomendação: a imprecisão.

A leitura ogdeniana nos permite sentir o frescor de um encontro aprazível com uma concepção de psicanálise viva, criativa e que deve ser, segundo o autor, acima de tudo, interessante. Ele diz: “para ser interessante, uma psicanálise deve ser livre para ‘exercitar-se’,

²⁰Coelho Jr. e Figueiredo (2018) postulam a existência de matrizes na psicanálise, que se referem a formas de adoecimento e suas estratégias de cura. Os autores apresentam duas grandes matrizes: a freudo-kleiniana e a ferencziana. Na matriz freudo-kleiniana, o sofrimento, as angústias e as defesas se dão por ativação e, na matriz ferencziana, por passivação. As ideias de Bion circulam pela matriz freudo-kleiniana e as de Winnicott, pela ferencziana, porém as ideias de ambos constituem uma terceira matriz, denominada transmatricial, composta por autores contemporâneos que transitam de forma articulada, ética e criativa entre as duas grandes matrizes. Thomas Ogden é um dos grandes representantes transmatriciais, por transitar de maneira tão harmônica e fecunda entre arcabouços teóricos distintos, mantendo o rigor de cada teórico e formulando novas conjecturas a partir deles. Também são considerados autores transmatriciais André Green, Antonino Ferro, Anne Alvarez, Bollas e Roussillon.

para modelar-se e ser modelada de qualquer jeito que os participantes tenham condições de inventar” (2013, p.25). Logo, sobre a psicanálise que se atém ao apego teórico, ele apresenta sua crítica ao postular:

Quando a análise está viva, ela naturalmente, por períodos de tempo, conduz-se como um experimento que saiu das margens bem traçadas da forma prescrita; é uma discussão alimentada pela curiosidade e pela variedade de tentativas; é um empreendimento que depende da troca genuína de pontos de vista e da comparação de posições. A análise que se transformou em configuração rotineira, em que o “conhecimento” é transmitido do analista para o analisando, é desinteressante; já não é mais um experimento, pois as respostas, ao menos esquematicamente, são conhecidas desde o início. (Ogden, 2010, p.25)

E é por essa perspectiva, de que a análise precisa ser uma experiência viva, interessante e humana, que as ideias de Thomas Ogden merecem destaque neste trabalho, pois é neste espaço livre e continente que a intersubjetividade²¹ se faz presente: no encontro. Para o autor, as experiências intersubjetivas estão carregadas de identificações projetivas e compõem o mais importante material da análise.

Embasado na obra bioniana, Ogden (2013, p.38) ressalta a ideia de que o analista (como a mãe para Bion) mantém vivo e, mais ainda, de certo modo traz à vida tais aspectos projetados pelo analisando (e analogamente, em Bion, pelo bebê), por meio de uma continência bem-sucedida. Dessa forma, a experiência da *reverie* tem uma grande relevância para o trabalho analítico, visto que é por meio desse estado de mente que a análise pode acontecer.

Para o autor, o trabalho da análise relaciona-se à experiência da vitalidade. Ele compreende que a vitalidade e a desvitalização têm um papel fundamental e norteador na dialética da situação analítica e sugere que nosso psiquismo busca incessantemente experiências em que possamos sentirmo-nos mais plenamente humanos, isto é, sermos capazes de experienciar a vida genuinamente, com suas dores, paixões, medos e inquietações.

A fim de esclarecer o que significa ser plenamente humano, Ogden cita uma passagem de *O Fausto*, de Goethe (1808), na qual o protagonista faz um pacto com o diabo. Em troca de

²¹ Para Ogden (1996), o termo intersubjetividade está relacionado à noção de terceiro analítico (que veremos mais detidamente adiante). Esse terceiro é fruto da interação das mentes de analista e analisando, produto de uma dialética criada pelas (e entre) as separadas subjetividades de cada um destes no encontro analítico. A intersubjetividade ogdeniana seria, portanto, essa terceira subjetividade no campo gerado por ambos - é tanto o ponto de chegada de duas mentes que trabalham juntas, quanto aquilo que permite esse funcionamento.

sua alma, recebe de Mefistófeles um acesso irrestrito aos prazeres proibidos e satisfação de suas fantasias. Mas Fausto não aspirava à imortalidade, nem privilégios sobre-humanos, ao contrário, ele buscava justamente viver a experiência humana em si, mergulhando nas torrentes de um mundo e de um tempo cheios de acontecimentos.

A analogia à tal obra-prima alemã concatena com a ideia do que representa, em análise, ajudar o analisando a se tornar mais plenamente humano. Assim, Ogden prossegue trazendo uma passagem em que Fausto explicita seu desejo dizendo: "(...) quero que meu ser mais profundo compartilhe o destino de toda humanidade, que eu entenda seus altos e baixos, preencha meu coração com todas as suas alegrias e tristezas, e amplie meu ser com o deles e, como eles, sofra naufrágios também (p.46)".

A tarefa analítica, portanto, envolveria fundamentalmente “o esforço do par analítico para ajudar o analisando (não só ele, mas a dupla) a se tornar humano em um sentido mais amplo do que o que ele conseguiu até o momento” (Ogden, 2010, p.30). Nessa acepção, para que o analista possa desempenhar o importante trabalho de auxiliar seu analisando a tornar-se mais humano, ele precisa estar implicado na tentativa de ajudá-lo a ampliar sua gama de emoções, sensações e pensamentos, gerados a partir das relações estabelecidas, tanto no passado quanto no presente, com outros humanos, inclusive o próprio analista.

Em contrapartida, Ogden enfatiza que é o destino de toda a humanidade a incapacidade de ser plenamente humano, pois seguimos fazendo "pactos" silenciosos (na maioria das vezes inconscientes) numa tentativa ilusória de vivermos uma vida "inumana". Esses acordos que fazemos conosco são, segundo o autor (2013), "fatos psíquicos em que trocamos, por exemplo, liberdade por segurança, vitalidade por certeza" (p.33). Afirma que somos incapazes de mantermos nossa sanidade e, ao mesmo tempo, vivenciarmos nossa mortalidade. A partir dessa perspectiva, Ogden sustenta a ideia de que “é nesse esforço de sermos plenamente humanos que estamos vivos enquanto analista e analisando; é nesse experimento que vive a arte da psicanálise” (p.34).

O pensamento ogdeniano transmite, portanto, a ideia de que o objetivo da análise está muito além da resolução de conflitos intrapsíquicos ou da redução de sintomatologia. A grande tarefa da análise é favorecer a experiência de estar vivo, pois essa implica em uma forma de dor psíquica que muitas vezes tememos não suportar.

O analista precisa estar disponível para auxiliar seu analisando na difícil experiência de viver enquanto humano, em toda sua complexidade. Nota-se nas ideias de Ogden uma abertura para infinitas possibilidades referentes às experiências vividas na sala de análise, pois, segundo ele, não há limites, seja em amplitude, complexidade e intensidade de sentimentos e pensamentos, para o que se pode tentar em análise, enquanto analista e analisando.

Nesse contexto, ele postula a relevância da *reverie* como um desses fenômenos vividos na relação analítica. Através dela, colocamo-nos em um estado de disponibilidade capaz de nos mantermos, enquanto analistas, receptivos para acessar os conteúdos inconscientes do analisando. A *reverie*, tal como pensada na clínica, é relacionada por Ogden à composição homônima de Debussy²², pois acredita que a música acontece no espaço entre as notas e, da mesma forma, na psicanálise, o diálogo analítico ocorre entre os espaços das palavras ditas. É nesse interstício que ocorrem as *reveries*.

Segundo o autor (2013), as *reveries* podem ser vividas como ruminções, devaneios, sensações, percepções, fantasias e imagens que nascem a partir do encontro intersubjetivo. Assim, dificilmente essa experiência é discutida coletivamente, justamente por se tratar de aspectos não só do paciente, mas do próprio analista, conteúdos muitas vezes desconcertantes e até mesmo constrangedores. Desse modo, o analista muito comumente pode ter dificuldade para fazer uso dos conteúdos da *reverie*, pois, ainda que seja um evento intersubjetivo, frequentemente está relacionada aos aspectos mais pessoais do próprio analista.

Para Ogden, a *reverie* é acompanhada de elementos sensoriais e imagéticos, que ocorrem a partir do encontro intersubjetivo. O autor reforça que o uso da *reverie* exige do analista muita tolerância ao sentimento de estar à deriva e ao desconcertante contato com o incognoscível da experiência.

O psicanalista norte-americano diz ainda que o manejo da *reverie* deve ser metabolizado e não utilizado como, por exemplo, se faz com o conteúdo manifesto de um sonho. Ogden (2013) afirma que a experiência do devaneio raramente é “traduzível”, pois quaisquer tentativas de traduções precipitadas poderiam facilmente incorrer em erro, visto seu caráter

²²Claude Debussy (1862-1918) foi um importante músico francês que, com seu estilo poético e impressionista, escreveu uma composição para piano chamada *Reverie*, cuja melodia tranquila cria uma dinâmica musical fluida, que remete a um estado de sonho, devaneio.

perturbador, de elementos em estado bruto. Para ele, a tentativa de interpretar imediatamente o conteúdo das ideias de nossos devaneios geralmente leva a interpretações superficiais.

Seu uso (das *reveries*) requer tolerância para a experiência de estar à deriva. O fato de a "corrente" de *reveries* levar o analista a algum lugar que, no final das contas, possa ter algum valor para o processo analítico é uma descoberta retrospectiva que quase nunca pode ser antecipada. O estado de estar à deriva não pode ser desvendado apressadamente. O analista deve ser capaz de encerrar a sessão sentindo que a análise está em uma pausa, ou melhor, como uma vírgula em uma sentença. (p.148)

A sessão deve ser pensada a partir das emoções geradas e não propriamente do conteúdo das *reveries*. Nesse sentido, as imagens captadas não são o que há de mais importante do processo, mas sim a proximidade intersubjetiva, o que é captado da experiência emocional entre analisando e analista, permitindo então a transformação de elementos psíquicos ainda não metabolizados e passíveis de serem pensados pela dupla analítica.

A tolerância ao estado de não saber nos mantém abertos, despertados e disponíveis diante da imprevisibilidade da sessão de análise e do desconcertante estado de estar à deriva. Desse modo, Ogden tece um importante apontamento:

Não saber é uma pré-condição para a capacidade de imaginar. A capacidade imaginativa no *setting* analítico é nada menos do que sagrada. A imaginação mantém aberta múltiplas possibilidades de experimentação na forma de pensar, brincar, sonhar e em todos outros tipos de atividade criativa. (2010, p.47)

Ainda que possa causar sensações tão inquietantes, a *reverie* é colocada por Ogden (2013) em uma condição análoga a uma bússola emocional, a partir da qual somos levados a experimentar uma infinidade de sensações e sentimentos, caminhos ainda não desbravados. Dessa forma, ainda que essa seja uma experiência quase sempre desconcertante, vivida pelo analista como uma distração, desatenção ou falha na sua função analítica, a *reverie* pode ser um importante instrumento técnico na sala de análise. Se o analista consegue tolerar o desconcerto e fazer uso dela, a *reverie*, assim como uma bússola utilizada em territórios desconhecidos, pode nos guiar, indicando possíveis direções, destinos (ou mesmo armadilhas) no imprevisível e exclusivo percurso criado no encontro analítico.

Na visão ogdeniana, a *reverie* se apresenta de uma forma extremamente pessoal, íntima, trazendo para o *setting* elementos da vida particular cotidiana do analista. Ela abrange temas

corriqueiros e mundanos que, ainda que pareçam devaneios referentes exclusivamente ao mundo interno do analista, são considerados intersubjetivos, pois são criados a partir da dupla, analista e analisando. Ogden confere, assim, uma concepção dialética²³ da situação analítica, na qual analista e analisando juntos criam uma intersubjetividade inconsciente.

No que se refere à técnica, o autor acredita que, para que analista e analisando possam viver o estado de *reverie*, é necessário que haja privacidade, devido à sua importância para as associações e a vivência dos aspectos inconscientes da experiência. Ele exprime a ideia do uso do divã como um instrumento valioso, que favorece as condições necessárias para que a dupla analítica possa ter privacidade suficiente para embarcar numa área de “sobreposição”, referindo-se à leitura winnicottiana sobre a área do brincar (Ogden, 2013, p.111).

Desse modo, o autor conclui que o uso do divã favorece a sobreposição das áreas do brincar (e do sonhar), do analista e do analisando que é, segundo Winnicott, onde a psicoterapia ocorre. Acrescenta que, em sua experiência clínica, quanto maior o número de sessões, maiores são as condições para se gerar estados sobrepostos de *reverie* do par analítico.

Ainda que Ogden perceba a relevância do uso do divã como facilitador das condições para as *reveries*, ele também alerta para o caráter antiterapêutico de um analista forçar o seu uso quando, para o analisando, ele se torna, em alguns momentos da análise, demasiado atemorizante.

O autor diz que a análise deve incluir essencialmente a tentativa de facilitar o processo, favorecer o “fluxo” (referindo-se à ideia freudiana de que o analista deve colocar seu próprio inconsciente na função de receptor do fluxo do inconsciente do seu analisando). Numa leitura aprofundada sobre as ideias de Freud, Ogden (2013) ressalta que este privilegiava a privacidade do uso do divã (para o analista) como um facilitador da construção de condições geradoras de *reveries*, e cita uma importante passagem em que Freud diz que estar fora do campo visual do analisando permitia-lhe entregar-se à sua corrente de pensamentos inconscientes, criando espaço para um “brincar” mental.

²³Para Ogden (1996), dialética é um processo no qual elementos opostos se criam, preservam e negam um ao outro, cada um em relação dinâmica e sempre mutativa com o outro. O movimento dialético tende para integrações que nunca se realizam por completo” (p. 12).

Sob a mesma perspectiva, Ogden (2013) retoma a “regra fundamental”, propondo que essa, tal como postulada por Freud em 1900, 1912 e 1913, não corrobora com a criação de condições que ele julga imprescindíveis para que as *reveries* sejam geradas. Ao invés disso, impede a criação do processo analítico.

Para o autor, o respeito à privacidade permite que o analisando tenha liberdade para falar se e quando desejar. Segundo ele, na análise, não se deve ‘exigir’ que o analisando fale tudo o que lhe vier à cabeça, pois tanto ele quanto o próprio analista devem estar sempre livres para se expressarem em palavras, sensações, bem como falar um com o outro. Dessa maneira, mais importante do que, do lado do analisando, a associação livre, e do analista, a interpretação do inconsciente e da transferência, Ogden acredita que se deve priorizar o interjogo entre as subjetividades de analista e analisando e a criação de um espaço onírico intersubjetivo (p.38).

A partir dessa releitura da regra fundamental em Freud e tomando por base as formulações de autores consagrados (como Bollas, Casement, Meares, Mitchel e Stewart), Thomas Ogden nos descreve uma psicanálise baseada no não-aprisionamento hermético da neutralidade e mostra a relevância do analista ser livre e espontâneo em sua função analítica, essa sendo embalada por sua própria experiência na situação de análise.

Assim, o autor reitera a visão de Winnicott de que a técnica analítica deve ser composta pela tensão produtiva entre privacidade e relação interpessoal, apresentando a ideia de que comunicação e privacidade devem ser consideradas dimensões da experiência humana, que criam e preservam a vitalidade na experiência analítica.

Em seu livro *Os sujeitos da psicanálise*, de 1996, Thomas Ogden introduz o conceito de “terceiro analítico intersubjetivo”, que se refere à interação das subjetividades do analista, do analisando e de uma terceira subjetividade, o terceiro analítico, que seria uma criação conjunta do analista e do analisando, ao mesmo tempo em que analista e analisando são criados pelo terceiro analítico.

Ribeiro (2019a) faz uma interessante analogia inspirada no paradoxo winnicottiano, de que a mãe é descoberta e encontrada pelo bebê. A autora propõe que a *reverie* pode ser compreendida como criada e encontrada pelo terceiro analítico. Por mais que seja uma construção de extrema intimidade e inter-relação, o terceiro analítico é uma construção

assimétrica, definida de maneira criativa, porém, ética e responsável, entre os papéis do analista e do analisando.

A psicanálise se faz a cada sessão, no tempo e no espaço de cada encontro intersubjetivo, sendo o *setting* a moldura que favorece o enquadre de todos os elementos e conteúdos ali criados, em comum, por analista e analisando, em um campo que Ogden prefere chamar de “transferencial-contratransferencial”, campo da terceira subjetividade. Para o autor, é o termo mais adequado para elucidar os elementos inconscientes do analista na sessão, pois o autor refere que esses são gerados conjuntamente, numa construção inconsciente intersubjetiva do par analítico, no e pelo terceiro analítico. Assim, Ogden sustenta que não se pode considerar transferência e contratransferência como entidades separadas, que somente existem em resposta uma à outra, mas sim, aspectos de uma totalidade intersubjetiva que são vivenciados simultaneamente por analista e analisando.

Através (e imerso) na experiência do terceiro, o analista é capaz de compreender mais amplamente os fatos intersubjetivos que ocorrem na situação de análise. Esse entendimento requer uma atenção sensível e um trabalho do analista para que os elementos presentes no *setting* possam ser captados como conteúdos intersubjetivamente gerados pelo par analítico.

De acordo com o autor, cada encontro (mais precisamente, cada instante) é vivido como uma faceta distinta do complexo emaranhado de emoções que constituem o mundo interno do analisando e que torna cada momento analítico único, pois o processo analítico envolve constantemente novas criações de eventos intersubjetivos inconscientes que nunca existiram antes na vida afetiva, para o analista ou para o analisando. (Ogden, 2013, p.174)

Thomas Ogden também alerta que, na tarefa analisante, é necessário estarmos disponíveis para servirmos de objeto do experimento inconsciente do analisando e estarmos abertos para a possibilidade de desempenharmos diversos papéis na vida inconsciente deste. Esse estado de receptividade (berço do advento das *reveries*) abarca a entrega da individualidade/subjetividade do analista a uma terceira subjetividade analítica, que não é nem a do analista, nem a do analisando.

O autor (2013, p.26) diz que: “oferecer-se consistentemente assim não é pouca coisa: representa um empreendimento emocionalmente desgastante em que analista e analisando ‘perdem em certa medida a ‘cabeça’ (sua capacidade de pensar e de criar enquanto indivíduo separado)”, e ressalta que, somente após o término do processo analítico, é que ambos

“recuperam” suas mentes separadas. Todavia, reitera que essas não serão as mesmas de antes, pois as pessoas de outrora já não existem mais após um trabalho de análise ser realizado. Criam-se, sim, novas entidades psicológicas transformadas no, pelo e com o terceiro sujeito analítico. Analista e analisando não podem ser compreendidos um sem o outro.

Ogden (2013) apresenta uma reflexão sobre a importância de sonharmos nossa experiência emocional. É sonhando nossos sonhos que nos tornamos capazes de mudar, crescer ou transformar o sofrimento. Para o autor, na intersubjetividade criada na análise, analista e analisando engajam-se no sentido de gerar condições para que ambos possam tornar-se mais capazes de sonhar seus sonhos não sonhados e seus sonhos interrompidos (ou pesadelos metafóricos).

Segundo Ogden (2010), essas são experiências emocionais com as quais o paciente é capaz de realizar um trabalho psicológico inconsciente mais profundo sobre si mesmo. Entretanto, o sonhar do paciente (sua elaboração psicológica inconsciente) é interrompido em um ponto onde a capacidade para sonhar é sobrepujada pela natureza perturbadora do que está sendo sonhado. Nesse ponto, "o paciente ‘desperta’, isto é, deixa de ser capaz de continuar empreendendo uma elaboração psicológica inconsciente” (p.44).

Os sonhos sonhados pelo analisando e pelo analista no decorrer de uma análise são, ao mesmo tempo, oriundos de cada subjetividade e do terceiro analítico. Isso permite ao analista ter uma maior profundidade em relação aos conteúdos internos de seu analisando e dizer-lhe algo que seja verdadeiro para a experiência emocional (consciente e inconsciente) naquele dado momento. Trata-se, portanto, de um sonhar compartilhado, por meio do qual pode-se existir mais plenamente, assim como afirma Ogden (2010, p.44), quando “somos capazes de sonhar nossa experiência, somos capazes de gerar uma resposta emocional a ela, aprender com ela e ser mudado por ela”.

Destarte, por meio dessa relação de intimidade e confiança encontrada na experiência analítica, os conteúdos conscientes e inconscientes da mente do analisando podem ser projetados para a mente do analista (identificações projetivas) a fim de serem metabolizados. Assim ocorre a *reverie*, experimentada por ambos, na vivência do terceiro analítico.

O autor diz: o “momento produtivo entre sonho e *reverie*, entre *reverie* e interpretação, entre interpretação e vivência no (e do) terceiro analítico são, para mim, o cerne daquilo que é único no sentimento de vitalidade de uma experiência analítica.” (Ogden, 2013, p.138) Ele

afirma que aquilo que ocorre na sala de análise tem uma importante qualidade: a direcionalidade oriunda do fato de que a psicanálise é, antes de mais nada, um empreendimento terapêutico com o objetivo de aumentar a capacidade do analisando de estar vivo para vivenciar ao máximo a experiência humana.

A partir dessa visão, fica claro o quão essencial se torna o espaço analítico para a experiência de ser e estar vivo. O trabalho clínico nos convoca a sermos sensíveis e disponíveis, o que possibilita a abertura de caminhos para uma vivência vitalizadora. Por meio de uma psicanálise viva e fluida, Ogden nos coloca diante de uma clínica implicada, a partir de uma presença e de uma escuta receptiva à experiência analítica. Nela, o grande objetivo é favorecer o viver enquanto humano, processo que pressupõe uma expansão da mente de maneira criativa e transformadora.

Pictografando as *reveries* do (e no) Terceiro ogdeniano



Figura 3
“Irmãos” - Paul Klee (1879-1940)²⁴

Num tom cambiante entre surpresa e espanto, Paulo me interrompe: “Tive a sensação que sonhei que você me falava exatamente isso. Que sensação estranha! Não me lembrava disso antes, mas me lembro agora... só pode ter sido em algum sonho”. No hiato de tais palavras, a mente da analista divaga: “Chamemos, pois, de sonho, Paulo.” Era algo que estava ali, mesmo antes de ser dito. Um pensamento sem pensador, em termos bionianos.

²⁴ Fonte: KLEE, Paul. Irmãos. Sem data. Aquarela e tinta sobre papel, 18,8 x 26,7 cm. Zentrum Paul Klee, Berna, Suíça.

Algo que é primeiro sonhado, depois vivido. Não eram mais os meus sonhos ou os dele. Não era possível discernir o que vinha da analista ou do analisando. Sonhávamos a dois. Sonhávamos a sessão.

Surpresa, assombro, revelação. Um devaneio, um sonho. Mas de quem? Dele, meu, nosso. Sim, um sonho sonhado por ambos. Compartilhado, sem ter sido verbalizado. Comunicação fluida, que ressoa, ainda que sem palavras. O indizível, impensável sendo ouvido, metabolizado. A pictografia captada neste fragmento clínico está relacionada ao que Ogden define como uma nova subjetividade criada pelas subjetividades de analista e analisando: o terceiro analítico intersubjetivo. Essa entidade dinâmica é vivida como uma experiência em constante tensão dialética com a intersubjetividade gerada no (e pelo) par analítico.

De acordo com Ogden é “através da vivência (assimétrica) do terceiro analítico pelo analista e analisando que o 'fluxo' do mundo objetal interno do analisando é entendido e (finalmente) simbolizado verbalmente” (2010, p.140). O devaneio do analista é a captação de algo não-dito, algo que se apresentava nas entrelinhas do discurso, e justamente no “entre” a ideia pode ser sonhada e posteriormente, pensada, por ambos.

“Indicaram-me que a análise fosse feita com você...”

Súbito, embaraçado, um chacoalhar frenético e tenso da cabeça que vem imediatamente seguido por uma apressada correção: “...quer dizer, por você”.

“Com você”... duas palavras que, de maneira vibrante, ecoavam em minha mente. Surge a imagem da criança devaneada nos primeiros minutos do encontro com Paulo, a criança cuja mãe não estava presente para a primeira sessão. Então Paulo não era o pai, e sim a suposta criança? Um rascunho desorganizado de um pensamento, rarefeito e desconexo, criava-se no imaginário da analista. Pensamento disforme, não simbolizado, mas que vagava ali, naquele espaço, entre aquelas mentes... um pensamento tentando ser encontrado.

A criança que emergia em minha mente, ao mesmo tempo em que me confundia e me fazia tentar evitá-la, parecia que também se tornava cada vez mais vívida, cativante, e ia despertando em mim uma cadeia de emoções de uma afetividade curiosa e, até então, incoerente.

Nos primeiros instantes do encontro, já ali na sala de espera, enquanto Paulo se (des)ajeitava para me acompanhar, havia curiosamente, em mim, um sentimento de contemplação... como se eu assistisse ali um bebê tentando dar os primeiros passos, cambaleante, desatinado. Não era um bebê, nem a criança criada imageticamente. Estava contemplando a imagem, não Paulo, mas a criança de Paulo.

Lá estava eu, encapsulada pela intensidade inebriante daquele devaneio. Achei por bem tentar desviar-me destes pensamentos tão estranhamente convidativos e decidi voluntariamente voltar-me para Paulo, conforme aquele que se apresentava concretamente à minha frente, adulto ou criança, não importava mais compreender. Era urgente apenas que eu fosse capaz de estar disponível e receptiva a um ser humano que ali estava.

No decorrer do processo analítico de Paulo, sem pressa e tolerando a não-compreensão imediata das ideias e imagens ali criadas por meio das *reveries*, a relação analítica foi sendo experimentada como real e segura. A partir de um percurso experimentado num espaço vitalizado e continente, começa a ser possível atribuir um sentido para o desatino de Paulo ao pronunciar “com você”, tão precocemente, numa relação tão inicial, ainda sem intimidade. As marcas de experiências emocionais vividas e não significadas por Paulo causavam tanta dificuldade, tanta resistência de, de fato, “estar com”, de entregar-se a um outro colo e poder confiar que haveria neste uma continência anteriormente frívola, do qual ele não mais escorreria líquido, disforme, poderia manter-se com contornos e afetos.

Mas havia algo naquele “entre”, desde o primeiro instante. Uma abertura para uma comunicação inconsciente intersubjetiva, um estado de receptividade de minha mente que fora experimentada precocemente por Paulo, sem que esse o percebesse. Mas já havia um terceiro. Um sujeito criado por, e que, ao mesmo tempo, criava analista e analisando. Um terceiro elemento, em tensão dialética entre as subjetividades isoladas da analista e do analisando.

E Paulo era, sim, uma criança que se apresentava a mim naquela primeira sessão. Um infante assustado, apreensivo com o que ocorreria no encontro. Acuado e ao mesmo tempo ávido, entregando-se a ele. Acertamos a pega, e Paulo pôde entender que eu estava ali “com ele” e “para ele”. Minha disponibilidade para o encontro foi criando uma confiança no enquadre e estabelecendo as associações que foram surgindo. Nas palavras de Ogden (2013):

A técnica analítica é guiada pela tentativa de falar ao analisando a respeito do que é, tanto para o analista quanto para o analisando, estarem um com o outro naquele

momento, e isso ressalta a tentativa de descrever os medos mais urgentes que estão dando forma/ restringindo a capacidade do analisando de experimentar o momento de maneira mais plenamente humana. (p.196)

E é, portanto, na vivência do (e no) terceiro analítico intersubjetivo, por meio da abertura e receptividade que o analista disponibiliza para sua escuta, que a sonoridade entre as notas, os ecos entre as palavras, o indizível e o impensável podem ser sonhados. E quando se pode sonhar, pode-se viver a própria experiência emocional, aprender com ela e transformá-la.

Seguindo os pespontos imprecisos e criativos de Thomas Ogden

Iniciemos por elucidar a escolha de Thomas Ogden para auxiliar a vislumbrar o que de mais evidente continha no fragmento apresentado. Neste recorte, ressalto dois pontos principais da experiência com Paulo que fizeram de Ogden um autor cujas ideias nos ajudam a pensar a situação analítica:

O primeiro ponto que conecta o fenômeno clínico às ideias de Thomas Ogden foi o extremo e nítido estado de desconforto da analista quando esta alucina uma criança. Uma intensa turbulência emocional rondava, teimosa, a mente da analista durante a sessão. Aquela imagem pairava, fazia-se presente. Ainda que extremamente desorganizadora, era possível experimentar simultaneamente uma sensação de que aquilo me apontava uma direção.

Aquela criança criada em minha mente retornava ainda mais vívida, a cada tentativa frustrada de evitá-la ou tirá-la forçosamente de meus pensamentos. Pensamentos que vagavam, rarefeitos e desconexos entre nossas mentes... como um pensamento tentando ser encontrado.

Na tentativa de ampliar a compreensão dessa experiência, as ideias de Thomas Ogden tornam-se uma importante companhia quando embarcamos nas imagens e perturbações vividas com Paulo neste fragmento. O autor (2013) define as *reveries* como rumações, devaneios, fantasias, sensações corporais, percepções e imagens. Pensando com Ogden, compreendemos que a experiência da *reverie* é frequentemente vivida como desconcertante para o analista, pois é notada como uma distração, mas que ela pode ser usada como uma

importante ferramenta técnica, como uma bússola emocional. De fato, vemos ali o devaneio do analista como a captação de algo não-dito, uma ideia a ser sonhada por ambos.

Sinto que, na experiência inquietante da *reverie* com Paulo, foi necessária tolerância para a experiência de estar à deriva, como bem enfatiza Ogden (2013), pois é necessário que o analista suporte a desordem causada pelo não-saber, pelo contato com o incognoscível, para que a *reverie* pudesse ser gestada e, então, indicasse direções sobre os conteúdos do mundo interno do paciente que estavam sendo acessados a partir daquelas imagens.

Outro ponto relevante da situação analítica com Paulo que encontra em Ogden um alento teórico, foi quando este diz: “Tive a sensação que sonhei que você me falava exatamente isso. Que sensação estranha! Não me lembrava disso antes, mas me lembro agora... só pode ter sido em algum sonho”, pensamos em algo que primeiramente precisava ser sonhado, para que posteriormente pudesse ser vivido.

Os elementos contidos neste fragmento apontam para o que Ogden define como sendo uma nova subjetividade criada pelas subjetividades de analista e analisando: o terceiro analítico intersubjetivo. Essa entidade dinâmica é vivida como uma experiência em constante tensão dialética com a intersubjetividade gerada no e (pelo par) analítico. De acordo com o autor, é “através da vivência (assimétrica) do terceiro analítico pelo analista e analisando que o “fluxo” do mundo objetual interno do analisando é entendido e (finalmente) simbolizado verbalmente.” (2010, p.140)

O devaneio capta algo não-dito, mas que se apresentava naquele espaço intersubjetivo, compartilhado, no qual a relação analítica foi sendo experimentada como confiável e segura, dando voz à criança de Paulo, aquela a quem já havia sido apresentada imagetivamente, “sonhante-mente” pelo terceiro analítico ogdeniano. Sim, havia um terceiro, que fora criado por ambos, e que simultaneamente nos criava. Uma terceira subjetividade em tensão dialética entre as subjetividades isoladas da analista e do analisando.

Ogden nos ajuda, portanto, a compreender melhor como tais fenômenos intersubjetivos emergem da /na vivência do (e no) terceiro analítico intersubjetivo, e nos aponta de modo enfático que essa terceiridade só é possível em um espaço de abertura e receptividade, no qual o indizível e o impensável poderão ser sonhados.

2.2 – Pensamentos-palavra em busca de um narrador: Antonino Ferro e a *reverie* como derivado narrativo

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero.
Há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu. Não
adules o poema.
Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e
concentrada no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou
terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

“Trouxeste a chave?”, a questão com a qual Drummond encerra o poema apresentado na epígrafe alude, por meio da imagem da chave, à ideia de uma abertura necessária para que algo seja revelado. Palavras usadas como chave para que o oculto venha à luz. Seria necessário um arranjo de palavras para dar alguma forma, ainda que provisória, ao enigma? Ou certas palavras, isoladamente, podem ser carregadas de sentidos reveladores por si só, como palavras-chave?

Fato é que toda palavra contém, em si, seja por causa da semântica, dos significados afetivos, históricos e culturais que ganha ao longo do tempo, um potencial para a abertura de novos sentidos. Para além dos significados encontrados nos verbetes, “em estado de dicionário”, as palavras são também atravessadas pelos sentidos que acontecem no meio caminho entre quem as emite e quem as escuta. Reinauguradas por cada um que as pronuncia, as palavras precisam ser transmitidas entre corpos para ecoar e ganhar outros espaços e, assim, surgirem outros e novos sentidos. É também o silêncio acoplado às palavras que vai

tecendo um pensar. Não há necessariamente uma cisão, pode haver, sim, continuidades; há espaços e sons entremeados por silêncios e palavras, que, quando achegadas umas às outras, concebem ou iluminam abstrações, engendram devaneios, produzem novas imagens.

Paralisados, como uma rocha em estado bruto, os poemas estão “sós e mudos”, mas calmamente esperam por um trabalho delicado e paciente, que transforme o minério rústico e ajude a revelar as potencialidades sensíveis de sua “superfície intata”. Processo escultórico pelo qual o encontro se torna a base para as possíveis transformações tanto na matéria quanto naquele que a manuseia. Por isso, não se deve forçar a extração dessa matéria polida, arrancando-a a qualquer custo. Antes, é necessário penetrar “surdamente no reino das palavras” e das formas, perseguindo suas “mil faces secretas” e, por vezes, esperando por elas. Se a pressa atravessar esse processo artesanal de lapidação da matéria bruta, corre-se o risco de perfurá-la, violando sua natureza tênue.

Analogamente ao poeta que alcança revelação por meio das palavras, assim também analista e analisando mergulham no universo das palavras e das formas a fim de dar sentido às experiências emocionais vividas pela dupla. Essa construção é o que nos propõe Antonino Ferro, psicanalista italiano, considerado um dos expoentes da psicanálise contemporânea e reconhecido pela riqueza de seu pensamento clínico e por sua capacidade de metaforizar a experiência analítica.

Para Ferro (2013), a *reverie* do analista é um elemento central ao campo e capaz de gerar transformações nele, o que torna suas ideias fundamentais para a discussão proposta nesta pesquisa. Imagens, sensações, sentimentos e inquietações criados no encontro analítico precisam ser calmamente contemplados. Podemos pensar que, em suas construções teóricas, o autor italiano reavigora a ideia contida na poesia de Drummond de que, assim como o poeta, também para o analista é preciso conviver com seus “poemas” antes de escrevê-los, ou seja, tolerar o desconhecido, as inquietações que podem advir do encontro analítico: “Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. [...] Chega mais perto e contempla as palavras”. Ou seja, é preciso ter paciência e disponibilidade emocional para se estabelecer uma comunicação sensível e aberta, para que surjam e que possam ser delicadamente transformadas em palavras narradas.

Antonino Ferro (1995) compreende a *reverie* como um “derivado narrativo do pensamento onírico de vigília”. Para esclarecer ao leitor o significado dessa conceituação,

escolhemos inicialmente elucidar o termo “derivados narrativos” e, na sequência, deslindar a extensão do conceito de “pensamento onírico” nas ideias aqui apresentadas.

O psicanalista italiano, consonante às ideias inauguradas por Bion²⁵, introduz o conceito de derivado narrativo, partindo de um modelo no qual as narrativas seriam as composições geradas intersubjetivamente pelo par analítico, relacionadas à maneira como analista e analisando constroem significados a partir da experiência vivida em análise, sem incisões interpretativas que, por vezes, engessam e geram fechamento, subordinando o pensamento a uma lógica advinda da mente do analista, fixando-o a uma ideia de que, por meio de uma interpretação, um baú será aberto e lá estará o tesouro escondido, perdido ou enterrado.

O derivado narrativo, ao contrário, expande o fluxo de pensamentos intersubjetivamente criados, transformando em palavras quaisquer elementos captados pela capacidade de *reverie* do analista. Nesse sentido, o essencial não é revelar e, sim, construir um avultar contínuo de pensamentos ainda não-pensados por meio da fluência de ideias presentes no campo. A narrativa pode, assim, ser vista como uma forma de criar uma composição, via palavras, a partir dos fotogramas²⁶ dos elementos e sutilezas do campo.

Isso posto, não existe material captado na sala de análise que não seja relevante. Há uma infinidade de elementos ativos e presentes nas histórias ali expressas, pois o campo não é habitado apenas por analista e analisando, tampouco lidaremos somente com o mundo interno do analisando e com a relação estabelecida entre a dupla. Lidaremos, sim, com as histórias e personagens que habitam cada um dos integrantes do par, suas vicissitudes e sua transmissão.

Em *O universo do campo e seus habitantes*, Antonino Ferro e o psicanalista compatriota Roberto Basile dizem que, no universo do campo emocional, estamos “na presença de personagens tridimensionais que pertencem a diferentes temporalidades e que solicitam, ou necessitam, poder subir ao palco por si sós” (Ferro & Basile, 2013, p. 21). Os autores sugerem ainda que o “aqui e agora” da sessão tem um papel essencial e inclui uma complexa gama de eventos atravessada pelo aspecto multigeracional.

É importante ressaltar que a relevância do aqui e agora da sessão, para Ferro e Basile (2013), não se baseia em interpretações imediatas sobre o que está se passando naquele

²⁵ Bion, em seu livro *Cogitações* (2000), apresenta a ideia de que os elementos alfa necessitam uma “qualidade narrativa” ou uma “forma narrativa” para que possam ser processados.

²⁶A palavra fotograma está sendo utilizada para designar uma captação visual, uma imagem impressa, aqui, no caso, na tela mental do analista.

momento da sessão. Está, sim, relacionada a uma visão de que tudo o que é trazido pelo paciente na sala de análise deve ser considerado e deverá encontrar um continente para que os derivados narrativos captados possam compor uma narrativa, construída conjuntamente pela dupla analítica.

Os autores também reiteram que o campo seria habitado por certos personagens principais, protagonistas, coadjuvantes e figurantes, os quais podem mudar constantemente de papel. Segundo os autores, os personagens humanos seriam como constelações visíveis em um céu estrelado, e o campo seria o universo, que abriga infinitos fenômenos, a maioria deles desconhecida.

Para Ferro (1999), os "personagens das narrativas não são criados aleatoriamente, mas são parte de um conjunto de elementos gerados em uma consonância, e nesta co-narração analista e analisando dançam juntos no processo analítico."(p.19)

A criação dos personagens é, portanto, proveniente do funcionamento mental da dupla analítica, abarcando suas emoções e seus aspectos desconhecidos (suas protoemoções). Qualquer que seja o conteúdo que o analisando apresente na sessão, ele estará descrevendo uma forma de funcionamento não apenas da sua mente, mas sim do campo.

O campo torna-se, dessa maneira, a gleba na qual são lançados os elementos brutos, sensações e imagens, que buscam ser pensados, e, assim, cria-se uma abertura para o novo. Esse processo de metabolização de um elemento beta e da transformação dele em elemento alfa é denominado "alfa-betização" (Ferro, 1996).

A experiência emocional pode ser captada pelo analista como pictogramas²⁷ emotivo-sensoriais, termo utilizado pelo autor para se referir à transformação dos elementos que, em seu estado bruto, são protosensoriais e protoemocionais (elementos beta), que são captados pelo analista por meio da *reverie* e se transformam em elementos alfa por meio da função alfa do analista, a fim de que possam ser pensados.

Para Ferro (2017, p.86), os pictogramas constituem os "tijolinhos" que edificam a fazedura do pensar, do sentir e do sonhar:

²⁷A palavra pictograma, em "estado de dicionário", poderia ser descrita como um desenho figurativo, estilizado, que funciona como um signo, não transcrevendo nem tendo representação explícita com a língua oral.

O elemento α é a maneira através da qual é pictografada, em tempo real, toda experiência senso-êxtero-proprioceptiva. Cada pictograma emotivo-sensorial é então colocado em sequência com outros elementos α . A sequência dos elementos α é incognoscível, a não ser através do derivado narrativo. (Ferro, 1996, p. 15)

O analista tem aqui duas importantes e difíceis tarefas: deve primeiro estar aberto e receptivo ao ponto de se deixar capturar pelas forças do campo e, ainda que seja parte dele, ter também a capacidade de se distanciar, a fim de que, além de captá-lo, possa metabolizá-lo, propiciar uma organização da sequência dos pictogramas emotivo-sensoriais para, enfim, transformá-los em uma narrativa. Ambos, analista e analisando, poderiam, assim, transformar os elementos emocionais presentes e ativos naquele momento, dando-lhes novos sentidos. Os derivados narrativos teriam, desse modo, caráter transformador. Ferro sustenta a ideia da narrativa como um importante elemento de uma cadeia de transformações em análise.

O autor italiano, apegado à teoria bioniana, afirma que a narrativa atua, primeiramente, como uma forma continente dos elementos da mente do analisando, promove uma transformação dos elementos beta em elementos alfa, favorece a expansão da função alfa e, por meio das narrativas, contribui para o desenvolvimento e expansão da mente, que Bion chamou de “aparelho para pensar os pensamentos”, pensamentos oníricos não só do analisando, mas sim da dupla analítica.

O onírico teorizado por Ferro apoia-se nas formulações de Bion (1962), que defendia a existência de um pensamento onírico de vigília e compreende-o como uma atividade contínua da mente, muito além do sonho noturno. Desse modo, o pensamento onírico estaria também presente na vigília, constituindo um relevante material para o trabalho psicanalítico.

O pensamento onírico de vigília consistiria, para Bion, no trabalho constante da função onírica alfa²⁸ na transformação dos elementos beta provenientes de todos os canais sensorio-emocionais transitáveis e percorríveis na relação com o corpo, com o mundo, com o incognoscível.

Segundo Antonino Ferro (1995), a partir de tais pensamentos, imagens escapam do recipiente mental gerando *flashes* visuais²⁹, projetados para o externo e captados pelas

²⁸Bion (2000) utiliza o termo “função onírica alfa” em seu livro *Cogitações*, porém a forma “função-alfa” predominou em seus demais textos. Bion tinha o intuito de não saturar possíveis significados para o conceito, preferindo mantê-lo como uma incógnita (Ribeiro, 2019a).

²⁹ Em seu texto “O sonho da vigília: teoria e clínica”(1999) Ferro retoma de Meltzer o termo “flash visual”, definindo-o como um evento que ocorre “toda vez que um elemento α escapa do aparelho que deveria contê-lo e é projetado ao exterior.” (p.451)

reveries, por meio da capacidade imaginativa da mente, que precisa contar com uma permeabilidade tal como se fossem *flashes* para serem sonhados, além de uma abertura e disponibilidade emocional suficientes para comunicá-los.

Para ser "lido", o sonho necessita de algumas considerações: deve ser "completado" pelo sonho do intérprete sobre ele, o analista deve estar em contato profundo com o sonho, sonhando-o de novo e reorganizando-o a seu modo, numa posição, no fundo, talvez mais modesta do que o primeiro sonhador, mas não menos significativa. (Ferro, 1995, p.104)

Dessa maneira, o contato com o pensamento onírico de vigília constitui a base das *reveries*, dos devaneios carregados de intensa “sensorialidade visual, olfativa ou auditiva, nas várias formas de criatividade” (1995, p.106). O analista trabalha criativamente o material onírico do analisando e ajuda-o ao transformá-lo, via narrativas, em um pensamento que possa ser simbolizado.

A vida onírica seria como um “teatro para a geração de significado” (Meltzer, 1982, apud Ferro, 1995, p.103), cujo enredo é construído numa articulação co-criadora de ambos. Segundo Ferro (1995), o analista não atua somente como um "montador de cenas" ou um mero narrador de uma história preexistente. Ele contribui para a composição de uma sequência de "cenas" (situações emocionais vividas na vigília) trazidas pelo diretor (analisando), porém introduz imagens de sua reverie geradas a partir de uma escuta e de um estado de receptividade e ressonância que ativam, também no analista, fantasias, lembranças, imagens, “e tudo deverá ser organizado... comunicado ao paciente... reorganizado até se tornar uma trama compartilhada” (p.104).

Assim, não há como considerar um sonho como fruto de uma só mente. Há de se ponderar sobre as identificações projetivas que o compõem, num campo emocional que inclui as mentes de analista e analisando e, por consequência, diz respeito à vida mental de ambos.

Sonhar o sonho do analisando abre alas para a pensabilidade do que antes não podia ser pensado. Há assim um trabalho que vai muito além de uma elaboração dos conteúdos psíquicos da mente, mas debruça-se sobre a ampliação da mente em si, criando-se um campo no qual a própria mente se transforma, considerando-se a capacidade de mobilidade, de

criatividade e, por consequência, de expansão. Portanto, a transformabilidade torna-se possível quando há um grau elevado de fertilização no campo constituído pela dupla analítica.

O sonho e sua comunicação representam sempre um momento importante: é um convite a penetrar numa zona mais íntima da relação e poder explicitá-la, como olhar para dentro das gavetas, até das mais secretas. [...] Assim, devemos respeitar a intimidade e as defesas: o que se perde em termos de menor conhecimento comunicado e compartilhado "sobre" alguma coisa, é compensado em muito pelo que concerne o "afeto" de sentir-se respeitado e não invadido, e a progressiva introjeção de uma modalidade não demolidora e intrusiva. (Ferro, 1995, p. 106)

Nesse sentido, é fundamental que o analista seja sensível e afetivo para adentrar áreas tão íntimas da mente do analisando. Ferro (2007) ressalta que o analista deve estar em uníssono com o analisando, e que seja para este um continente, mantendo-se em um estado de receptividade e de criatividade de seu aparelho psíquico para tolerar o desconhecido, o obscuro da experiência.

O autor apresenta a ideia de que, na sala de análise, há uma necessária oscilação entre a criatividade e a técnica, sendo que uma está a serviço da outra. A criatividade prevalece quando a *reverie* acontece, sendo este um momento fecundo que permite aberturas inéditas de sentido para a dupla. A arte ali criada nasce de um *setting* que, segundo Ferro (1995), fornece a moldura, enquanto a tela e as tintas são provenientes dos conteúdos emocionais da dupla analítica.

A criação da dupla inicia-se no campo imagético dos elementos que são pintados intersubjetivamente e ingressa para o território da linguagem. A arte se transforma em palavras, que se agregam e se organizam entre si, até que delas derive uma forma, uma estrutura na qual apresentam-se personagens, engendram-se contos, histórias, figurações, que se alternam em relação às emoções do par. Dessa forma, as mentes de analista e analisando narram o que acontece entre elas (Ferro, 1995, p. 71).

Para Ferro (2017), o objetivo da análise é desenvolver a capacidade de sonhar, tanto no analista quanto no analisando. Para tanto, propõe-se, como técnica na sala de análise, transformar sua escuta das sessões em conteúdos mais oniricamente pensáveis, utilizando como estratégia evocar o enunciado: “Eu sonhei que o meu paciente...” antes de qualquer fala

trazida pelo analisando, a fim de ampliar o trabalho de sua função alfa, expandir o pensar e a capacidade de ambos sonharem a sessão.

O intuito é que tal menção favoreça a função alfa do analista, para que esse sonhe aquilo que não pôde ser sonhado pelo analisando, o ‘protomental’, que na teoria de Ferro é compreendido como anterior à experiência emocional e, portanto, incognoscível, não-pensado. A mente do analista se expande, entra em contato com o pensamento onírico de vigília por meio de sua função-alfa e, por meio da *reverie*, é capaz de acessar aquilo que ainda não pôde ser sonhado. Narrando o que é vivido na sala de análise, transmite o sonhar ao analisando, abrindo caminhos para que possam sonhar mais.

Interessa-me substancialmente desenvolver no paciente e em mim a atitude onírica das nossas mentes: para tanto, opero com o desenvolvimento do continente (aqueles fios de emoção que existem entre mim e o paciente e que, se são tecidos e reforçados, permitem — como aos acrobatas no circo, que se sabem a salvo graças à rede de segurança — conteúdos cada vez mais intensos, permitem dançar entre um trapézio/mente e outro), com o desenvolvimento da função α , ou seja, aquele aparato capaz de transformar protossensorialidade, protoemoções em pictogramas, audiogramas, olfatogramas (elementos α). (Ferro, 2017, p. 258-259)

Assim como já descrito por Ogden no subcapítulo anterior, o psicanalista italiano salienta que, ainda que tais elementos possuam um potencial para a abertura de sentidos e de expansão da mente, são também responsáveis por causar desconforto e turbulências emocionais devido à complexidade do trabalho psíquico a ser realizado. É necessário que haja continência do analista e tolerância à tormenta afetiva causada pela *reverie*, para que, por meio de sua função-alfa, os conteúdos não-simbolizados possam ser metabolizados. Dessa forma, as *reveries* são consideradas pelo autor como a mais completa expressão do bom funcionamento mental do analista. (Ferro, 2017)

Nos casos em que a continência da função analítica falha ou se mostra insuficiente, o autor diz que ocorre uma *reverie* negativa, na qual a mente que deveria acolher e transformar, evacua as protoemoções, obstruindo-a parcial ou totalmente, denotando uma não-metabolização dos conteúdos brutos projetados e gerando uma inversão da relação continente-conteúdo. (Ferro, 2017, p. 193) Daí a relevância do analista estar continuamente atento à sua condição emocional diante de cada analisando, pois a mente do analista é uma

importante ferramenta para que a *reverie* e o trabalho analítico de modo geral possam acontecer.

Para Ferro, há duas formas diferentes de manifestação da *reverie*: os *flashes* de curta metragem e as *reveries* de longa metragem, mais complexas e que, na verdade, advêm da construção que se dá a partir de um conjunto de *reveries*. Na *reverie*, a mente do analista capta os elementos psíquicos, como se os enxergasse com os “olhos da mente”, gerando imagens por meio do pensamento onírico de vigília.

Todavia, o autor (2019) afirma que nem todas as imagens que surgem na sala de análise são *reveries*. A fim de fazer tal distinção, o autor compara *reverie* e metáfora, explicando que, no caso da metáfora, o analista comunica algo conhecido, utilizando uma linguagem acessível e de clara compreensão. Já na *reverie*, a imagem surge espontânea e aleatoriamente, como uma distração, um devaneio da mente do analista, e ainda que esse tente eliminar essa imagem, ela persiste. Nesse momento, segundo Ferro, o analista presume que tal pictograma tenta comunicar algo do que se passa no campo.

Assim, a metáfora pode ser pensada como uma comunicação mais organizada e conhecida, enquanto a *reverie* diz respeito ao incognoscível da experiência emocional vivida na sala de análise e sua emergência gera uma desorganização no campo. A partir da *reverie*, o analista é capaz de entrar em contato com elementos desconhecidos até então, abrindo-se caminhos para uma possível metabolização desses conteúdos psíquicos ainda não pensados.

Ferro (1995) reitera que todo trabalho analítico se baseia na capacidade de *reverie* do analista, pois é por meio dela que ocorre a metabolização dos conteúdos não-pensáveis, tornando-os passíveis de serem pensados. Aponta também para a importância da *reverie* como um instrumento que coopera com a criação da transmissão de um método de pensamento por meio do campo analítico. Isso é graças a um estado de abertura e receptividade da mente do analista, que deve ser também criativa e capaz de conter tais conteúdos protomentais, metabolizando-os e transformando-os (e dessa forma, transmitindo-os) em narrativa.

Chegamos assim a uma maior compreensão da visão de Antonino Ferro sobre as *reveries* serem derivados narrativos do pensamento onírico de vigília. A partir das imagens captadas pelo estado sonhante da mente, as narrativas passam a ser co-criadas via comunicação inconsciente intersubjetiva, capazes de captar os conteúdos do mundo interno, elementos em estado bruto, pensamentos-palavra em busca de um narrador.

Pictografia analítica via narrativas: a centelha vital.



Figura 4
 “O sonho” - Henri Rousseau (1910)³⁰

*A miçanga, todos a vêem.
 Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai
 compondo as miçangas. Também assim é a voz do
 poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.
 Mia Couto*

Muitos foram os vícios que marcaram o percurso de Paulo. Marcas da sua história, peças do quebra-cabeça que o compunham e pareciam não se encaixar. Ele dizia se considerar uma incógnita. Compulsão alimentar, drogas, álcool, consumismo, jogos de azar... Uma busca voraz por algo que lhe confortasse, que apaziguasse o desconforto tão palpável e presente. Entendia que, para além de lhe “completar”, a procura incessante era por algo que desse contorno a um corpo-existência tão disforme, inane. Entrevi (com os olhos da mente) um corpo oco, dentro do qual pude enxergar um movimento manancial, num fluxo intenso, correnteza incessante e desordenada. Tento resgatar minha mente que pairou por um instante e retornar para a sessão.

Paulo diz que para ele os desafios pareciam ter um objetivo: fazê-lo sentir-se melhor. Um "dependente-potencial", cunhava-se. Neste momento, sou violentamente atravessada por

³⁰ Fonte: ROUSSEAU, Henri. O sonho. 1910. Óleo sobre tela, 204 x 298 cm. Museum of Modern Art, Nova York, EUA.

um pensamento, mais do que isso, uma alucinação auditiva vívida, maciça. Era como se estivesse ouvindo uma voz, minha própria voz, dizendo nitidamente: “Sentir-se vivo!”

Passei então a construir uma narrativa que pudesse transmitir a Paulo as imagens e sensações auditivas que se formavam em minha mente desde quando a palavra "dependente-potencial" surgiu na fala dele. Disse a ele que as palavras me pareciam irmãs, e estavam assim colocadas, lado a lado, ampliando minha percepção de familiaridade entre elas. Disse que, assim que foi pronunciada, a palavra “potencial” me remeteu à ideia de uma centelha vital, algo que me pareceu, a princípio, um impulso para a vida, uma saída saudável para um corpo e uma mente que sofriam.

Paulo, que sorria enquanto contava de sua facilidade em viciar-se, me olhou e seu semblante se fechava. Sobrancelhas arqueadas numa configuração que se assemelhavam a algo entre estranhamento, raiva ou reprovação, porém o que eu vislumbrava era um sentimento de vazio, de solidão. Chegava, por vezes, a vê-lo menino. Penso novamente, como na sala de espera: Onde está a mãe?

Permaneceu alguns instantes em um silêncio profundo que iniciara de uma forma densa e que, aos poucos, parecia dissipar-se. Virou-se para um quadro que ficava acima do divã, permaneceu olhando para ele num silêncio inquieto, como se tentasse encontrar alguma palavra que pudesse comunicar algo, o indizível. Como se, olhando para aquele quadro, buscasse encontrar seu “poema”. De repente: “Aquilo é uma fonte?” Respondo: “Olha só... agora que você disse, parece que vejo uma fonte também. Não via antes, agora vejo nitidamente.”

Era incrível que Paulo tivesse usado justamente essa palavra: fonte. Lembrei-me da imagem do fluxo de águas intenso, vigoroso, dentro do corpo oco. E ele continua: “Sabe... tenho pensado em muitas coisas desde que começamos. Penso sobre como eu tenho vivido, sobre as coisas que eu sinto que me dão prazer, ou melhor, o prazer que eu realmente queria que me dessem, mas não funcionam verdadeiramente. Sempre achei que isso fosse ruim. Mas quando você falou 'centelha vital', parecia que eu já conhecia essa expressão desde sempre, mas não. Estou certo de que hoje foi a primeira vez que a ouvi. Mas essas palavras ecoaram dentro de mim.”

Palavras que ecoavam dentro de Paulo e que também me habitavam. O eco das profundezas mais íntimas e desconhecidas do mundo interno de Paulo estavam ressoando

agora no externo. Fora transformado em palavras. Palavras vivas, carregadas de significados, não pré-concebidos, mas sim co-criados. Pensamentos-palavra do campo emocional. Uma centelha vital que percorria aquele campo, era captada por nossas mentes.

E continua:

“Estranho que, ao mesmo tempo que me parece uma ideia nova, é tão familiar. Lembro-me que, desde pequeno, eu tinha medo de poço, sabe, aqueles poços artesianos. Só que eu os chamava de fonte. Acho que as ideias se misturaram na minha cabeça quando eu ouvi 'centelha vital', enxerguei no quadro uma fonte.

Devo ter buscado enxergar, isso sim. Pensei comigo: será que sempre teve uma fonte de vida dentro de mim? Eu me chamava de 'poço' por causa da obesidade. E todos me corrigiam dizendo: É 'rolha de poço' que se diz!! Mas eu continuava dizendo 'Eu sou esse poço'. Nossa, isso é tão curioso...

Acho que, na verdade, eu me sentia vazio como um poço, mas eu sentia que havia dentro de mim uma inquietação, nunca uma ideia de que fosse uma potência de vida. Parece que os vícios eram, de fato, um caminho para a morte, mas a natureza da busca, não.

É essa busca que me faz, agora, pensar que sou, sim, um poço, pois ainda me sinto vazio. Mas também tem dentro de mim uma fonte de vida, sim. E eu quero viver. Sinto que ainda não me sinto vivo”.

Paulo encerra a sessão com a frase: *“Nossa, temos muito a pensar...”*

“Temos muito a pensar...” Um pensar compartilhado, criador de imagens, lembranças. Representações iam sendo geradas no campo emocional criado por ambos. A "fonte", um pensamento-palavra, que coabitava a mente de Paulo, sem que ele pudesse significá-lo até ser narrado.

Tecida na sala de análise, a narrativa se constrói no entremeio da fluidez de pensamentos da dupla, na liberdade da imaginação alojada no campo. As miçangas soltas, peças do quebra-cabeça de Paulo que pareciam nunca se juntar, ali eram contempladas e ganhavam novas imagens, novos sentidos. O campo emocional favorecia que o “fio que, em colar vistoso, vai compondo as miçangas” pudesse ir “costurando o tempo” necessário para que os pensamentos-palavras se tornassem peças-chave para que Paulo se apropriasse da experiência emocional e ampliasse seu conhecimento de si mesmo.

Fragmentos intersubjetivos que vão se unindo e compondo um enredo, “*um colar vistoso*”, como poetizado por Mia Couto. Pérolas vão se juntando através do fio delicadamente tecido pelo trabalho analítico, que inclui as elaborações de ambos os integrantes da dupla, de “todos” os habitantes que circundam a sala de análise. Pensamentos-pérola vão se avizinhandos por intermédio das palavras advindas de um vasto conjunto semântico, que ampliam as conexões entre as mentes.

O pensamento onírico de vigília presente no campo evoca sentimentos e emoções que buscam articulações. Uma “ideia nova, mas tão familiar”, dizia Paulo diante das reflexões que se abriam a partir da experiência vivida e narrada naquela sessão. Lá estava um pensamento à procura de um pensador, sonhado a dois, agora podendo ser pensado por Paulo. Uma narrativa que alcançaria, despretensiosa, porém tão cirurgicamente, um núcleo fundamental para que a análise pudesse se tornar transformadora.

Paulo pôde criar. Criamos juntos. Elementos psíquicos brutos tornaram-se pérolas. Um trabalho que, via semântica, possibilitou narrar a experiência emocional. Sonhávamos juntos a sessão, criávamos juntos novas histórias e nossas mentes se expandiam para sonhar novos sonhos..

O potencial transformador do campo está na riqueza das peças que vão sendo apresentadas, narrativas as quais o analista não deve apressar-se para dar-lhes um sentido, como se quisesse abrir o baú das revelações com a chave mágica da interpretação. As *reveries* do analista, como nos apresenta Ferro, têm, portanto, um papel central no campo, pois oferecem um rico material a ser artesanalmente preparado: conduzir suas pérolas soltas, juntá-las às do analisando, contê-las e organizá-las para que ganhem forma.

Como analistas, o trabalho de tecer o “fio de miçangas”, de juntar os pensamentos-pérolas, ocorre quando nos permitimos embrenhar-nos pelos fragmentos afetivos, perpassando as turbulências do não-saber, do incognoscível. Assim, lenta e sutilmente, amplia-se a possibilidade de que as pérolas de ambos se avizinhem e aumentem a capacidade de sonhar, de gerar novos sentidos, expandindo a apreciação e a simbolização da experiência emocional.

Pontilhando narrativas com Antonino Ferro

“Dependente-potencial”. Expressão usada por Paulo para descrever-se em relação à facilidade com que se tornava viciado em coisas nas quais encontrava algum prazer me toma por completo. A partir desse momento, minha mente passa a operar em um estado alucinatório no qual imagens e pensamentos circulavam e se entrepunham. Tento, então, encontrar uma forma de metabolizar o movimento manancial e desordenado que se formava para, então, poder transmitir a Paulo algo do que estava sendo tão nitidamente captado ali naquela cena analítica.

No interjogo entre palavras soltas, imagens capturadas inconscientemente e posteriores narrativas criadas para comunicar algo da experiência emocional é que se encontra o ponto central do fragmento clínico apresentado no capítulo 3.2, intitulado “Pictografia analítica via narrativas: a centelha vital.” Aqui podemos observar que o encontro entre o vivido na situação analítica e as formulações teóricas desenvolvidas por Antonino Ferro se deu, fundamentalmente, pela captação do que chamei de “pensamentos-palavra”.

Naquele “dependente-potencial” que meus ouvidos captavam, comportava também elementos que eram entrevistados com os olhos da mente, escutados numa audição alucinada: “Sentir-se vivo”. Tive uma sensação estranha de uma incessante busca por algo que, não só o (pre)enchesse, mas que desse contorno a um corpo oco. Neste momento, passo a vislumbrar, ainda sem compreender o porquê, um intenso fluxo de águas que corriam intensa e desordenadamente.

As *reveries* da analista se apresentam, portanto, como um contato direto com elementos protomentais. Tantas vezes com Paulo, ou com outros analisandos, quando minha mente capturava, via reverie, algo da experiência emocional daquela cena analítica, nem sempre me sentia motivada a interpretar ou a tentar organizar aquelas ideias a fim de transmiti-las ao analisando. Mas naquela sessão com Paulo, era levada, sem muito entendimento, à ideia de que precisaria construir uma narrativa que pudesse dizer a Paulo sobre as imagens e sensações que circulavam em minha mente.

Tive uma curiosa necessidade de criar um enredo, uma narrativa capaz de expressar o que me habitava e que me parecia um protótipo de um pensamento a ser pensado. Quando uso alguns recursos semânticos para expressar meu devaneio, algo se abre para podermos contemplar o mundo interno de Paulo. Quando verbalizei “centelha vital”, Paulo recebeu a

expressão com impacto, surpresa, estranhamento, assim como eu com a expressão “dependente-potencial”. Pictogramas e as imagens ou figuras primárias da representação das experiências emocionais. A ideia de haver uma centelha vital que, por trás de toda a destrutividade ligada aos vícios, um impulso para a vida, uma saída mais criativa para um corpo oco e um psiquismo que precisava, mais que sobreviver, "sentir-se vivo".

Mergulhados no reino das palavras, as de Paulo ecoaram em minha mente, e as narrativas criadas para transmitir tais captações, ressoavam em Paulo, e ele, pouco a pouco, encontrava seu “poema”. Uma cena analítica habitada por palavras vivas, carregadas de significados, não pré-concebidos, mas sim co-criados. O campo emocional analítico seguia tomado por pensamentos-palavra e a centelha vital se fazia presente na mente de Paulo: “(...) quero viver. Sinto que ainda não me sinto vivo” e da mesma forma, na dupla analítica: “Nossa, temos muito a pensar...”.

As ideias de Antonino Ferro nos ajudam a pensar esse fragmento intersubjetivo e a considerar que a analista deixou-se capturar pelas forças do campo, sem se perder nele, distanciando-se o suficiente para ser capaz de metabolizar e articular os pictogramas emotivo-sensoriais, transpondo-os em uma organização sequencial que formasse uma narrativa.

O pensamento onírico de vigília é como uma névoa, que evoca sentimentos e emoções que clamam por conexões, por articulações que lhes confirmam sentidos. Para Ferro, a *reverie* é uma chave fundamental nesse processo, pois abre portas para que os pictogramas que emergem dela originados narrativos, resultantes de um fluxo de novos pensamentos associativos que são iniciados a partir dos elementos incognoscíveis captados.

É assim que as narrativas nascem, fruto de um processo no qual tanto o analista quanto o analisando são capazes de transformar os elementos emocionais contidos nos pensamentos-palavras. Um processo transformador no qual as mentes de ambos conectam as palavras às emoções que nelas residem. Um movimento fluido que culmina em uma narrativa que é mais do que a junção de palavras. Esses pensamentos-palavra podem ganhar (possíveis) novos significados na continência do trabalho analítico, e ambos, analista e analisando, saem dessa experiência transformados.

2.3 - Da evocação dos símbolos à construção de significados:

o casal Rocha Barros e o conceito de Pictogramas Afetivos

*A imaginação é um prisma brilhante,
que reflete todas as cores
que decompõem os menores átomos de luz,
que faz cintilar um raio de pensamento
por cada uma de suas facetas diáfanas.*

José de Alencar

Carregadas de simbolismos, as imagens expressam e tornam mentalmente visíveis as ressonâncias afetivas do mundo interno. São como estruturas enigmáticas por meio das quais penetramos nas profundezas das representações³¹ mentais, conferindo forma, contorno, consistência e legibilidade às experiências emocionais.

Como fagulhas que carregam em si a potência do fogo e que, ao unirem-se, tornam-se capazes de reluzir, as imagens abrigam em si um potencial para a criação de símbolos que vinculando-se uns aos outros. Esses símbolos criam encadeamentos afetivos capazes de acender a chama do sentido, alastrando-se numa inesgotável criação de novas representações imagéticas atribuidoras de inéditas e mais amplas significações.

Lançado, portanto, à proeminente dimensão do universo simbólico, este capítulo apresenta as contribuições de Elias Mallet da Rocha Barros e Elizabeth Lima da Rocha Barros, um casal de psicanalistas brasileiros que tem ganhado cada vez mais notoriedade graças à originalidade e à consistência teórica e clínica de suas produções. Entre elas, as reflexões sobre o papel da simbolização e a constituição de significados na vida mental e sua vinculação com o fenômeno da *reverie*.

Os Rocha Barros (2012) consideram que conceitos são formados a partir de gérmenes semeados por ideias precedentes, que progridem e se transformam ao longo do tempo, por esgotamentos e rupturas, demandando aprofundamento e a criação de novos conceitos. Embasados nas formulações de Klein e Bion, os psicanalistas brasileiros tomam como

³¹ Considera-se que não há nada que possa se dar de uma mente à outra sem que um trabalho representacional, em algum nível, esteja sendo feito.

exemplo dessas transformações o conceito de contratransferência, afirmando que esse perde sua precisão a partir da noção de identificação projetiva e de *reverie* (primeiramente em Bion e posteriormente no aprofundamento significativo dado a ela por Thomas Ogden) e passa a ser ampliado, para além das ideias freudianas, a uma outra dimensão: a intersubjetiva.

No prefácio do livro *Por que Klein?* (Cintra e Ribeiro, 2018), o casal Rocha Barros cita uma passagem de Kristeva (1978), na qual a autora diz que todo texto é como um mosaico de citações, ou seja, uma absorção e transformação de outro texto. Os autores complementam:

Se textos forem estudados desse ponto de vista poderemos concluir, por exemplo, que um conceito tão contemporâneo como o de *reverie* já estava semeado na obra de Freud na noção de atenção igualmente flutuante, embora naquele momento ainda isolado de uma relação intersubjetiva. Dentro deste ângulo a questão da *reverie* e da intersubjetividade (tão contemporâneas!) estava presente de forma pregnante no conceito de identificação projetiva introduzido por Klein. Melhor dizendo, é impossível entendermos a questão da importância da intersubjetividade sem conhecermos suas relações com a problemática da identificação projetiva, um termo que contém em si uma imensa complexidade. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2018, p. 21)

Os psicanalistas brasileiros (2012) reforçam que o conceito de contratransferência evoluiu e ganhou maior relevância do ponto de vista clínico, devido à compreensão da relação analítica como uma complexa experiência intersubjetiva. Ao discorrerem sobre a evolução dos conceitos em psicanálise, citam Laplanche quando compreendem que um pensamento analítico progride "por repetição e ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento. Os momentos inovadores são também retorno à fonte. O aprofundamento é a reafirmação de uma existência originária" (Laplanche, 1987/1993, p.52 apud Rocha Barros, 2012, p.136).

Na esteira dos caminhos percorridos pelo conceito de contratransferência, os Rocha Barros (2012) mencionam os trabalhos de diversos autores como Aguayo (2011), H. Racker (1968), Paula Heimann (1950) e Money-Kyrle (1956). Os autores (2012) reforçam que Bion (1951, 1958, 1962) preferia falar em identificações projetivas no analista e, posteriormente, em *reverie*. Os autores citam uma passagem na qual Bion (1962) diz que "a teoria da contratransferência oferece explicações somente parcialmente satisfatórias, porque se refere a sua manifestação como um sintoma dos motivos inconscientes do analista, mas deixa de fora sem explicar a contribuição do paciente." (Bion, 1962, p.23-24, apud Rocha Barros & Rocha Barros, 2012, p. 138). O casal complementa a ideia quando expõe que:

Na história dos conceitos psicanalíticos poderíamos dizer que no início a contratransferência poderia ser vista como análoga a uma fotografia de um momento relacional. Posteriormente, com a evolução da compreensão da relação analítica como um processo inter-relacional-bipessoal (Ferro, 1995,2007) - a contratransferência passou a ser comparada analogamente com um filme, como algo que resulta de uma movimentação de muitas fotografias. A partir daí deixamos de poder falar em contratransferência isoladamente e passamos a associá-la àquilo que Bion (1962b, p 309) denominou *rêverie*. Nesse momento os processos mentais em curso na mente do analista se tornaram o foco da investigação e o campo a partir do qual a interpretação é elaborada. (ROCHA BARROS, 2012, P.139)

O conceito de contratransferência ganhava, portanto, uma ampliação e, com isso, uma substituição usual deste para descrever os fenômenos que ocorrem na cena analítica. Elias e Elizabeth da Rocha Barros (2012) ressaltam ainda que, nas reflexões de Ogden, a *reverie* englobaria a contratransferência, pois esta não seria somente uma reação do analista à transferência, mas também, a expressão de elementos que pertencem a uma dinâmica da relação entre analista e analisando, conteúdos experimentados intersubjetivamente.

Acompanhando os Rocha Barros, compreendemos que a emergência das *reveries* se dá no campo das contratransferências, inscrevendo-se nesse território, porém diferenciando-se dele, na medida em que, para os autores, os conceitos estão ligados, sem delimitações precisas, mas cada qual guarda em si as marcas de sua criação. Na visão dos autores (2012), o conceito de *reverie* seria uma progressão da noção freudiana de contratransferência, pelo fato de que a *reverie* opera como um instrumento de apreensão e, sobretudo, de comunicação da expressividade dos processos inconscientes que estão ocorrendo no campo intersubjetivo.

Portanto, na visão dos Rocha Barros (2012) os conceitos de contratransferência e de *reverie* não podem ser considerados sinônimos, ainda que nem a contratransferência, nem a *reverie* sejam delimitadas por fronteiras que as separe entre si. (p.138) Para os autores, a contratransferência se relaciona à experiência da *reverie*, que por sua vez está ligada ao conceito de identificação projetiva, aproximações essas que promovem uma expansão quanto à compreensão psicanalítica da intersubjetividade. Este processo de comunicação entre mentes que coloca luz aos processos mentais em curso na mente do analista, e deste modo, promovendo expansão nas investigações psicanalíticas sobre o campo intersubjetivo do qual as interpretações são elaboradas.

A fim de promover uma maior compreensão sobre o fenômeno da *reverie*, este capítulo pretende debruçar-se, a partir das formulações do casal Rocha Barros, sobre como tal conceito retrata a abertura dinâmica da mente do analista que favorece um processo de elaboração de interpretações e constituição de significados sobre a experiência emocional.

Os autores (2018) afirmam que a *reverie* ocorre por meio da captação de imagens geradoras de símbolos que não só representam emoções, como também as expressam, o que denominam de *expressividade*. Utilizam esse termo comparando-o ao fenômeno tal qual descrito na filosofia da arte, no qual a imagem simbólica não apenas descreve ou representa as emoções. A principal tarefa da expressividade é transmitir, via evocação, para a mente do outro, uma representação colorida pelas emoções. Dessa maneira, o casal brasileiro afirma que a "expressividade precede a capacidade comunicativa através das palavras" (Rocha Barros & Rocha Barros, 2018, p.20), como se a anunciação se desse pelo toque expressivo das trombetas, mesmo antes da proclamação do arauto.

No mesmo texto, o casal de psicanalistas sugere que a expressividade, como veículo promotor de emoção no outro, não seria essencial somente nas artes. Na mesma medida, ela é primordial como geradora de memórias afetivas e de formas simbólicas na vida psíquica, visto que uma das funções mais relevantes da expressividade é ativar a imaginação. Logo, a expressividade torna-se fundamental, tanto na arte, no que diz respeito aos processos criativos, quanto na psicanálise, nas evocações imagéticas intersubjetivamente criadas, veiculadas pelas *reveries* do analista. O caráter expressivo é o que faz as imagens adquirirem uma intensidade de epifania, e dessa maneira, serem capazes de produzir transformações significativas (em ambos, analista e analisando).

A evocação, comumente gerada a partir de uma imagem, é uma forma de comunicação não-discursiva, que permite conexões e amplia as possibilidades de representações afetivas. A palavra imagem, aqui empregada pelo casal Rocha Barros, está na mesma direção proposta por Langer (1967, apud Rocha Barros, 2018) para se referir a um material advindo da imaginação. Tais imagens evocadas, segundo os autores, são pictogramas afetivos que necessitam passar por um trabalho, em grande parte inconsciente, que decorrerá, preponderantemente, via sensibilidade do analista.

O conceito de pictogramas afetivos apresentado pelos Rocha Barros (2000), refere-se às imagens compostas por elementos afetivos portadores de diferentes significados, que assumem primeiramente uma forma inicial inconsciente de representação mental das

experiências emocionais, podendo produzir um sistema simbólico novo, capaz de apreender e transformar significados.

Dessa forma, quando transpostos via palavras, os pictogramas afetivos favorecem o trabalho psíquico entre analista e analisando, promovendo a expansão das mentes da dupla e a criação de novos símbolos que expandem as redes afetivas inconscientes e favorecem um melhor diálogo com os aspectos do *self*. O casal de psicanalistas complementa essa ideia, utilizando uma terminologia winnicottiana, quando afirma que é por meio da verdade psíquica, alimento para a constituição do si mesmo, que o analisando se torna capaz de viver a vida que antes permanecia não vivida:

É quando ampliamos nossa capacidade de comunicação conosco (e, em consequência, também com os outros), através da permanente criação de novos símbolos - base da construção de pensamentos - que desenvolvemos a capacidade para lidar com o sofrimento psíquico, e criamos as condições para uma compreensão mais profunda do mundo humano que nos cerca. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2018, p.21)

Segundo os Rocha Barros (2002; 2012; 2018), símbolos nunca devem ser meramente traduzidos ou decodificados para que não haja uma redução e/ou fechamento da plasticidade das redes afetivas que estão disponíveis neles, que favorecem a expansão de nossa capacidade de pensar sobre nossas experiências emocionais e nossas relações com o mundo. O símbolo atua, nessa perspectiva, nas articulações afetivas entre mundo interno e externo.

O objetivo da psicanálise, segundo os autores, seria, portanto, favorecer o desenvolvimento emocional no analisando por meio de uma ampliação da capacidade simbólica e, por consequência, da capacidade do pensar. Assim, a criação de novas possíveis formas simbólicas ajuda a atribuir sentido às experiências. Imagens, portanto, convocam a mente a um trabalho complexo e constante de representação.

Os símbolos podem apresentar-se de duas maneiras distintas: o simbolismo presentacional e o simbolismo discursivo. Os símbolos presentacionais são intuitivos, comunicam as emoções de forma não-discursiva, ou seja, sem nomear a experiência emocional, mas sim, se presentificar pelo conteúdo. Em suma, o simbolismo presentacional é conotativo, capaz de evocar emoções e tocar o interlocutor a partir de sua expressividade afetiva. Por outro lado, o símbolo discursivo é denotativo, atravessado pela linguagem,

nomeando as experiências emocionais e mantendo a expressividade da experiência emocional simbolizada.

Ambas as formas de apresentação dos símbolos, na visão de Elias e Elizabeth Rocha Barros (2012), não apenas comunicam algo, mas são também o veículo condutor por meio do qual o conteúdo emocional é transportado. As duas formas de simbolismo mantêm uma relação dialética e contribuem para a expansão da função do pensar que se dá a partir da progressão das representações mentais. Pode-se pensar, assim, que a mente, por meio de símbolos, trabalha para atribuir sentido às experiências. As imagens simbólicas, via pictogramas afetivos, evocam emoções que buscam significar e elaborar as experiências emocionais.

O casal de psicanalistas propõe que a promoção de novos sentidos às experiências emocionais pode ocorrer a partir de três níveis: o significado oculto, o significado ausente e o significado potencial, que podem operar simultaneamente e se interpenetrarem na constituição da vida mental. O significado oculto refere-se aos elementos ainda desconhecidos ou reprimidos. O significado ausente está relacionado à pregnância dos objetos internos sobre o psiquismo em situações às quais o ego está sendo confrontado entre as forças conservadoras e a pressão para o desenvolvimento. Já o significado potencial refere-se às vivências produzidas pela interpretação do significado ausente que se abre potencialmente para a experiência de sentido através de vivências possibilitadas pela interpretação, porquanto essa abre caminhos para vários novos possíveis sentidos. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2000, p.55)

No processo em que se constituem e se figuram, os pictogramas afetivos apresentam em si um potencial para significados, mesmo se ocultos ou ausentes, que estão em um estado de suspensão. A ausência e a ocultação aqui referem-se à existência de algo que ainda não aconteceu ou está cindido, o que implica em um estado de descontinuidade. A ausência aguça a psique a criar recursos de representação. Os pictogramas afetivos evocados na mente do analista durante a *reverie* surgem antes mesmo de serem constituídos na mente do analisando, pois este demanda guarida na mente do analista para que seja possível pensar aquilo que ele ainda não é capaz de transformar em uma representação, e dessa forma, poder ser passível de ser pensada.

Oculto, ausente ou potencial, a tarefa do analista é rearticular significados que partem de planos simbólicos distintos. E, por meio de sua capacidade imaginativa e sensibilidade para interpretar os pictogramas afetivos do analisando, favorece uma abertura para a criação de

novos significados que ampliem as possibilidades vivenciais e o desenvolvimento da experiência emocional. O analista precisa estar aberto e sensível à evocação de tais imagens e oferecer uma primeira representação simbólica ao paciente, para que a experiência emocional possa ser ampliada, desenvolvida e elaborada.

A capacidade de *reverie*, nessa perspectiva, é fundamental para a apreensão e a compreensão dos processos inconscientes transmitidos a partir dos pictogramas afetivos. Atuando como parte primordial da função psicanalítica da personalidade, a *reverie* torna o analista capaz de captar tais imagens e sentimentos evocados em sua mente, criando essa primeira representação mental de estados até então protomentais. Isso ocorre por meio de um importante campo de comunicação, expressão, construção e reconstrução, que torna possível que a experiência emocional do analisando possa ser pensada. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2017)

Todavia, os Rocha Barros (2019) reforçam que uma vivência traumática ou o transbordamento emocional por um excesso de excitação interferem na capacidade de reação e resposta aos aspectos expressivos dos símbolos. Nessas situações, tais aspectos não estão apenas silentes, permanecem também neutralizados, arredando-se da plasticidade necessária para que a expressividade ocorra. Desse modo, as emoções são eclipsadas e a vida afetiva se mantém neutra, apartando o analisando (e por conseguinte, o próprio campo analítico) dos tão necessários significados emocionais:

Quando a experiência emocional apresentada mentalmente não se amplia transformando sua base simbólica, a mente fica impedida de pôr em atividade a função continente e assim metabolizar suas emoções. Num estado neutro, isto é, vazio de emoções, nenhum trauma pode ser perlaborado. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2019, p.104-105)

Frente a esse desafio na clínica, os Rocha Barros apontam algumas questões necessárias: Teriam esses pacientes a capacidade simbólica mutilada? Poderia um paciente produzir simbolismos sem que ele viva plenamente a experiência emocional? Pensando sobre esses impasses, o casal afirma que é necessário compreender as interferências no processo de construção das formas simbólicas. Os autores sugerem que é por meio da expressividade do símbolo que se dará, ou não, a possibilidade de o paciente ampliar suas experiências emocionais, promovendo, em sua vida afetiva, transformações semióticas. A expressividade é

capaz de decompor a experiência traumática neutralizante, integrando-a simbolicamente num contexto pensável e, destarte, passível de um processo de elaboração.

Ainda que a expressividade dos símbolos esteja neutralizada ou apenas parcialmente acessível para a interpretação e para ser pensada, é necessário integrar as partes cindidas pelas vivências traumáticas a fim de aumentar a permeabilidade às experiências emocionais. As associações do analista via função conotativa colocam a experiência cindida sobre a mesma cobertura emocional pois, quando possibilitam que diferentes sentimentos coabitem o mesmo espaço mental, criam-se novas possibilidades de relação entre experiências mentais. Promove-se, assim, a expansão da mente e a metabolização das vivências traumáticas.

Para isso, é fundamental haver um trabalho analítico contínuo que vise a progressão da qualidade da forma simbólica, para que essa possa ampliar-se, adquirir uma qualidade conotativa, até que seja possível libertar-se do seu significado traumático limitado a processos denotativos. É somente por meio dessa ampliação que criam-se conexões com outras redes afetivas e, dessa forma, o símbolo adquira (ou recupere) seu significado representativo e expressivo, produzindo mudanças que gerem desdobramentos expressivos capazes de simbolizar as paixões que dão significado à nossa vida.

É através dos símbolos que a pensabilidade afetiva se desenvolve e se torna parte do processo de metabolização da vida emocional. Termo esse utilizado metaforicamente pelos autores para designar um processo de metabolização que ocorre devido à movimentação de significados a partir de níveis de processamento mental diversos. Novas redes emocionais e novas memórias antes cindidas ou reprimidas passam a "ficar disponíveis para serem integradas no rio de significados que constitui a vida mental do paciente" (Rocha Barros & Rocha Barros, 2019, p.106).

Ainda que diversos autores venham se debruçando sobre o tema da *reverie* e sobre os processos de simbolização, é notória a originalidade das ideias do casal Rocha Barros, bem como sua capacidade de articulação dialética da experiência clínica e a apropriação e riqueza reflexivo-argumentativa das ideias psicanalíticas clássicas e contemporâneas.

Fred Busch (2018), autor que se dedicou a fazer uma análise crítica sobre as diferentes concepções de *reverie*, tanto em termos conceituais, quanto em relação à sua aplicabilidade na clínica, destaca que as reflexões do casal Rocha Barros, diferentemente das proposições de Ogden e Ferro, apontam para a importância de o analista simbolizar, via interpretações, o

significado das imagens captadas pela *reverie*, buscando associá-las aos conteúdos afetivos do analisando e transmiti-los a ele. Dessa maneira, Busch (2018) considera que o casal brasileiro apresenta uma importante contribuição psicanalítica: a ideia de que os pictogramas afetivos devam ser transformados via processo simbólico e devolvidos ao analisando discursivamente.

Considerando o contraponto levantado por Busch, podemos creditar a Ogden e Ferro uma proposta de psicanálise ontológica, mais ligada ao pensamento bioniano que considera mais a experiência emocional e o desenvolvimento do pensar, enquanto o casal Rocha Barros tende à uma proposição mais pautada pelo vértice epistemológico, numa formação mais próxima às referências freudianas.

Em acordo com o que fora apontado por Busch, Elias M. da Rocha Barros se diz realmente avesso à corrente de psicanálise que acredita que o trabalho do pensamento onírico, que resulta no sonhar, como transformativo por si só, não havendo necessidade de ser interpretado. Para o autor, essa visão não comporta a existência de um psiquismo dinâmico que abriga resistências e repressões, que dificultam ou impedem o acesso a significados por parte do analisando, ou sugere que o próprio sonho, na melhor das hipóteses, já teria removido qualquer resistência.

Contudo, sobre o uso da interpretação como ferramenta necessária para o trabalho analítico, o casal Rocha Barros reitera a importância do analista elaborar primeiramente os pictogramas afetivos captados, antes de interpretá-los e devolvê-los ao analisando. Tal trabalho de elaboração exige que o analista esteja sensível às emoções evocadas em sua mente via pictogramas afetivos, porém precisa primordialmente ser capaz de pensar a *reverie* como uma chave intersubjetiva da sessão, sendo ela uma importante via semiótica, que compreende processos de comunicação, expressividade, reconstrução e transformações. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2017; 2019).

Assim, os autores reforçam que para ocorrer um fato analítico, é necessário muito mais do que a captação de uma imagem. É primordial que o analista, por meio de autoanálise, alcance uma capacidade de reflexão sobre os elementos que habitam sua mente e que busque o desejo de comunicação implícito na imagem. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2012). Trata-se de um trabalho de construção, e não de adivinhação ou de decifração, ampliando a dimensão da interpretação para uma experiência intersubjetiva, na qual há um desejo do analista de construir, junto ao analisando, sentidos a partir das conexões emocionais vividas que estão presentes na evocação, porém ainda ausentes no plano da discursividade consciente.

A imagem evocada pode ser transposta por intermédio de um simbolismo discursivo, e então comunicada pelo uso de construção dizível direcionada ao analisando. Construção que contemple não palavras aleatórias, mas sim aquelas que possam produzir uma experiência emocional galgada no estabelecimento de elos que favoreçam no analisando uma sensação de *insight*, de ter encontrado um sentido que permita compreender aquele instante de sua vida e possa ser ampliado e associado a outros momentos.

Ao elaborar a *reverie* e construir uma interpretação, o analista transforma o símbolo presentacional do pictograma afetivo em um simbolismo discursivo. Trata-se de um complexo trabalho psíquico a partir do qual a imagem evocada precisa ser desconstruída para que se construa significados via simbolismo discursivo. Os sentimentos e emoções captados via imagem evocam no analista metáforas que articulam símbolos discursivos e não-discursivos, que serão transmutados para uma linguagem verbal semiótica descritiva, a fim de ampliar a capacidade de pensar a experiência, expandindo o poder de comunicação.

Para os Rocha Barros, a interpretação não tem o intuito de somente nomear o que fora captado da mente do analisando, mas de constituir um veículo que expande os elos afetivos e promova ligação de outros elos, conexões e experiências emocionais significativas. Isso ocorre em decorrência da geração de novas bases simbólicas que possibilitam os afetos que até então não podiam ser pensados pelo analisando, e portanto, não existiam na consciência, de serem representados e expandidos pelo trabalho analítico de simbolização.

A função interpretativa vai além de uma mera explanação, uma tentativa de decifrar o mistério oculto e atingir a verdade da experiência. Ela, sim, representa uma forma de ampliar o trabalho analisante a uma dimensão potencialmente fluida para o desenvolvimento de uma extensão simbolizante da experiência emocional, que possibilite novas construções e articulações de pensamentos. Nas palavras dos autores:

(...) as interpretações não apenas esclarecem aspectos da vida emocional, mas permitem, por serem conjecturais, a ampliação do universo observável do paciente e do campo de escrutínio, seu campo de visão, ampliado em decorrência sua capacidade (bem como a do analista) de compreender suas respostas emocionais e sua relação com o passado. (Rocha Barros & Rocha Barros, 2002, p.119)

A pensabilidade é convocada pela interpretação e convidada a se achegar à experiência emocional. Os autores reafirmam um dos grandes méritos da obra de Bion: apontar para a permanente conexão entre o pensar e as emoções. A descoberta bioniana fica evidente se observarmos que, por meio da interpretação, algo evocado pela expressividade que se apresenta num plano imagético, é transposto discursivamente em uma linguagem verbal que permite a criação de significado, abrindo o campo mental para pensar a experiência emocional e criar novas conexões.

Encerro este capítulo reimprimindo a ideia viva dos autores de que as formas simbólicas são como instrumentos que nos ajudam no processo do pensar, nos auxiliam a dar forma e cor a novas imagens que só puderam vigorar a partir de um símbolo primeiro. Imagens evocadas que se desdobram em nossa mente, promovendo conceituações que advêm de novos símbolos, novas formações imagéticas.

Pictografia analítica da expressividade simbólica: os pictogramas afetivos do casal Rocha Barros



Figura 5-
“Noite Estrelada” - Van Gogh (1889)³²

Tique-taque, tique-taque, tique-taque...

Que estranho... de onde vem? Meu relógio? Não é! Será o dele? Duvido. Nesta distância seria impossível reboar dessa maneira. Que barulhinho irritante é esse?

³² Fonte: VAN GOGH, Vincent. Noite Estrelada. 1889. Óleo sobre tela, 73,7 x 92,1 cm. Museu de Arte Moderna de Nova York, Nova York, EUA.

"Foco!", penso comigo. Concentre-se, seu foco é Paulo. Meu superego cruel se esbalda me aterrorizando por estar me "distraindo" tanto naquela sessão. Busco uma justificativa: "ele está tão agitado que tem me distraído. É isso!". Hoje percebo que não somente.

Desde pequena detestava ventilador na sala de aula. O barulho daquela máquina (que normalmente era velha e desajustada) dominava todas as minhas sinapses. Impossível pensar com tal algazarra neuronal que ressoava ruidosa e carnavalescamente em minha cabeça. Nunca tive prejuízos escolares por conta desse desvio na concentração, pois sempre achava um jeito de focar. Sentar-me na primeira carteira, bem próxima ao professor foi minha tática infalível ao longo de toda minha vida. O lema era afastar a distração focando em algo concreto. E funcionava, de fato!

Mas aquela não era uma sala de aula, e Paulo não era meu professor, e por mais que me punisse mentalmente por achar aquela distração inadequada e incoerente, também era capaz de me recordar que aquele era um espaço compartilhado por duas mentes que se comunicavam, nem sempre por palavras, mas também por sons, imagens, sensações... enfim, símbolos.

Procuo não romper a receptividade tão necessária ao trabalho analítico e me ancoo na boa e velha atenção flutuante. Me aproprio novamente de minha função analítica da qual cheguei a supor ter me desconstruído. Reencontro meu lugar ali, com Paulo e com os tique-taques, as palavras, as lembranças, outros tique-taques, os silêncios, os medos, mais tique-taques, a crueza, a fragilidade, a imponência... Imagens, formas e sons iam se misturando melodicamente, como se saíssem de Paulo e de mim. Sons que neste momento me remetiam à imagem de uma orquestra criando uma sinfonia.

*On a le même tempo, mais pas le même pattern
On a le même tempo, mais pas le même pattern
On chante la même mélodie
Et pas avec les mêmes harmonies*

Me recordo desse trecho da música "Duo" - o interessante é que eu não fazia ideia do nome dela até pesquisar para citá-la e, curiosamente (e, claro, não coincidentemente) o título significa par, dupla. A canção é interpretada por dois artistas extremamente performáticos, os compositores e intérpretes francófonos, Angèle e Philippe Katerine, bastante populares atualmente na França e internacionalmente, e o trecho evocado em minha mente diz:

*Temos o mesmo ritmo, mas não o mesmo padrão
 Temos o mesmo ritmo, mas não o mesmo padrão
 Nós cantamos a mesma melodia
 E não com as mesmas harmonias.*

A toada comporta, claramente, um tom de humor, irreverência, toques de malícia e conotações sexuais (próprias das composições dos artistas mencionados). Ainda que fosse evidente que a situação analítica com Paulo também incluísse conteúdos da ordem do sexual - a atmosfera transferencial e resquícios evidentes do conflito edípico - o que ressoava mais alto em minha mente era o aspecto literal da canção. Era a história de duas pessoas conectadas por um ritmo, uma cadência. Com padrões e notas distintos, ambos têm um desejo de criar uma sintonia, e mesmo que não haja uma mesma harmonia, eles gostam de fazer a música juntos: "Tu aimes faire la musique avec moi? Oh, oui... j'aime faire la musique avec toi" (Você gosta de fazer música comigo? Oh, sim... eu gosto de fazer música contigo), diz a canção.

Deixo ao lado meus devaneios (não de lado, mas ao meu lado), e digo a ele que me parecia que as coisas que ele ia me expressando por palavras, sons, gestos, emoções e mesmo os silêncios, me faziam enxergar uma orquestra e sua sinfonia. Ele prontamente me responde:

"Parece que no início eu ainda estava afinando os instrumentos... ainda saíam mais ruídos do que som, não é? Me lembrei de algo que acho que nunca te falei. Meu pai tocava violino. Lindamente, por sinal. Nunca aprendi a tocar, mas desde pequeno eu o esperava chegar do trabalho, já tarde da noite e, enquanto mamãe terminava o jantar ele se sentava no sofá da sala e tocava. Era o melhor momento do dia. Ele havia me dado um violino de brinquedo quando fiz 7 anos. Quando ele se acomodava no sofá com seu violino nas mãos eu corria para buscar o meu, me sentava ao seu lado e brincava de acompanhá-lo (mesmo sem saber como tirar som algum daquele proto-instrumento). Por vezes saía um som agudo terrível, de estourar os tímpanos. Nessas horas mamãe invadia a sala, furiosa, e me dava a bronca de sempre: "Não estrague a música do seu pai, menino", "Pare com esse barulho agora mesmo." Ou ainda "Deixe seu pai tocar em paz, não atrapalhe!" A pior era "Vou jogar fora esse brinquedo ridículo". Morria de medo de que ela o fizesse, por isso eu sempre o escondia bem escondidinho para não correr o risco. Quando ela falava essas coisas, me sentia péssimo, porém só por um milésimo de segundo, pois quase que no mesmo instante papai dizia para ela: "Deixa ele, estamos tocando juntos. Estamos compondo uma nova melodia. O processo é assim mesmo." No instante em que ela virava as costas, ele me olhava

de cantinho de olho, com aquele olhar faceiro e amável de sempre, sorria discretamente e lançava-me uma piscadela. Ah, que saudades desse momento. Sentia que meu “barulho” era recebido por ele como notas, pois ele me fazia sentir-me parte daquela melodia.”

Ao terminar de narrar essa lembrança Paulo inspira profundamente com um semblante saudoso e tranquilo, e diz que tem se sentido mais confortável no divã, mais tranquilo por estar ali comigo.

Paulo já conseguia dizer “com você” sem se sentir desconcertado. Digo a ele que me parecia que agora ele podia sentir que não era só “barulho”, que já está saindo uma música, mesmo que ele achasse que não sabia tocar e nem soubesse que música seria, ainda que saíssem ruídos agudos, ele estava ali tentando fazer música. Estávamos tocando juntos. Paulo me olha com um olhar expressivo e diz: “Realmente tenho sentido que meu barulho, aqui, tem um sentido. Então tem mesmo uma sintonia...quer dizer, sinfonia!” E conclui: “Sintonia também.”

Semanas depois desse evento sinfonicamente intersubjetivo, quando falava sobre seu medo de morrer e como havia sido esse o estímulo do qual precisava para buscar ajuda, me diz: “Sou uma bomba-relógio”. No mesmo instante em que pronunciou essas palavras, a memória do tique-taque atravessou meus pensamentos e localizei ali um sentido, que vagava solto no tempo e no espaço, mas que já havia sido captado por minha mente. Algo naquela ocasião havia se revelado antes que fosse dito. Uma bomba-relógio.

Hoje penso no quão potente aquela sensação havia sido, e como a partir dela e da desorganização que ela havia causado em mim, busquei expandir minha mente num fluxo receptivo para continuar aberta para os conteúdos de Paulo. E lá estavam os tique-taques e os demais sons e silêncios, notas tocadas por aquele homem-bomba com o qual estava profundamente implicada analiticamente, misturados às minhas notas. Melodia intersubjetiva.

Havia, como disse Paulo, uma sintonia, ainda que não soubéssemos ao certo que melodia era aquela, seguíamos abrindo nossas mentes para tocarmos juntos. E já não era mais somente o ruído seco e tilintante da bomba-relógio, havia também notas doces, suaves, umas graves, outras agudas, harmonias distintas que iam compondo uma mesma música.

As reflexões e associações iam se expandindo, pois acredito que Paulo tenha sentido que eu estava disposta a fazer a música com ele. Como se eu também pudesse ter-lhe dado aquela piscadela e o sorriso faceiro apaziguador, contendo a mensagem não-discursiva

carregada de afetos: "Fica tranquilo, estamos nos afinando, estamos criando nossa melodia." E seguíamos desejando expandir nosso repertório, o de pensar a experiência emocional.

Dos vãos, o entreato: alinhavos do casal Rocha Barros

“Que barulhinho irritante é esse?”

Tique-taques, bomba-relógio, sons, ritmos, sinfonias...

No interessante caminho que há entre representação e simbolização, eis que se apresentam imagens: os pictogramas. Nos termos sugeridos pelo casal Rocha Barros, pictogramas afetivos, captados pela *reverie* da analista. As contribuições dos autores Elias e Elizabeth da Rocha Barros surgem como uma importante ferramenta para pensarmos a cena analítica no fragmento clínico retratado.

A expressividade simbólica contida nos pictogramas afetivos evocados na mente da analista contemplava uma importante comunicação. Havia algo sendo expresso em meio aos sons alucinados. Um movimento fluido de ampliação da experiência emocional vivida na sessão junto aos tique-taques.

Imagens e formas se criavam em uma cadeia de novos símbolos quando digo a Paulo que suas palavras, sons, gestos, emoções e mesmo os silêncios me faziam enxergar uma orquestra e sua sinfonia. Simbolismo utilizado discursivamente pela analista na sessão, o que permitiu uma expansão das conexões simbólicas na comunicação intersubjetiva que havia se formado entre analista e analisando. Paulo pôde se aproximar de afetos já presentes, mas que ainda não haviam sido significados.

Uma outra imagem também transformada pela analista e transposta em uma linguagem discursiva que pudesse obter maior alcance: digo a Paulo que quando vislumbro uma orquestra, estavam presentes (na ausência) também os tique-taques daquela “bomba-relógio” que ele dizia ser. Os tique-taques e os demais sons e silêncios, notas tocadas por aquele homem-bomba com o qual estava profundamente implicada analiticamente, misturadas às minhas notas, uma melodia intersubjetiva. E Paulo me responde perplexo e esperançoso:

"Olha só... então eu chego cheio de medo da morte, mas então realmente não era só a morte que pairava no ar. Já havia ali um esboço de vida, porque música é vida! Se tem aqui uma orquestra, então tem vida... ou pelo menos meu desejo de estar vivo! Isso, sim!"

*On a le même tempo, mais pas le même pattern
On chante la même mélodie
Et pas avec les mêmes harmonies³³*

Imagens evocadas na mente da analista, convocando-a a um trabalho de articulação dos pensamentos por meio de símbolos que geram novos símbolos, e com eles, novos e copiosos sentidos. De acordo com as relevantes contribuições psicanalíticas dos Rocha Barros, compreendemos que a capacidade de *reverie* foi fundamental para que houvesse abertura e receptividade para os pictogramas afetivos. Um trabalho intersubjetivo que se constitui por meio de comunicação, expressão, construção e reconstrução, que torna possível a ampliação da mente, expandir as redes afetivas, o pensar e os sentidos para as experiências emocionais.

Elementos do mundo interno de Paulo sendo captados intersubjetivamente, expressivamente simbolizados como uma melodia, evocando a imagem de uma orquestra. Neste recorte da situação analítica com Paulo, é possível notar que a experiência analítica promove um amplo campo para a expressividade de emoções e evocação da capacidade imaginativa, fundamental para o processo de simbolização.

Captar a expressividade do analisando via imagens, acolher, simbolizar e dar significados para a experiência emocional, promove uma ampliação da mente, de sua capacidade de sentir e viver os afetos. Abre-se espaço para uma pensabilidade tangenciada pela observação, tanto do que é interno quanto do que é externo, particular ou compartilhado. E assim, a mente se expande e novos trabalhos carregados de epifanias expressivas podem ser realizados.

Pegando carona na cena rememorada por Paulo de seu violino de brinquedo, dos momentos com o pai expressos pela musicalidade do afeto, das críticas da mãe e de seu

³³ *Temos o mesmo ritmo, mas não o mesmo padrão
Nós cantamos a mesma melodia
E não com as mesmas harmonias.*

sentimento de que seu pai e ele estavam em sintonia, sinto-me impelida a dizer a Paulo que ali, naquele espaço analítico, me parecia que ele já podia sentir que as coisas as quais me dizia, as associações e memórias que surgiam, já não eram mais “barulho” como talvez lhe parecesse no início, enquanto ainda estávamos construindo nosso instrumento, nossos violinos. Agora já ouvíamos música, ainda que alguns ruídos fossem agudos ou desafinados, estávamos ali, juntos, tentando fazer nossa música. Estávamos tocando, tentando nos afinar num mesmo ritmo. Pouco a pouco, Paulo sentia-se mais tranquilo, abria-se para aquela relação que inicialmente lhe parecia tão ameaçadora.

“Realmente tenho sentido que meu barulho, aqui, tem um sentido. Então tem mesmo uma sintonia...quer dizer, sinfonia... sintonia também.”

A interpretação funcionou como uma forma de ampliar o potencial simbólico da expressividade contida nos pictogramas afetivos e, com isso, o trabalho analítico alcança novas dimensões simbolizantes da experiência emocional que favorecem novas articulações de pensamentos.

Assim como preconizado pelos Rocha Barros, ao construir uma interpretação para os pictogramas afetivos - imagens evocadas e captadas pelas *reveries* - inicia-se um complexo trabalho psíquico. A partir de então passam a ser construídos novos significados, via simbolismo discursivo, tornando mais ampla a capacidade de pensar a experiência. A intenção da comunicação não era somente nomear as *reveries*, mas sim promover conexões e novos símbolos. E foi exatamente assim que ocorreu neste fragmento da análise de Paulo.

Entre sons e silêncios, misturávamos nossas notas, montávamos acordes, dos mais simples aos mais sofisticados, e novas melodias eram criadas, novos arranjos eram construídos intersubjetivamente. A partir da sonoridade rítmica captada pelas *reveries* retratadas neste fragmento clínico, dos tique-taques à orquestra sinfônica criada imaginativamente pela analista, foram sendo gerados novos símbolos – o violino, a desafinação, a harmonia, os arranjos, a cadência e, enfim, sintonia!

Em consonância com as contribuições do casal Rocha Barros sobre os pictogramas afetivos, percebemos que a expressividade das imagens evocadas na relação com Paulo favoreceu uma ampliação da capacidade simbólica e, por consequência, da capacidade de pensar. Dessa forma, novas formas simbólicas auxiliavam na criação de sentido para as experiências.

2.4 - Entre cesuras: Marina F. R. Ribeiro e os conceitos de intuição psicanalítica e *reverie*

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos. É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo. É um rio. Corre-me nas mãos, agora molhadas. Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem.

José Saramago

A experiência descrita na epígrafe nos apresenta o fio que aparece como solto, mas liga-se ao novelo emaranhado do mundo interno do poeta, com suas memórias e seus nós-cegos. De forma semelhante, fios soltos se apresentam também ao analista que, por meio de sua implicação e capacidade de abertura e acolhimento dos conteúdos emocionais do analisando, muitas vezes já não distingue exatamente a origem das águas que correm por suas mãos.

Nesse mar de águas fluidas nas quais circulam tantos pensamentos-sonhos da dupla analítica, este artigo apresenta as contribuições de Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. Norteada pelo pensamento kleiniano, orientada por correntes bionianas e por importantes pensadores contemporâneos como Thomas Ogden, Antonino Ferro, Arnaldo Chuster e Luís Claudio Figueiredo, a autora tem desenvolvido ideias instigantes e autorais sobre a intersubjetividade na situação analítica.

Suas investigações teórico-clínicas ampliam e revigoram o pensamento psicanalítico, pois promovem um diálogo fecundo entre teorias alocadas em tradições distintas. As contribuições de Ribeiro sobre o tema da *reverie* têm se destacado no cenário psicanalítico atual, pois expandem as reflexões sobre a clínica psicanalítica no que se refere às transformações em análise e, essencialmente, à implicação do analista, sua capacidade de escuta e presença na sala de análise.

A psicanalista parte das formulações de Bion de que a *reverie* ocorre via identificação projetiva a partir da capacidade da mãe de acolher e metabolizar os conteúdos não pensados do bebê³⁴. O termo vai ganhando uma ampliação nas produções contemporâneas de autores pós-bionianos, nas quais passa a ser pensado no campo da intersubjetividade.

A autora considera que, em Bion, os conceitos são compreendidos de forma espectral, relacionados entre si, “nascidos” de um movimento contínuo no qual eles se separam e se encontram, fundem-se e distanciam-se. Ribeiro (2022) diz que a identificação projetiva seria a intuição kleiniana de que há uma via de comunicação entre o inconsciente de duas mentes. Dessa forma, considera o conceito de identificação projetiva como um marco, um alvor no vasto campo de investigação psicanalítica. A partir de Bion (1962), a identificação projetiva é ampliada e entendida como uma atividade básica da mente humana para comunicar emoções.

Em muitos de seus trabalhos, Ribeiro afirma que a identificação projetiva foi o conceito que mais teve desdobramentos no cenário psicanalítico, mostrando que uma ideia pode conter em si múltiplos vértices de compreensão em produções de analistas do mundo inteiro. A psicanalista brasileira (2021) sugere ainda que o conceito de *reverie* provavelmente tem o mesmo destino, por sua pregnância clínica e por estar no mesmo espectro de outros importantes conceitos do arcabouço teórico bioniano, entre eles o de intuição, função alfa e de função psicanalítica da personalidade.

A autora (2017) compreende a *reverie* como um estado de abertura, de hospitalidade, uma permeabilidade e disponibilidade mental e emocional para o outro. Ela implica a capacidade imaginativa da mente para sonhar a brutalidade da realidade. Ribeiro reitera a ideia de Ogden (2013) de que, em um primeiro momento, a *reverie* mostra-se como um estado extremamente desorganizador, no qual o analista se sente arrastado por "imagens pictóricas", termo escolhido pela autora para descrever a imagem ‘pintada’ na mente do analista. e reforça que nem sempre a *reverie* se desdobra na análise como uma construção analítica, narrativa ou interpretação. Mas, ainda que não seja utilizada na sessão, ela sempre implica o analista em um importante trabalho de metabolização dos conteúdos não-sonhados na situação de análise.

³⁴ Ribeiro (2022) assinala uma única passagem na qual Bion, em uma nota ainda inédita publicada nas *Obras completas*, diz que a *reverie* seria uma forma de fabricar um pensamento, ainda sem pensador (BION, 1968/2014), referindo-se, portanto, não mais somente à *reverie* entre a mãe e seu bebê, mas também à capacidade de *reverie* do analista.

De acordo com a autora, a *reverie* emerge na mente do analista a partir de um estado de hospitalidade, uma abertura para sermos habitados pelo outro. Como de costume em suas produções, Ribeiro constrói articulações entre a psicanálise e a literatura, sendo este diálogo um importante instrumento de captação e expressão das emoções. Assim, para articular as ideias sobre esse estado de hospitalidade que deve existir para que a *reverie* ocorra, a autora (2019b) cita uma passagem do poeta moçambicano Mia Couto (2012, p.101):

"E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades. É fácil sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros. "

Dessa forma, para que a mente do analista seja habitada pela do analisando, ela precisa estar disponível, aberta, e apresentar-se em um estado sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia (Bion, 1967; 1992), pois cada paciente e cada sessão de análise é sempre uma experiência inédita, que nos implica na tarefa de desbravar o território complexo e enigmático da experiência emocional.

A autora enfatiza que a *reverie* ocorre entre cesuras, ou seja, ela emerge entre as constantes oscilações de estados mentais na sala de análise. Cesura³⁵ é um termo inspirado em Freud (1926) quando, em *Inibição, sintoma e angústia*, cita o vocábulo na célebre frase: “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento poderia nos fazer acreditar” (Freud, 1926, p. 19).

Há aí, portanto, desde Freud, a ideia de um paradoxo entre ruptura e continuidades. Mas é em Bion (1977/ 1989) que podemos conferir mais nitidamente a ideia de uma simultaneidade entre tais elementos, dando, então, à cesura um estatuto de conceito quando amplia a compreensão deste quando sugere: “Investigar a cesura; não o analista; não o analisando; não o inconsciente; não a sanidade; não a insanidade; mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contratrans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo.” (Bion, 1977/ 1989, p.56)

³⁵ O termo cesura também está relacionado à estrutura da escrita poética e diz respeito ao espaço entre as estrofes que as separa e, ao mesmo tempo, as conecta, e dessa forma dá ritmo à poesia.

As cesuras representam, dessa forma, a partir de Bion, a passagem contínua entre estados mentais, num movimento paradoxal que promove ruptura e continuidade. É entre finito/infinito, consciente/inconsciente, não-sensorial/sensorial, conhecido/incognoscível, representado/irrepresentável, que o trabalho analítico ocorre, em um movimento constante entre esses polos. O analista precisa, desse modo, lidar com o não-sensorial, que é intuído, ou seja, a intuição psicanalítica é a via pela qual um inconsciente capta o outro sem nenhum apoio sensorial, e dali nasce uma forma, a *reverie*, que emerge entre cesuras na situação analítica.

Para nomear os processos psíquicos envolvidos na experiência emocional da intuição e da *reverie*, a autora privilegia o uso do termo afetação enigmática³⁶, pois traduziria a abertura para se deixar afetar pelos sinais de vida psíquica, elementos captados pela intuição do analista na cesura entre consciente/inconsciente e transformados em uma imagem. O analista estaria, portanto, trabalhando entre o sensorial e o não-sensorial, entre o disforme e a forma, o inaudível e o que pode ser captado em uma alucinação auditiva, o invisível e o que pode ser visto pelo “terceiro olho da mente”.

O trabalho analítico ocorre, portanto, na cesura entre aquilo que não se apoia a nenhum elemento sensório e aquilo que pôde ser transformado em uma representação pictórica, ou seja, uma imagem que está enraizada no campo sensorial, uma experiência emocional fenomenalizada pela capacidade de *reverie*.

Para Ribeiro (2022), a partir de uma compreensão espectral dos conceitos, podemos entender que há sempre um ponto de indecibilidade, no qual não é possível saber em qual dos dois polos do espectro estamos. Segundo a autora, a imprecisão e a indecibilidade fazem parte das nuances das cesuras constitutivas da mente e comparam-se ao gradiente de cores contido no espectro solar, no qual a passagem de uma cor para outra não pode ser notada com precisão. Muitas vezes, não se pode dizer se é “essa ou aquela” cor, pois há um ponto de indecibilidade no qual é “uma e outra”, entre as cesuras de suas opacidades e transparências.

Portanto, as reflexões bionianas sobre a intuição psicanalítica nos levam, segundo a autora, a considerar a intuição como uma afetação enigmática que ocorre entre diferentes cesuras e que estão em constante oscilação. Pensando com Bion, Ribeiro nos apresenta um

³⁶ Ribeiro (2022) menciona em suas publicações que o termo “afetação enigmática” foi utilizado por Luis Claudio Figueiredo em uma banca de qualificação e a autora o privilegia em suas produções por sua compreensão de que, de fato, o analista é afetado pelo enigmático da experiência emocional na situação analítica.

modelo de mente multifacetada, constituída por cesuras, ou seja, marcas da constituição do aparelho psíquico que é enredado por separações e continuidades, um trânsito que ocorre a todo momento, de um estado mental para outro, movimento que separa, une, estende, e assim cria novos estados mentais.

A intuição, por exemplo, existe enquanto um estado de mente consciente (*awareness*), como uma observação presentificada, mas também como uma experiência inconsciente. Nela, a função alfa atua na experiência emocional em estado bruto, metabolizando o enigmático da experiência, transformando em um elemento onírico, sendo capaz de captar um pensamento não pensado e, a partir desse, criar uma imagem: a *reverie*.

A intuição psicanaliticamente treinada seria, segundo Ribeiro (2021) a escuta do inaudível, a visão do invisível. A capacidade intuitiva não se vincula a uma sensorialidade, mas implica numa capacidade imaginativa da mente, é a capacidade de deixar-se hospedar pela mente do analisando para que ambos possam, entre cesuras, sonhar a brutalidade da realidade. Citando Ogden (2013), a autora ressalta que, quando a mente é imaginativa, ela capta os mais tênues sinais de vida.

Desse modo, Ribeiro (2021) afirma que o estado de intuição é favorecido pela proposição de Bion - sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia - estado do qual emerge a *reverie*. A intuição está fora do campo das representações, está em um campo indiferenciado, a *reverie* é um pictograma, está no campo das representações, daquilo que tem uma forma, uma diferenciação.

A autora também sustenta a ideia de que esse estado de receptividade e hospitalidade parece ser, em um primeiro momento, extremamente desorganizador e disruptivo para o analista, pois a *reverie* frequentemente surge como uma experiência de estar à deriva e ser arrastada pela imagem pictórica sem ter a menor ideia do que aquilo representa e para onde irá levá-lo. Porém, um sentido poderá emergir, ainda que no *a posteriori* da sessão.

Mas qual seria então a diferença entre a intuição e a alucinação? Seria a intuição um movimento ligado à parte psicótica da mente? Ribeiro (2022) considera que a intuição ocorre entre a cesura das partes psicótica e não psicótica da mente, ou seja, evoca ruptura, desorganização, turbulência emocional, mas também implica continuidades. Essa é a principal diferença: nos estados de intuição e *reverie*, um sentido pode emergir, e na alucinação, há um estado predominantemente psicótico de mente, no qual não se encontra um sentido.

Para organizar os elementos não sensoriais (intuição) e os sensoriais (imagens/formas criadas pela *reverie*), podemos pensar, em termos bionianos, que o analista não precisa buscar respostas, mas tolerar esse estado de desorganização e desorientação emocional, mantendo a fé psicanalítica³⁷ de que um sentido emergirá daquela experiência que, ainda que carregue consigo aspectos alucinatórios, em um momento posterior, o analista poderá compreender que ela ocorreu pela via da intuição. Nem sempre a *reverie* poderá gerar uma construção analítica, mas ela poderá, posteriormente, favorecer uma compreensão sobre o que se passa no encontro analítico.

Para tolerar esse estado disruptivo, o analista precisa contar com a capacidade negativa, pois, segundo a autora (2020), ela torna o analista capaz de suportar o não-saber e abre caminhos para que a mente do analista seja hospedada pelo outro. E, como no poema de Mia Couto, torna-se capaz de emprestar a si mesmo para que o analisando o habite, pois ser habitado pelo outro gera um intenso estado de desordem, ainda que momentânea.

Sobre a capacidade negativa, Ribeiro (2019b) faz uma analogia à experiência de uma criança pequena, que vê o mar pela primeira vez, experiência na qual não há memória, não há desejo ou necessidade de compreensão. Há apenas a abertura para viver o novo, o desconhecido. Há um estado de receptividade para aquela experiência surpreendentemente inédita.

A autora reitera que tal situação é correlata ao que deveria ser o estado de mente do analista antes da sessão com seu paciente. Consonante às ideias de Bion (1992), Ribeiro reforça que o trabalho do analista exige coragem, e que todo analista deveria sentir medo, pois ele não pode supor quais serão as emoções que circularão em cada encontro analítico.

A psicanalista compara, a partir de Bion (1970) e Chuster (2019), a capacidade negativa a uma película transparente escura que recebe quaisquer impressões, ou melhor, afetações enigmáticas, e a mente do analista precisaria dessa qualidade negativa para apreender tais

³⁷ Ato de fé: "um ato que se realiza no domínio da ciência e que deve ser diferenciado do significado habitual de conotação religiosa. (...). Refere-se à necessidade de o sujeito acreditar que há uma realidade que ele não sabe o que é e que não está a seu alcance." (Zimmerman, 2004, 78). Segundo Bion (1970), é a capacidade do analista de esperar que algo possa emergir e dar um sentido à experiência emocional. É um ato "científico" de tolerar o não-saber. Para o autor, é necessário que o analista abra mão de memória e desejo, e que tolere o incognoscível, até que os sentidos se mostrem.

impressões, a partir de um estado de receptividade, hospitalidade e continência a quaisquer conteúdos da intersubjetividade do encontro analítico.

Complementando a analogia, Ribeiro diz ainda que o processo de “revelação” precisa de um ambiente escuro (o não-saber), um tempo de espera para que o negativo se realize, e que a imagem captada (*reverie*) possa ser revelada. Nesse caso, a precipitação da luz (intolerância ao obscuro da experiência) poderia “queimar” o filme. Ou seja, é a partir da capacidade negativa que o analista pode aguardar um sentido emergir no *a posteriori* da experiência.

Para Ribeiro (2017), diante do abismo psíquico que pode se instaurar durante uma sessão, é fundamental que o analista tenha a capacidade de ouvir a si mesmo enquanto ouve seu analisando. A autora traz a ideia bioniana de que o analista está no campo de batalha junto com o analisando, ainda que haja uma assimetria, a condução ética é sempre do analista, sendo este o comandante.

"Usando a guerra como exemplo: não se espera que um oficial esteja inconsciente de uma situação aterrorizadora e perigosa; espera-se, no entanto, que ele seja capaz de continuar pensando caso se encontre em uma posição em que surja o pânico, o medo ... Só que não se espera que ele fuja apesar de estar no meio desta tempestade emocional, espera-se que ele continue pensando de modo claro. Deste modo, ele forma um foco, a partir do qual a reação mais disciplinada vai surgir; os soldados não vão fugir, mas vão começar a reagir." (Bion, 1992, p. 171)

É neste ínterim que Ribeiro (2022) abre caminhos para uma compreensão mais ampla sobre os processos mentais aos quais estão vinculadas as noções de *reverie* e intuição. A autora propõe uma concepção inovadora psicanaliticamente de que a intuição (não-sensorial) se fenomenaliza na *reverie* (fenômeno sensorial), havendo assim uma evolução de um estado de mente intuitivo para a *reverie*. Essa evolução ocorre entre várias cesuras instáveis e oscilantes da mente do analista.

A imagem³⁸ abaixo é utilizada pela autora a fim de ilustrar a complexidade conceitual de sua conjectura e iluminar o fenômeno clínico:

³⁸<[https://br.pinterest.com/pin/299278337712804587/?amp_client_id=CLIENT_ID\(&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true.>](https://br.pinterest.com/pin/299278337712804587/?amp_client_id=CLIENT_ID(&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true.>). Acesso em: 12 de setembro de 2022.



Na foto, o boto que surge justamente no ponto de confluência dos rios Negro e Solimões ilustra as cesuras do encontro analítico, de onde despontam os conceitos. As águas que se juntam, misturam-se num movimento oscilante e contínuo, como o da mente, entre cesuras, entre estados mentais que se unem e se separam, entre continuidades e rupturas.

Ribeiro aponta para o fato de que, na imagem, a parte do boto que emerge da cesura das águas, seria a *reverie*, ou seja, é o que emerge da mente do analista, entre as cesuras, e se fenomenaliza como um ideograma, algo sensorial. Já a parte do boto que está submersa, poderia ser compreendida como a intuição psicanalítica. A capacidade intuitiva é a parte que não é sensorial, não é visível, mas que está lá, dando “corpo” para a *reverie* emergir.

Desta maneira autoral e inédita, a autora conjectura a *reverie* como uma evolução da intuição psicanalítica. Ribeiro (2022) privilegia o termo evolução, pensando-o a partir de Bion, referindo-se àquilo que evolui da sessão, que emerge e ganha forma. Para tal, a autora questiona se a *reverie* tem como esteio a capacidade de intuição do analista, fator primordial da função psicanalítica da personalidade (Bion, 1962) e que, segundo Ribeiro, seria uma habilidade fundamental ao analista para que o inaudível e o invisível intuídos possam se fenomenalizar pela *reverie*.

A autora considera a intuição psicanalítica como uma afetação enigmática, que ocorre no fluxo tenaz e constante de estados transitórios de mente, cesuras, e evolui para a captação de um ideograma, uma imagem – a *reverie* - um pensamento imaginativo em busca de um pensador na intersubjetividade do encontro analítico.

Da intuição à *reverie*: revelando a pictografia.



Figura 6

“Arco Íris” - Paul Klee (1917)³⁹

*Como nuvens pelo céu
Passam os sonhos por mim.
Nenhum dos sonhos é meu
Embora eu os sonhe assim.*

Fernando Pessoa

Quando ouço Paulo chegar à sessão, ao invés de olhar para o relógio para confirmar o horário como habitualmente faço, automaticamente pego em minhas mãos um calendário que mantenho sobre a mesa. É um presente que ganho anualmente de uma amiga, uma artista nordestina muito talentosa, e que todos os anos cria esses calendários, nos quais a ilustração de cada mês é uma de suas pinturas, uma arte impressionista que retrata imagens diversificadas, utilizando incontáveis tonalidades de cores refletidas pela luz do sol.

As figuras representadas são expressivas, vivas, formadas por pinceladas soltas, sem contornos nítidos. Traços marcados por colorações luminosas e vibrantes, criadas pela mistura das tintas que transformam todo o cenário em um fluxo integrado de figuras, sombras, luzes e sinergia. Era setembro e a pintura daquele mês era de uma paisagem de primavera, com flores em tons de turquesa e grená.

³⁹ Fonte: KLEE, Paul. Arco Íris. 1917. Aquarela e tinta sobre papel, 31,1 x 23,8 cm. Zentrum Paul Klee, Berna, Suíça.

Levanto-me da minha mesa e caminho até a porta para aguardar Paulo. Inesperadamente, no mesmo momento que o avisto apontando no início do corredor, me vem à mente uma imagem de um astronauta em meio a uma viagem espacial. Não havia uma nave, apenas o cosmonauta e o cenário cósmico: luminosas galáxias e toda a complexa interação entre a matéria escura e a cintilante vida interestelar.

Sinto-me abduzida por aquela imagem pintada em minha tela mental com tamanha nitidez e perfeição. Penso, como em um flash: “A imagem de hoje (referindo-me ao calendário) deveria ser a desse astronauta”. E ainda antes que Paulo chegasse até mim, pensei: “Deve ser pesada a roupa de astronauta⁴⁰ quando este está fora de órbita!”

Percebo-me absorta nessa visão alucinatória, nessa imagem-sonho criada em fração de segundos, que ocupava um lugar importante em minha mente, como se esse processo tivesse durado horas. E os segundos-horas se estendiam e se misturavam ao lusco-fusco das ideias, entre a poeira interestelar e o chão do corredor que Paulo percorria até meu encontro. Fico intrigada com aquele pensamento desconexo, imagino que talvez fosse pelo horário, pois Paulo era o último atendimento daquele dia, eu já devia estar cansada, por isso tal “distração”, supus. Tento organizar minimamente a poeira cósmica que cobria meus pensamentos.

Paulo entra, me cumprimenta com um ar mais pesado que o de costume, deita-se no divã, suspira alto, e, numa espécie de descarga diz: “Que alívio estar aqui! Queria até ter sugerido antecipar minha sessão de hoje... estava ficando difícil... minha cabeça tem estado tão dispersa, minhas ideias estão soltas... isso estava me agoniando. É ou não é um dia ideal para a análise?” – e ri um pouco constrangido pelo comentário. Penso: “Que coincidência estarmos ali, entre estados “avoados” de mente... Eu com meu astronauta impressionista pairando fora de contexto em meus pensamentos, e Paulo com sua cabeça dispersa e ideias soltas. Pensamentos flutuantes, suspensos no ar”.

Confirmando minha sensação de que havia se sentido constrangido anteriormente, Paulo se justifica: “Não quero dizer que a análise coloque as coisas no lugar, não é isso... Pelo contrário, às vezes sinto que preciso da análise para conseguir desencaixotar coisas que estavam trancadas em minha mente, sem oxigenação”.

A imagem do astronauta ressurgiu viva. Aquela “imagem-sonho” criada no momento de sua chegada me invade e então lhe digo: “É preciso oxigênio para sair de órbita, não é? E por

⁴⁰ A vestimenta que um astronauta usa recebe o nome de EMU (Unidade Móvel Extraveicular).

mais pesada que seja, é a roupa de astronauta que dá a segurança para que ele possa se lançar ao desconhecido, flutuar pela escuridão e descobrir que ela também é habitada por infinitas constelações”.

Paulo me olha como quem se sente compreendido e complementa: “Sim... Sinto um alívio aqui neste divã. Aqui eu posso voar à vontade, porque sei que estou seguro, sei que vou poder voltar à terra firme”.

Parecia que aquela poeira cósmica que polvilhava o espaço analítico, ao invés de sujá-lo, trazia ideias que se formavam na mesma sinergia que os borrões impressionistas. Ainda que a imagem criada tenha se mantido por algum tempo intrusiva e desajustada, a desorganização mental gerada não me impediu de estar ali com Paulo e valorizar as impressões-sonhos causadas em mim, mesmo sem entendê-las *a priori*. As imagens que se formaram, ora com nitidez, ora com embaçamentos-neblina, foram fruto de um encontro entre mentes. Borrões que iam ligando as cores, as formas e, entre cesuras, algo ia sendo construído em minha mente, me ajudando a pensar a experiência emocional com Paulo. O astronauta era intuído, um inconsciente captando o outro sem nenhum apoio sensorial. Ainda assim, lá estava ele, com suas cores rutilantes.

Uma odisseia conceitual entre pensamentos avoados e imagens-sonhos

Um astronauta orbitando entre a obscuridade dos elementos que invadiam minha mente e a reluzente vida interestelar, entre finito e infinito, entre rupturas e continuidades: cesuras. Como que abduzida pela imagem pintada em minha tela mental, entrego-me a uma sequência de devaneios. Entre eles: “Deve ser pesada a roupa de astronauta quando este está fora de órbita!”.

Estaria eu tomada pela arte impressionista de meu calendário, apreciada tão ligeiramente no exato momento que precedia a chegada de Paulo para aquela sessão? Mas por que um astronauta? O cenário artístico retratado naquelas folhinhas era outro, em sua maioria imagens inanimadas como paisagens e flores. Se bem que as imagens me chamavam menos a atenção que as cores e as formas... Essas, sim, me encantavam naquele anuário: entre as sombras, sobressaiam as luzes, a sinergia entre as pinceladas borradas no papel.

Havia tudo isso naquela imagem-sonho que ocupava e se alastrava em minha mente, alterando a percepção do tempo-espaço. Lá estava eu orbitando com meu astronauta enquanto aguardava Paulo caminhar pelo corredor, até chegar ao meu encontro. Por meio de uma *reverie* aquela intuição pôde ser fenomenalizada em minha tela mental.

Em consonância às ideias de Marina F. R. Ribeiro, podemos compreender a experiência da *reverie* na pictografia apresentada como um estado de abertura, de hospitalidade, uma permeabilidade e disponibilidade mental e emocional para o outro. A *reverie* surge como um estado extremamente desorganizador no qual o analista é arrastado por imagens pictóricas, o astronauta impressionista ‘pintado’ em sua mente. Uma afetação enigmática, termo privilegiado pela autora para descrever o impactante contato com o incognoscível que ali se fazia presente, favorecido por uma abertura da analista para se deixar afetar, e dessa forma, poder acessar os elementos intuitivos, na cesura entre consciente/inconsciente, e estes poderem ser transformados em imagem.

Entre o sensorial e o não-sensorial, entre o disforme e a forma, o desconcerto pela ideia de estar se distraíndo ia, aos poucos, dando espaço para que a escuta se mantivesse aberta e fluida. Estados 'avoados' de mente e o astronauta impressionista misturavam-se ao lusco-fusco dos meus pseudo-pensamentos e pensamentos flutuantes naquela viagem galáctica.

A *reverie* se desdobra, então, como uma construção analítica, podendo gerar narrativas e interpretações: “É preciso oxigênio para sair de órbita, não é? E por mais pesada que seja, é a roupa de astronauta que dá a segurança para ele possa se lançar ao desconhecido, flutuar pela escuridão e descobrir que ela também é habitada por infinitas constelações.”

Assim como conjectura Marina Ribeiro, a partir de um estado de abertura e hospitalidade, entre cesuras, a intuição psicanalítica da analista, sem nenhum apoio sensorial, evoluiu para a criação de uma imagem pictórica: a *reverie* do astronauta. Entre tantas cesuras: a sala de espera e a sala de análise; a imagem do calendário criada por minha amiga e a imagem criada em minha mente pelas subjetividades de analista e analisando; as rupturas e continuidades no espaço analítico, a dupla é colocada entre o estar dentro e fora de órbita... tantos elementos sendo captados neste movimento oscilante, contínuo e infinito do encontro entre mentes, estados mentais que se juntam e se separam, entre continuidades e rupturas. Sonhos sonhados entre cesuras.

Por meio de uma comunicação entre as mentes de analista e analisando, pensamentos-sonho flutuavam no espaço analítico. Soltos pelo ar, como nuvens que passam pelo céu, os sonhos também passam pela mente da analista. Sonhos intuídos, no horizonte infinito de emoções que permeiam a análise. A nuvem passageira da intuição que vai se transformando em uma forma, como nas brincadeiras de infância. Um astronauta, *reverie* modelada na mente-céu, por onde passam os sonhos-nuvens da intuição psicanalítica. E assim, analista e analisando viajam juntos pelo espaço, por entre as nuvens e imagens criadas na imensidão celeste, desbravando o desconhecido, expandindo a mente e ganhando novas galáxias.

2.5 - Sonhando no corpo: Giuseppe Civitarese e a noção de *reverie* somática

*[...] E o corpo, que é o que é, eis que não pode mais se conter na extensão! – Onde ficar? – Onde mudar?
[...] Sendo coisa, explode em acontecimentos!
Exalta-se! – E como o pensamento excitado toca em toda substância, vibra entre os tempos e os instantes, atravessa todas as diferenças; e como em nosso espírito se formam simetricamente as hipóteses, e como os possíveis se ordenam e se enumeram – esse corpo exercita-se em todas as suas partes, e se combina consigo mesmo, e dá forma depois de forma, e sai sem cessar de si!*

Paul Valéry

Corpo-espaço, campo que se faz de infinitos elementos, substâncias. É o dentro, conteúdo. É o fora, exterioridades. É também o entre, conectividade. O corpo é uma estância complexa, intra e intersubjetiva, emoldurada pela pele. Mas esta, porosa que é, permite sermos transmeáveis. Constitui-se de duas partes entrelaçadas e coexistentes: *psique* e *soma*. O corpo tem natureza não-monádica, não-hermética, visto que é, originalmente, um território desde sempre habitado por outros corpos.

Nesse contexto, inserimos as ideias do psicanalista italiano Giuseppe Civitarese, cujas produções têm alcançado um importante espaço no cenário psicanalítico atual. Inspirado em bases filosóficas e nas contribuições de Bion, Winnicott e de psicanalistas contemporâneos como Ogden, Ferro e Roussillon, o autor nos apresenta um pensamento clínico criativo e

instigante que tem contribuído para a ampliação da teoria e da técnica psicanalítica no que se refere ao lugar do analista e ao enquadre, considerando o espaço de análise como um campo intersubjetivo no qual o corpo é tomado como parte essencial.

Entre suas formulações, encontra-se o conceito de *reverie* somática⁴¹, que tem muito a contribuir com as construções desenvolvidas nesta pesquisa. Para Civitarese (2010; 2018; 2021), além de imagens ou ideias, a *reverie* também pode ser experimentada em forma de sensações e ações. A *reverie* somática é um estado de sonho no corpo⁴² (ou seja, no campo somático) que nos permite entrar em contato com o primeiro estágio do pensamento inconsciente⁴³, ainda não metabolizado pela função alfa, e que, a partir da emergência de pictogramas corporais, ganha vida.

Como uma espécie de GPS, esses pictogramas têm um potencial para indicar as posições ocupadas pelo par analítico na situação de análise, bem como identificar a qualidade do vínculo emocional entre eles.

O autor (2016a) atenta para o fato de que o termo *reverie* tem sido usado indiscriminadamente, em um movimento semelhante ao ocorrido com o conceito de contratransferência. Ele diz que, até pouco tempo atrás, tudo o que o analista experienciava na sessão era compreendido como contratransferência, e, atualmente, o mesmo tem ocorrido com o conceito de *reverie*.

Todavia, o psicanalista italiano reforça que a *reverie* é um sonho que sonhamos acordados, algo que experimentamos mediante um estado de abertura, de passividade, que

⁴¹ Ainda que em algumas das produções do autor o termo tenha sido traduzido na forma masculina como “o *reverie*”, bem como “*reverie* somático”, opto em todo este trabalho, conforme explicitado anteriormente, pelo termo *reverie* empregado no feminino, por isso aqui me refiro ao conceito de Giuseppe Civitarese da mesma forma: *reverie* somática, como também é utilizado na tradução francesa: “*la rêverie somatique*”.

⁴² “*Rêver dans les corps*” (Sonhar nos corpos) é o subtítulo do texto *Champ incarné et rêverie somatique* (Civitarese, 2018). O corpo do qual Civitarese nos fala, bem como sua ideia de campo somático não correspondem à concepção de algumas escolas psicossomáticas, nas quais o psíquico pode diferir do somático. O autor nos apresenta uma concepção bem específica e autoral de soma - um corpo dotado de um impulso para a representabilidade, e assim, o somático pode ser tanto o escoadouro de uma pulsão ainda sem representação, quanto um canal de captação de sentidos. Desse modo, o campo analítico não seria apenas um campo psíquico, ele começa sendo um campo corporal. O autor marca, assim, uma continuidade entre o somático e o psíquico, um processo no qual o corpo é parte do campo analítico e é através dele que se inicia, segundo o autor, o sonhar. É a partir desse corpo que são experimentadas múltiplas dimensões de comunicação que auxiliarão no processo de simbolização, na representação e por consequência, na expansão da mente.

⁴³ Civitarese trata como “primeiro estágio do pensamento” o fato de que, na *reverie*, as sequências de elementos beta são transformadas e sintetizadas em elementos alfa pela função alfa, a partir dos quais, então, surgirão as possíveis narrativas do pensamento onírico.

difere do pensamento associativo. Ela emerge em nossa mente de modo disruptivo, não estando, necessariamente, associada a nada do que está acontecendo ou sendo dito na sessão.

Apoiado nas formulações do casal Baranger sobre a teoria do campo analítico, Civitarese compreende o campo sensorio como intercorpóreo. A noção de intercorporeidade proposta por Merleau-Ponty (1959/1960) passa a reconhecer as relações entre o eu e o outro a partir da co-presença dos corpos e das intensidades sensíveis compartilhadas.

A dimensão corpórea ganha destaque nas teorizações de Civitarese, visto que, segundo o autor, a experiência da análise decorre, para analista e analisando, a partir do (e atravessada pelo) corpo. O autor considera o campo analítico um campo sensorial, semiótico e somático. O corpo do qual o autor nos fala é vivido não apenas como uma estrutura orgânica, mas como um espaço paradoxal de relaxamento e tensão, de quietude e aflição. O corpo sensorio recebe e (des)acomoda em si o contato com tudo o que é externo, é a estremadura do interno/externo, do eu/não eu.

Isso posto, o corpo é compreendido como um lugar, um terreno que nos permite sermos nós mesmos, diferenciarmo-nos dos outros, criarmos conexões, reconhecermos semelhanças, sentirmos os afetos, sofrermos as dores. Ou seja, um corpo semiótico, somático, criado originalmente pelo outro, constituído permanentemente pela abertura ao encontro e pelas experimentações entre o físico e o sensível. Criado por sensações e percepções, tanto do concreto, quanto do impalpável, que é apenas sentido, sem necessariamente ter sido significado, o corpo tem a capacidade de ver o invisível, captar os mais sutis e efêmeros movimentos.

Assim, a ideia de corpo aqui apresentada pretende ultrapassar quaisquer barreiras reducionistas que levem o leitor a pensá-lo como um invólucro material biologicamente composto e que opera no polo contrário ao conceito de mente. Interessa-nos pensar o corpo como um lugar que contempla o interno e o externo, ou seja, o intrapsíquico com seus objetos e conteúdos do mundo interno, suas marcas e seus registros, sua demanda pulsional, e, simultaneamente, o intersubjetivo, com sua abertura para as relações com o mundo, com sua capacidade para comunicar-se.

Dois psiquismos, dois corpos, um campo intercorpóreo que os vincula simbioticamente (Civitarese, 2010). Para o autor, é a partir da vivência do vínculo simbiótico⁴⁴ que a

⁴⁴ Civitarese (2010) compreende que haveria um vínculo simbiótico na situação analítica, visto que existe a indiscriminação entre os corpos e psiquismos de analista e paciente, e que a diferenciação ocorre gradativamente.

diferenciação pode ocorrer, seja na relação entre o bebê e sua mãe, seja entre analista e analisando. O espaço de análise é, assim, cocriado pelas corporeidades de analista e analisando. Dessa maneira, é evidente que tensões possam emergir e que delas possam decorrer violações no *setting*.

Ampliando a discussão sobre a visão de campo intercorpóreo de Civitarese, Coelho Jr. (2010, p. 59) propõe o termo co-corporeidade, privilegiando-o em relação à intercorporeidade, pois compreende que o campo sensorio da análise não se faz a partir da ênfase no “entre” corporeidades, mas sim na co-presença de duas corporeidades que trazem consigo o Eu e o outro.

Segundo o autor, a co-corporeidade é a presença de ambas as corporeidades, de analista e analisando, em que cada qual é mais do que uma unidade fechada em si, é sempre a simultaneidade das duas corporeidades, coexistindo em um nível de diferenciação e indiferenciação. Coelho Jr. destaca a corporeidade como sendo: “um tecido material e energético, móvel e instável, movido por forças pulsionais em sua remissão aos objetos e marcado por interferências de intensidades internas e externas, constituindo um campo de forças e proto-sentidos” (2010, p.53).

Dada a intensidade das forças que emergem do campo (que, como vimos, é um *setting* corporal, sensorio), o pensamento de Giuseppe Civitarese destina-se também à ideia de que as violações no *setting* tornam-se possíveis, até mesmo corriqueiras. Além disso, o autor compreende que essas não geram, necessariamente, uma descontinuidade no processo analítico. A violação muitas vezes é sentida como uma ruptura, porém denota a captação de um elemento presente, uma atualidade do *setting* sendo comunicada via corpo, podendo, a partir dali, criar uma continuidade, gerando possíveis sentidos. A porosidade do corpo representa um potencial para o contato com o mundo, com todas suas dores e seus entraves, que corroboram para a diferenciação e expansão de si mesmo.

Lembro-me de uma passagem de Clarice Lispector (1979, p.76):

Era já. Pela primeira vez na minha vida tratava-se plenamente de agora. Esta era a maior brutalidade que eu jamais recebera. Pois a atualidade não tem esperanças, e a atualidade não tem futuro: o futuro será exatamente de novo uma atualidade. Eu estava tão assustada que ainda mais quieta ficaria dentro de mim.

Para o autor, o vínculo simbiótico tem um papel de ser um “*background*” para a aceitação da diferença (p.26). Assim, o campo simbiótico opera como um ponto de partida para o desenvolvimento humano, um trampolim que parte do primitivo estado de fusão para alcançar a diferenciação entre o eu e o mundo.

Pois parecia-me que finalmente eu ia ter que sentir. Parece-me que vou ter que desistir de tudo o que deixo atrás dos portões. E sei, eu sabia que se atravessasse os portões que estão sempre abertos, entraria no seio da natureza. Eu sabia que entrar não é pecado. Mas é arriscado como morrer. Assim como se morre sem saber para onde, e esta é a maior coragem de um corpo.

A experiência descrita pela escritora condensa as sensações vividas por analista e analisando, cujas fronteiras corpóreas se mostram incipientes, nódoas. A *reverie* somática é, muitas vezes, atordoante, desoladora, e apesar de parecer uma falha, indica que há uma abertura para a comunicação sensorial, não-falada. É vivida no corpo como se palpável fosse. É a captação daquele instante intersubjetivo, é o corpo sendo usado como uma folha a ser rabiscada, e ainda que os traços, riscos e rabiscos grafados não tenham um sentido aparente, ali realiza-se um importante registro corpóreo, somático, sensorial.

O corpo do analista registra tais impressões como atuações, e dessa forma, causam afetações que podem gerar violações no *setting*. Todavia, essas, sendo sonhos no corpo (*reveries* somáticas), podem ser seguidas de um “despertar”, seja pela construção de narrativas, interpretações, ou ainda pela compreensão do que se passa na intersubjetividade/intercorporeidade do campo, segundo conjectura Civitarese (2021).

Torna-se possível, ainda que *a posteriori*, pensar sobre o que estamos vivenciando na dimensão corporal como um fenômeno intersubjetivo, intercorpóreo. Para isso, o analista precisa estar em um estado de conectividade com o que está sendo comunicado, ou seja, estar atento aos fenômenos do campo: tudo que vem sendo trabalhado ou silenciado, tudo que possa ter alguma relação com o que o paciente esteja sentindo, tudo que esteja se referindo ao campo emocional inconsciente e compartilhado.

Desse modo, Civitarese considera as *reveries* somáticas como abstrações que podem ser úteis ao trabalho analítico, pois, para o autor, o verdadeiro despertar é alcançado por meio de uma ação interpretativa mais reflexiva:

É precisamente tal qualidade (a atividade reflexiva) que justifica descrever esse tipo de conhecimento semiótico como reconhecidamente corporal, mas também como *reverie*. É claro que, para interpretá-lo como *reverie*, precisamos de uma estrutura conceitual adequada, que confira ordem e disciplina a nossas intuições. Em nosso caso, isso é dado pela teoria do campo analítico. (CIVITARESE, 2021, p. 54)

Assim, a ação no campo sensório da análise não é vista pelo autor como uma descontinuidade do *setting*, mas como uma tentativa (ou, no mínimo, uma possibilidade) de recuperar algo. Para Civitarese, a ação emerge devido à qualidade da comunicação inconsciente que se faz possível pela intercorporeidade (e, seguindo Coelho Jr., pela co-corporeidade) do campo e que, ainda que gere tensão e violação no *setting*, também pode nos surpreender, gerar mais continuidades do que rupturas.

É fato, pois, que neste campo sensorial, somático e semiótico, registram-se e atuam-se tais perturbações que emanam do inconsciente. Porém, a experiência da *reverie* somática busca a integração desse todo composto por psique e soma, matéria e afetos, uma vez que, para Civitarese (2021), é a partir dessa integração que damos sentido à nossa existência.

Na visão de Civitarese (2010; 2016b; 2018; 2021), a *reverie* pode servir como uma ferramenta clínica se nós, enquanto analistas, formos capazes de esperar e suportar o desconcerto e a frustração diante da ausência imediata de um significado. As *reveries* têm, portanto, o potencial para a criação de sentidos, ajudando a colorir e dar sons a protopensamentos que ainda não podem ser simbolizados e representados via linguagem.

Em seu livro, *O sonho necessário* (2010, p. 198), Civitarese enfatiza o papel do sonho e do sonhar no processo analítico. O autor, apoiado em Bion, afirma que o sonho é a base do pensamento, o veículo pelo qual sensações e sentimentos emergem e são passíveis de serem pensados, simbolizados. Há uma estreita ligação entre a intercorporeidade, as protoemoções e os pictogramas (sejam eles imagens, sensações, ideias ou ações). O corpo é a base fundamental para o sonhar, e, dessa maneira, estar atento às *reveries* é uma forma de entrar em contato com um pensamento ainda incipiente. Os sonhos podem, portanto, ser o meio para reintegrar um corpo como uma unidade somatopsíquica.

Como o cenário é intersubjetivo, intercorpóreo e co-corpóreo, as dimensões regressivas podem emergir, pois o campo favorece o contato com processos traumáticos não acessados, elementos ainda não simbolizados. Pode-se, a partir daí, caminhar em direção à criação de formas de simbolização dessas experiências, seguindo o fluxo de movimentos comunicados no corpo e buscando possíveis sentidos dentro de tudo que tem sido vivido naquele campo – uma gama ampla de ideias, imagens, sensações: um sonhar compartilhado.

Pictografias entre corpos:
A reverie somática na dança do encontro



Figura 7
 La Danse - Henri Matisse (1909)⁴⁵

*a margem que o abraço move
 essa terra aquífera das vértebras
 árvores que nascem nas correntezas
 do corpo da tua água no tempo das mãos
 trazes o abraço a se dissolver
 esse lugar de um terceiro pulmão
 o granito sendo a areia, a memória
 o sopro, a escama, a palavra em aguarrás
 guardo o pulmão renascido da saliva
 o barco, a barbatana à deriva no corpo
 a palavra mar naquilo que se afasta do farol
 essa oração para um esquecimento, o silêncio
 mútua a margem, o abraço escavado
 litoral de um livro sem língua, a esfinge
 voz que vem dos olhos, o vulto das mãos
 a escuridão da praia em nossos corpos, vê
 essa fogueira ainda acesa, os naufragos.*

Daniel da Rocha Leite

Há algumas sessões, Paulo se mostrava fechado. Uma percepção ainda rarefeita me apontava para uma intenção de que aquela barreira do ensimesmamento pudesse representar

⁴⁵ Fonte: MATISSE, Henri. La Danse. 1909. Óleo sobre tela, 260 x 391 cm. Museu de Arte Moderna, Nova York, EUA.

para ele uma espécie de proteção, uma defesa. Certamente, a favor de si mesmo, por alguma razão... Mas contra quem?

As histórias que vinha trazendo nas últimas semanas eram de total e absoluto desolamento, descrédito e desconfiança nas relações, sentimentos que culminavam em sensação de clausura. Havia algo incomunicável, escorregadio, impossível de se alcançar via linguagem. Eu começava a me sentir consumida por um sentimento de desconexão e descontinuidade. Sentia-me isolada também, numa espécie de travanca invisível, porém percebida com agrura. Em alguns momentos, essa trava parecia densa, como se taipa rústica fosse, e em outros, sutil, como uma cortina de fumaça. De todo modo lá estava ela, encobrendo a clareza da experiência, embaçando a visão, obstruindo os sentidos.

Assim como Paulo, sentia-me sozinha, era apenas eu ali, isolada em meu corpo, minhas sensações. Esse estado encapsulado passa a ser experimentado com uma sensação de sufocamento. Estaria eu sufocada pelo ensimesmamento de Paulo ou pelo meu próprio? Estaria sem ar pela inalação daquela cortina de fumaça? Não sinto mais o espaço ao meu redor, somente a experiência asfíxiante de ter sido engolida por (em) mim mesma.

Esse mal-estar, que parece ter durado séculos, tomou um tempo que eu seria incapaz de precisar, e, de repente, voltei a escutar Paulo. Estranhamente, sua voz estava tão próxima, mas ele continuava distante. Nesse momento, de maneira disruptiva, penso em minha pele. Sinto-me conectada a ela. Essa experiência me domina, não consigo tirar o foco desse órgão e de todas as sensações que brotavam dele (e nele). Tento domesticar aquele pensamento, como se faz com um animal selvagem. Mas ele, arredio, me escapa, assim como Paulo me escapava nos últimos encontros.

Um desespero me invade, ao mesmo tempo que, quando sinto minha pele, é como se eu me reconhecesse novamente habitando meu corpo, não mais prisioneira dele. Sinto um alívio imediato acompanhado de uma intensa sensação de calor, como se a temperatura da sala tivesse aumentado em 10 graus de um segundo para outro. Ainda restavam alguns minutos para o final da sessão quando me levantei, o que surpreendeu Paulo. Ele me olhou assustado como se me perguntasse: “Mas já?”.

Num gesto absolutamente delicado e direto, toco em seu braço e digo apenas que vou diminuir a temperatura do ar. No entanto, algo acontece no instante daquele rápido e inofensivo toque. Já havíamos nos tocado inúmeras vezes, como, por exemplo, sempre que

nos cumprimentávamos em sua chegada e saída, e também em outras situações corriqueiras. Mas dessa vez houve um impacto único, sensorial, inédito.

Pude sentir a pele de Paulo, e tive a impressão de que ele também havia sentido a minha. Sensação estranha, ao mesmo tempo geradora de uma experiência apaziguadora. Sinto-me levada às profundezas de águas desconhecidas... sinto-me submarina, não mais uma naufraga, como instantes atrás. Apenas submarina. A impossibilidade de dar sentido para todos aqueles registros no meu corpo já não me assustava mais. Senti novamente a profundidade com (em) Paulo.

Na sessão seguinte, Paulo me conta que teve um sonho. Havia sonhado que nadava num mar extremamente gelado, e naquele momento pensava que, por sorte, dentro dele ainda estava quentinho, por isso não morreria. Mas aos poucos o calor de dentro começa a desaparecer, e então ele começa a se desesperar. Recorda-se, então, de ouvir minha voz no sonho dizendo: “Calma, vou aumentar a temperatura. Você já vai se aquecer”. E sentiu um alívio imenso.

Ele diz que esse sonho fez com que ele se recordasse que, quando criança, sentia que precisava se proteger das pessoas, como se os outros fossem esse mar gelado e ele precisasse ter a “casca grossa” para não morrer congelado. Mas, ao se isolar para se proteger dos outros, sentia que ia congelando do mesmo jeito, porque se percebia preso num castelo de gelo: o próprio corpo. Um corpo que se fechava para se proteger, mas que o matava de frio, pouco a pouco.

Recordo-me de uma outra sessão, bem no início da análise com Paulo, em que ele me dizia que minha sala era quentinha, confortável. Remeto-me à sensação do toque na pele de Paulo. Sim, pele, e não “casca grossa”. Nossas peles, porosas, se encontrando.

Vem à minha mente a ideia de que o sensorial do corpo de Paulo era vivido no meu próprio corpo, como se fôssemos um só corpo vivendo a agonia de estar preso num castelo de gelo, pedindo por socorro, desejando sentir calor. A confiança vivida no *setting* permitiu que Paulo experimentasse o calor que vinha do externo (ao mesmo tempo, o interno do enquadre). O calor era a representação de que havia encontrado fora o que precisava dentro de si, para poder então vestir-se com sua própria pele.

Esse estado de abertura, portanto, nos permite colocarmo-nos sensíveis à invisível e inefável dança sensorial, somática e semiótica dos corpos, que segue tecendo fios emocionais

entrelaçados, conectados e portadores de novos arranjos e movimento, criando novas formas e coreografias no reentrante encontro com o outro.

Civitarese e os enlaces intersubjetivos dos corpos

O fragmento clínico apresentado traz uma experiência ligada a um corpo-espaco, cuja moldura, a pele, permite que este seja habitado por interioridades e exterioridades. Uma pele cuja porosidade conecta com o mundo, o outro, as relações. A pictografia analítica aqui retratada denota o corpo (o dele e o meu) sendo um campo expressivo na cena analítica com Paulo. A presença do incomunicável, a ausência deflagrada. A solidão, a asfixia.

O ensimesmamento de Paulo fazia reluzir em mim uma dupla e paradoxal sensação de solidão e isolamento. Sem ar, sem poder sentir o espaço ao meu redor, havia somente eu sendo sufocada, asfixiada, engolida. Instala-se um desespero, até que penso em minha pele, sinto-a e me conecto com ela.

A experiência analítica é atravessada pela dimensão corpórea, e é neste corpo-lugar que a *reverie* pôde ser captada. O psicanalista italiano Giuseppe Civitarese (2010; 2018; 2021) nos ajuda a compreender que, além de imagens ou ideias, a *reverie* também pode ser experimentada no corpo, em forma de sensações e ações. O autor nomeia como *reverie* somática esse estado de sonho no corpo, campo somático, no qual os pictogramas corporais podem emergir. Neste que é um campo sensorial, semiótico e somático, são vividas paradoxalmente sensações de quietude e tensão, e nele podemos sentirmo-nos habitando nós mesmos, diferenciarmo-nos, sentirmos todos os tipos de sensações.

Civitarese nos ajuda a pensar a experiência com Paulo quando compreende o corpo como este campo que contempla o intrapsíquico com seus conteúdos, suas marcas, objetos e seus registros. Corpo este que comporta sua demanda pulsional, que alcança (e é alcançado) pela intersubjetividade em sua expressão comunicativa.

Podemos pensar que um processo intersubjetivo comunicava algo que meu corpo captava e, absorva em minha experiência antagônica, sentia-me simultaneamente asfixiada e salva por habitar a mim mesma. No momento em que minha mão toca o braço de Paulo, instantaneamente me atendo para sua pele. Uma sutileza gestual que impunha uma concretude sensorial viva e impactante.

O devaneio se segue quando percebo que, ao tocar a pele de Paulo, ele também havia sentido a minha. E mesmo tomada pela estranheza de me deixar levar por sensações tão turbulentas, sinto-me neste momento acalentada. Ainda não podia dar sentido às afetações captadas em meu corpo, mas me sentia apaziguada pela estranha certeza de ter (re)encontrado Paulo.

O sonho no qual Paulo relatou ter experimentado a sensação de mergulhar em um mar extremamente gelado, e que, “por sorte, dentro ainda estava quentinho, por isso não morreria” vai indicando caminhos, como um GPS (Civitarese, 2012). O medo de morrer de frio e a necessidade de sentir o calor "de dentro" me faziam pensar na existência dessa estremadura que demarcava o gelo e o calor: a pele. Sim, pele que demarcava o interno e o externo. Poder habitar a si mesmo, a própria pele, representa um movimento integrado de ser o todo, matéria e afeto, o corpo como um lugar onde é possível viver a dor e o alívio.

A partir da sensorialidade, analista e analisando puderam experimentar esse espaço integrado que é simultaneamente psique-soma, eu-não eu, dentro-fora, interno-externo. A lembrança de que, quando criança, precisava se proteger das pessoas, denota que aquele ensimesmamento era sua antiga estratégia de defesa contra mares congelantes e relações hostis.

O isolamento de Paulo, carregado de suas angústias, seus medos de asfixiar-se ou morrer congelado, faziam-me experimentar intersubjetivamente as mesmas sensações. Sensações no campo sensorial que expandem e nos permitem criar conexões, dar sentidos e ampliar para novas representações.

A intercorporeidade do *setting* permitiu que o calor da presença invadissem os poros e aquecesse fora e dentro. Um dentro e um fora desintegrados, que clamavam por integração. Os corpos de analista e analisando, num campo intercorpóreo tomado por ambos e seus conteúdos, com toda sua interioridade e exterioridade. Um campo constituído (e constituinte) de corpos porosos, permeáveis, que possibilitava que o fluxo de conteúdos não representados ali circulasse, misturando-se e expressando-se em sensações variadas.

A contemplação da pele surge denotando a importante função desse órgão imenso que dá contorno, protege e, graças à abertura de seus poros, promove intensas experiências sensoriais. O corpo passa a ter um status de lugar onde se pode habitar e de onde se

experimenta o calor, o frio, o arrepio, a dor, o vento, as texturas. É a partir do corpo que se pode ouvir, ver, sentir, comunicar (com ou sem palavras).

O encontro das peles de analista e analisando promoveu, em ambos, a intensa, sublime e paradoxal sensação de se co-habitarem. Sentir-se em si e paralelamente sendo parte de algo infinito, morar em si mesmo, mas habitar e ser habitado por outros corpos. Viver o interno e o externo, ser si mesmo sem ser prisioneiro de si, permitir que outros o habitem, sem ser refém destes.

Na intercorporeidade do campo, a experiência somática, corpórea e sensorial foi essencial para que Paulo pudesse comunicar seus conteúdos inconscientes. A insegurança que o outro lhe causava fazia com que buscasse fechamento. Era o que vinha acontecendo com Paulo nas sessões que antecederam essa experiência na intercorporeidade do campo. Paulo se fechava em seu castelo de gelo, com sua velha e conhecida “casca grossa” que, pretensamente, lhe protegeria do frio das relações vazias e desconectadas, especialmente como havia vivido com sua mãe.

Mas Paulo também temia morrer de frio, desejava sentir o calor. Habitar a própria pele representa um movimento integrado de ser o todo, carne e sensação. A partir da sensorialidade, analista e analisando puderam experimentar esse espaço integrado que é simultaneamente psique-soma, eu-não eu, dentro-fora, interno-externo.

A experiência vivida com Paulo se vincula às construções de Giuseppe Civitarese, apresentadas neste capítulo. A analista experimenta o que o autor caracteriza como *reverie* somática, vivida na intercorporeidade do campo e favorecida pela abertura para o encontro entre corpos, infinitos em extensão sensorial e em profundidade psíquica/somática. Para o autor (2021), sendo a *reverie* um sonho do/no corpo, "o restabelecimento da continuidade física com o objeto por um instante é equivalente a um pedido de ajuda para alcançar uma unidade somatopsíquica básica." (p.51)

Como pôde ser notado pela analista, no momento em que era arrastada para as profundezas “submarinas” da experiência corporal com Paulo, a violação no *setting* não gerou, de fato, descontinuidade. Houve, sim, uma comunicação inconsciente que captou conteúdos não representados de Paulo nesse espaço intersubjetivo, intercorpóreo, no qual as dimensões regressivas e sensoriais puderam emergir, favorecendo o contato com processos traumáticos ainda não acessados, elementos ainda não simbolizados.

No espaço intersubjetivo e intercorpóreo com Paulo pude experimentar o mergulho profundo em águas desconhecidas, que eram capazes de causar espanto, medo e, também, esperança, entrega. O corpo era experimentado como esse lugar no qual se tece uma abertura para o mundo, uma permeabilidade que movimenta e gera calor, possibilitando percepções, abrindo-se a novos sentidos e à experiência paradoxal da dinâmica contínua entre o dentro e o fora, o eu e o não-eu. A experiência de *reverie* permitiu o sonhar no corpo e, a partir de então, analista e analisando puderam criar sentidos, gerando novas imagens, ideias, sensações: um sonhar compartilhado.

2.6 - O casal Botella e o trabalho da figurabilidade

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros. Daqui vem que todas as pedras podem
ter qualidades de sapo. Daqui vem que todos os
poetas podem ter qualidades de árvore. Daqui vem
que os poetas podem arborizar os pássaros.*

*Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as
águas. Daqui vem que os poetas devem aumentar o
mundo com as suas metáforas. Que os poetas podem
ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o
mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o
mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.*

Manoel de Barros

Expressas pela via das emoções, as imagens emergem em nossa mente e caminham rumo a uma possível representação: o imagético se desenrola em palavras, ideias, nomeações. De maneira geral, podemos dizer que, pela figurabilidade, o analista é transportado para o universo “despalavreado” das imagens, um processo que possibilita o (re)encontro com um material inconsciente, a partir do qual abrem-se perspectivas representacionais até então impedidas ou inexistentes.

Em virtude de sua relevância teórica e clínica, as reflexões sobre o tema da figurabilidade sempre estiveram presentes, desde a concepção do pensamento psicanalítico e ainda hoje, entre os psicanalistas contemporâneos. Na esteira dessas discussões, encontramos o casal de psicanalistas César e Sara Botella, precursores dos estudos sobre o tema e desenvolvendo-o de modo a ampliar e elevar o conceito de figurabilidade inicialmente apresentado por Freud em 1900.

As produções dos Botella tornaram-se um expoente na psicanálise contemporânea da França – país onde vivem –, bem como no cenário psicanalítico internacional. Suas ideias inovadoras têm ganhado cada vez mais relevância e espaço, pois abrem caminhos para se pensar em novas perspectivas teóricas pautadas na experiência clínica.

Desde a década de 1980, data de suas primeiras publicações sobre o assunto, a figurabilidade passa a ter um espaço central nas pesquisas e investigações do casal Botella⁴⁶. O interesse pelo tema despontou de seus trabalhos clínicos com casos limites – crianças e adultos —, nos quais sentiam-se intrigados com as imagens que surgiam nas sessões e na repercussão que elas adquiriam no percurso do tratamento. Os psicanalistas notavam que as imagens emergiam a partir de traços de um “material perceptivo atual” oriundo das impressões sensoriais do momento da sessão, assim como de "restos diurnos" das sessões precedentes (Botella, 2001, p.84).

Em seu livro *A figurabilidade psíquica* (2001), os autores apresentam uma vasta produção teórico-clínica, com artigos escritos desde 1982. Nesta produção é possível notar o aprofundamento e as marcas autorais que suas ideias vão adquirindo. Nesses textos, os psicanalistas discorrem sobre os processos psíquicos observados nas mentes de analista e analisando, partindo das imagens visuais e/ou auditivas que emergiam nas sessões de análise e que os autores percebiam como uma atividade de uma qualidade quase alucinatória, a qual, segundo suas investigações, estaria ligada às bases da constituição psíquica que, inicialmente, relacionava-se a estados não representados do analisando.

⁴⁶ Vale ressaltar que, mesmo em publicações e conferências nas quais César Botella apresenta sem a participação de sua esposa Sara, ele faz questão de enfatizar que seus pensamentos têm sido construídos em conjunto, sendo que suas proposições teóricas são frutos das experiências clínicas e das reflexões de ambos no campo metapsicológico psicanalítico.

Para os autores, é a partir da figurabilidade que um acontecimento que nunca teve inscrição no aparelho psíquico (pois ocorreu sem ter deixado traços mnêmicos - “inscrição em oco”) pode emergir via imagem e marcar um lugar a ser constituído no psiquismo.

Após retomarem as ideias de Freud (1900) em *A interpretação dos sonhos*, passam a considerar que as imagens são formas de abertura para uma inteligibilidade, processo essencial na constituição da vida psíquica, sendo governada pelo que os autores chamam de princípio de “*convergência-coerência*”, cujo objetivo é dar a tudo inteligibilidade. Para Botella (2000), sempre que o analista capta o irrepresentável do analisando, inconscientemente, buscará torná-lo inteligível, pois seria um funcionamento natural tentar ultrapassar o desconhecido.

Assim, a figurabilidade seria “o primeiro tempo indispensável a um trabalho de ‘tornar representável’, de criação de uma cadeia de representações” (Botella, 2000, p. 236). Quer seja para descrever um fato, tecer caminhos narrativos ou pensar analogias ou metáforas, antes foi necessário contemplar o mundo despallavreado, o universo das imagens. Desse modo, pensando com os Botella, podemos considerar que o trabalho da figurabilidade é um componente fundamental para a formação do pensar e, conseqüentemente, ao processo analítico. Tudo o que tange o abstruso campo da inconsciência, para ser pensado, precisa antes ser imaginado... O incognoscível só pode ser “desenhado” via figurabilidade.

Assim como Freud se valeu da ideia de “trabalho do sonho” para explorar teórica e clinicamente os processos psíquicos relacionados aos sonhos, o casal Botella (2000) propõe a utilização do termo “trabalho da figurabilidade”, por considerar que o campo da figurabilidade é vasto e envolve importantes trabalhos psíquicos, tendo função criadora para a construção de pensamentos que não haviam sido pensados, e dando voz, cor e forma às marcas mnêmicas não representadas, que se localizavam aquém do trabalho de elaboração psíquica.

Desse modo, na visão dos Botella (2001), a figurabilidade representa um trabalho diurno complexo, análogo ao sonho noturno, ainda que resultem de processos psíquicos distintos. Segundo os autores, em Freud, o sonho compreendia o funcionamento da vida psíquica, e nele são observados dois possíveis caminhos complementares: a via eferente (progridiente) e a regressão formal (regrediente).

O movimento progrediente refere-se ao caminho da pulsão à representação psíquica, destina-se, segundo Botella (2000), a uma "psiquisação" da pulsão, enquanto a via regrediente não se trataria de uma regressão a estágios anteriores de desenvolvimento, mas de um movimento que tende a lidar com a excitação a partir de uma atividade alucinatória (Botella & Botella, 2001; Botella, 2003).

Partindo, então, do modelo de trabalho onírico freudiano (1900), os autores pensam o movimento regrediente do sonho como uma base para o trabalho de figurabilidade que se apresenta a partir de uma regrediência, por sua capacidade de transformar uma representação em imagens sensoriais. A "via regrediente" transformaria representações de palavras em imagens, que possibilitam a abertura para uma gama de novas representações dos pensamentos ainda não-pensados.

Freud utilizou o termo "regressão formal", mas o casal Botella (2003) prefere "regrediência" para descrever essa capacidade psíquica. Assim, a regrediência refere-se ao caminho percorrido pelas representações de palavras, que, segundo os Botella, "regride" a uma atividade de qualidade alucinatória, considerada uma plasticidade normal do funcionamento psíquico. Desse modo, tais representações retornam a uma organização primeira dos pensamentos, as imagens, ampliando sua potência para novas associações, deslizamentos, deslocamento, como no trabalho do sonho.

O movimento regrediente pode promover a ampliação dos pensamentos para que inúmeras novas articulações surjam. Podem, assim, relacionar-se a traços mnêmicos de etapas primordiais da vida psíquica, criando as possibilidades de compreendê-las e inscrevê-las no psiquismo. De acordo com os psicanalistas (2003), algumas emoções e afetos mais originários se encontram numa instância pré-verbal, e, por essa razão, só podem ser "ouvidos" pelo analista via figurabilidade.

A partir da regrediência, numa espécie de alucinação ligada a canais perceptivos, o analista pode acessar imagens que lhe possibilitam alcançar o não-representado. A via regrediente seria, portanto, um estado onírico da mente do analista a partir do qual as imagens "alucinadas" dariam figurabilidade àquilo que é irrepresentável para o analisando.

Os autores afirmam que a regrediência (no analista) caminha junto à transferência (no analisando). Ambas estão interligadas, pois imagens e afetos do analisando são transferidos ao analista. A fim de esclarecer esse processo transfero-contratransferencial do qual a

figurabilidade parte, os Botella (2001) apresentam o conceito do “trabalho em duplo”⁴⁷, cuja ação possibilita acessarmos o não representável do trauma infantil.

O casal Botella (2001) considera que, no trabalho do sonho, mais importante que a realização do desejo é a transformação via figurabilidade. Dessa forma, vê-se desde Freud (1900) a relevância da transformação dos pensamentos em imagens.

César Botella (2000) é enfático em dizer que não se pode falar em figurabilidade sem evocar as ideias de Bion no que se refere às concepções de função alfa e de capacidade de *reverie* da mãe. E afirma que as intuições do analista estão relacionadas a percepções que podem captar uma verdade psíquica do analisando. Segundo o autor, a grande inovação de Bion é a noção de transformação que, ainda que já estivesse presente em Freud, não havia sido até então bem desenvolvida.

O autor ressalta ainda que a noção bioniana de *reverie* nos ajuda a compreender o processo pelo qual a mãe transforma os elementos beta que capta como inassimiláveis para o filho. Para César Botella, sem essa compreensão seria difícil chegar à concepção atual de figurabilidade e, mesmo sendo dois conceitos clinicamente muito próximos e de difícil diferenciação, a *reverie* e a figurabilidade guardam entre si algumas distinções importantes.

Em sua visão, a *reverie* opera especialmente em um nível pré-consciente, enquanto o trabalho de figurabilidade estaria alocado, assim como o trabalho do sonho, nos processos inconscientes. Transcorre, portanto, em um nível mais profundo da via regrediente, o qual abarca, além dos elementos irrepresentáveis, outros elementos psíquicos como desejos inconscientes, lembranças e elementos sensoriais (Botella, 2000, p. 237).

Em termos gerais, o casal Botella considera que o objetivo da *reverie* da mãe seria a urgência em transformar os elementos beta do bebê a fim de dar-lhes sentido. A figurabilidade, por sua vez, engloba uma zona maior de trabalhos psíquicos, sendo seu objetivo, sincronicamente, a transformação do inassimilável.

O estado de figurabilidade é criado para iluminar e dar expressão àquilo que até então havia permanecido irrepresentado e também uma fonte de sofrimento, e por meio do trabalho de regrediência pôde ser trazido à vida psíquica do analisando oferecendo-lhe uma nova

⁴⁷ O conceito de trabalho em duplo do casal Botella foi publicado originalmente em um trabalho para a *Revue Française de Psychanalyse* sobre a questão do duplo em sessão e retomado no livro *La Figurabilité Psychique*, de 2001.

ordem, um novo equilíbrio. Assim, abrir caminhos para dar novos sentidos às experiências emocionais seria um dos objetivos do trabalho de figurabilidade, entre outros (Botella, 2013, p. 105).

No esforço de ampliar a compreensão sobre a complexidade do trabalho da figurabilidade, Botella (2008) menciona que o termo *reverie* compreende a uma vasta variedade de fatos psíquicos que, assim como o sonho e os *flashes*, fazem parte dos processos que compõem o trabalho de figurabilidade (p. 178). O casal de psicanalistas considera, desse modo, uma simplificação equivocada entender os conceitos de *reverie* e de figurabilidade como sinônimos.

Para os Botella (2007), a *reverie* é um dos processos possíveis no vasto campo da figurabilidade. Os autores compreendem que, muitas vezes, a *reverie*, ainda que gerada intersubjetivamente, pode estar condicionada a necessidades inconscientes do analista, quando se encontra diante de dificuldades significativas com o analisando que atingem sua confiança em si mesmo e no progresso analítico. Nesses casos, segundo Botella (2008, p. 182):

[...] Por toda espécie de razões, seria um equívoco denominar *Rêverie* todos os fenômenos do domínio do figurável que ocorrem na sessão, mesmo se a noção de *rêverie* é sustentada, como para os bionianos, por uma teoria considerando-a originária da ideia de sonho inconsciente em atividade dia e noite. O funcionamento do pensamento do analista na sessão, estudado unicamente sob o ângulo da *rêverie* é uma simplificação da extensão de um vasto campo de pesquisa que, pelo contrário, se revela no eixo da noção de Trabalho de figurabilidade.

Seja ela um “*flash* do pensamento” ou o surgimento de uma palavra (ainda sem representação), a *reverie* só pôde emergir devido ao trabalho de figurabilidade. Portanto, para os Botella (2008, p. 1), a figurabilidade é o produto final e o fundamento de todas as *reveries*. A partir de suas investigações clínicas e das teorizações delas decorrentes, o casal Botella concede ao trabalho de figurabilidade um papel primordial quanto ao seu potencial transformacional no psiquismo, por criar uma disposição à inteligibilidade regrediente de acesso ao inconsciente e ao desejo infantil recalçado, o que possibilita a construção de processos secundários – como os de representações-palavra.

O estado de abertura do analista e de receptividade para os elementos psíquicos de seu analisando é essencial para que a figurabilidade ocorra. De acordo com os Botella (2003), o

estado de regrediência só é alcançado via atenção flutuante, pois, seguindo o modelo freudiano, entendem que a partir de um estado de mente livremente flutuante é possível que o inconsciente do analista esteja acessível e possa ser mobilizado pelo trabalho onírico para atingir uma atividade quase alucinatória na qual a figurabilidade emerge.

Seja pelo caminho da imagem à palavra (progrediente) ou da representação à figura (regrediente), a mente do analista alcança estados inacessíveis do mundo psíquico de seu analisando. A regrediência possibilita que o analista, dotado de aspectos inconscientes (da dupla), atinja o “mundo das imagens” a partir de representações comuns, enquanto o movimento da via progrediente trabalha no sentido de uma elaboração secundária, que tenta transformar os elementos captados em algo que possa fazer sentido (Botella, 2008, p. 179).

Assim, para os autores, o trabalho do analista é o mais complexo, pois este tem sua mente convocada ao extremo. É necessário que haja um bom funcionamento psíquico do analista para que ele possa elaborar a ameaça traumática da não representação por esse movimento regrediente.

Se o analista for capaz de fazer um bom trabalho, de acordo com Botella (2001), a figurabilidade abre caminhos para o pensamento que se encontra impossibilitado de agir, necessitando ser transformado em imagens pela regrediência. As imagens permitiriam o acesso a vivências infantis impossíveis de virem à consciência anteriormente.

Contrariando correntes psicanalíticas clássicas, os Botella colocam em debate a necessidade de a psicanálise ampliar suas investigações para um campo que abarque toda a complexidade do psiquismo e não se restrinja à representação. Desse modo, consideram o trabalho da figurabilidade essencial para que seja possível acessar o traço amnésico da memória sem lembrança e chegar ao sonho-memória, transformação vital para a continuidade de nossa vida psíquica. Segundo os autores, o trabalho da figurabilidade talvez seja o único meio de acesso a esse “além” do traço mnésico, a memória sem lembranças (Botella e Botella, 2001, p. 17).

Os “ventos uivantes” do pensamento dos Botella seguem soprando nos campos psicanalíticos contemporâneos. Por vezes ruidosas, outras leves como brisa, ou ainda enérgicas como furacão, as ideias originais dos Botella carregam marcas da tradição, ao mesmo tempo em que nos (re)apresentam a figurabilidade como um tema-ventania, com ventos que anunciam mudanças. Ventania que nos carrega para o mundo das imagens,

convida-nos também a uma compreensão mais ampla e profunda dos processos envolvidos na emergência da figura e na relevância dos trabalhos psíquicos a partir dela.

Parafraseando Manoel de Barros sobre o poeta e suas transformações com as imagens e palavras, transpondo para pensarmos as transformações de analista e analisando no complexo e enredado campo do trabalho de figurabilidade, podemos dizer que *daqui vem que o analista deve aumentar o mundo com as suas metáforas, reverter a palavra em pré-coisa, pré-verme, pré-musgo. Daqui vem que a análise pode compreender o mundo sem conceitos, e que, em um “trabalhado em duplo”, analista e analisando podem refazer o mundo (de ambos) por imagens e afetos.*

Via figurabilidade poderá advir uma inteligibilidade do não representado: a imagem que emerge da mente do analista atua, no tecido psíquico do analisando, como a ponta da agulha que marca o primeiro ponto, a partir do qual toda uma trama de caminhos alinhavados vai se formando, em que fios e nós se entrelaçam. Entrelaços.

A agulha-imagem do analista perfura o tecido, marcando um ponto inicial, mas a linha segue ziguezagueando, criando ponteados, cerzindo caminhos guiados inconscientemente. Fios que se cruzam, se enroscam, e, aos poucos, vão tomando um caminho em direção às “bainhas” das memórias sem representações, nas profundas marcas mnêmicas que precisam ser “costuradas”.

Em consonância com os Botella, podemos dizer que o trabalho da figurabilidade seria a forma pela qual o analista pode tentar “compreender o mundo sem conceitos”, e eis que, dotado de uma capacidade para deixar-se habitar pelo universo desconexo e obtuso da “despalavra”, ajudar seu analisando a (re)fazer seu mundo, em um trabalho diurno complexo e meritório, que se inicia “por imagens, por eflúvios, por afeto”.

A escuta regrediente: pictografias do trabalho da figurabilidade

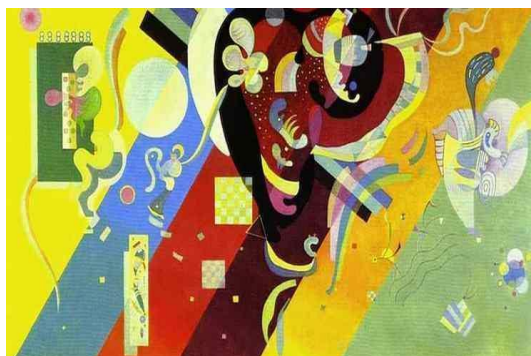


Figura 8 - Composição LX - Wassily Kandinsky (1910)⁴⁸

A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação.

A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca.

Certas visões não significavam nada, mas eram passeios verbais.

Manoel de Barros

Apatia, indiferença. Sentimentos expressos com regularidade nas últimas semanas nas sessões com Paulo. Era o que dizia sentir pelas pessoas de seu convívio mais próximo. Uma mistura de culpa, preocupação e conformismo. Paulo não se sentia muito afetivo, nem mesmo com a esposa e a filha. Sabia que as amava, mas, para ele, o sentimento mais vivo e importante era o de se saber provedor. Provendo, sentia-se amando (e amado). Em muitas dessas sessões com Paulo, tento dizer-lhe algo, mas prefiro ouvi-lo. Sinto-me, por vezes, cercada de lembranças vagas, “restos” de outros momentos, falas e percepções que eu vinha colecionando em cantinhos de minha mente ao longo das tantas sessões com Paulo. Memórias que vagavam, se aproximavam, mas não chegavam de fato.

Numa sessão ele traz uma situação sobre um colega de infância. “Colega” era a palavra eleita por Paulo para se referir às pessoas próximas ou às que já fizeram parte de sua vida em alguma ocasião. O tema da dificuldade de considerar as pessoas como amigos sempre esteve

⁴⁸ Fonte: KANDINSKY, Wassily. Composição LX. 1910. Óleo sobre tela, 140 x 200 cm. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

rondando a análise de Paulo, normalmente acompanhado de um sentimento de pesar e, na maior parte do tempo, de uma espécie de resignação por entender que ele era “assim”.

Enquanto o escutava descrever a situação com o “colega”, me vem um flash, como se minha mente registrasse aquele instante da sessão: a sala de análise, a mobília, o divã, Paulo e eu. Via diante de mim uma fotografia. Observar aquela imagem era como olhar para a foto de um álbum, e, por meio dela, acessar a história ou fragmentos dela. No entanto, as lembranças acessadas não eram as daquela sessão com Paulo, mas sim de uma outra, ocorrida há muitos anos, na qual ele me falava algo sobre este mesmo amigo. Então, pergunto-lhe: “Me veio à mente uma sessão de muito tempo atrás [...] Tenho a impressão de que o que você trazia estava relacionado a esse mesmo colega. Aquele que você dizia ser muito acomodado, não era? Estava aqui te ouvindo contar essa nova história e a cena daquela sessão me ocorreu nitidamente[...] como se eu estivesse olhando para uma fotografia”.

Nesse instante Paulo se virou do divã, olhou para mim com uma expressão de entusiasmo, e disse: “Exatamente, era ele mesmo! Isso já faz muito tempo, não faz? Uns 8 anos, mais ou menos [...] lembro que, na época, você me disse que ele estava vivendo como o elefante da fábula, acorrentado a uma estaca. Agora eu também me lembrei bem!”. E, rindo, brincou: “Nossa memória está boa! Memória de elefante!”

Deitou-se novamente e seguiu contando sobre o contexto atual com o colega e sobre como se sentia apático naquele cenário relatado. Ao final da sessão, antes de ir embora, Paulo olha para a sala, sorrindo e diz: “Temos tantas ‘fotografias mentais’ aqui nesta sala [...] Dava até para montar um álbum!”

Na semana seguinte, Paulo me diz que após aquela sessão, no caminho de volta para casa, ficou pensando que não tinha muitas fotografias com a esposa, tampouco com a filha. A primeira coisa que fez ao chegar foi procurar pelos álbuns de família. Confirmou que, de fato, havia pouquíssimas fotografias, apenas uma ou outra, tiradas sem que ele tivesse notado. Justificou para si mesmo que fugia das fotos “como o diabo, da cruz”. Se achava gordo, e por essa razão evitou as fotos durante anos, aliás, até hoje. “Consegui emagrecer e mesmo assim continuei fugindo”.

Quando se deu conta de que não havia “registrado” muitos dos momentos especiais que vivera com sua família, sentiu uma grande inquietação. Lembra-se, então, de que, em sua infância, sua mãe detestava ser fotografada. “A desculpa era sempre a mesma...dizia que era

muito ‘acanhada’. Ah, nem era tão tímida assim. Acho que, na verdade, ela não dava valor para esses registros”.

Paulo se recorda que na casa dos pais havia uma caixa de sapatos que ficava na estante da sala de estar, e nela eram guardadas algumas poucas fotos de sua infância, de alguns de seus aniversários, e em todas ele estava no colo do pai. A mãe não aparecia na maioria e, quando estava, tinha sido “pega de surpresa”. Conta que, quando criança, queria rever aquelas fotos o tempo todo. Não sabia exatamente o motivo de buscar tantas vezes aquelas mesmas e raras fotografias. Sua mãe se irritava com isso, dizia que iria esconder a caixa de fotos para que ele não ficasse pedindo toda hora para vê-la.

“Não sei, honestamente, se isso já me incomodava antes, mas confesso que não existir um único registro da minha mãe comigo no colo me entristece... é como se eu percebesse que coisas importantes não foram registradas, ou, o que é pior, talvez nem tenham acontecido. Por isso, quis falar sobre isso hoje [...] Sinto que não tenho nem foto, nem qualquer registro mental de estar feliz no colo da minha mãe.”

Algumas sessões após esse evento, Paulo me mostra, orgulhoso, uma foto com a filha. Uma fotografia real, tirada após o trabalho psíquico a partir de uma fotografia imagética, e que agora ocupava a tela de fundo de seu celular. A construção de registros mnêmicos que compõem seu novo álbum de família. Paulo agora sabe que neste novo álbum existem, sim, páginas iniciais que ficaram sem registros, mas há outras tantas que ainda poderão ser registradas com novas fotografias, imagens, afetos e representações.

O viés contínuo da figurabilidade no ponteadado expansivo dos Botella

Podemos considerar, a partir dessa experiência analítica com Paulo, a relevância clínica das ideias teorizadas por César e Sara Botella. O trabalho de figurabilidade pode ser observado neste fragmento clínico. A imagem surge de um trabalho psíquico pela regrediência (da representação à imagem) e abre caminhos para que o pensamento que se encontra impossibilitado de agir possa ser transformado. A imagem da fotografia permitiu ao analisando o acesso às vivências infantis, sendo, então, capaz de entrar em contato com sentimentos de angústia e desamparo que não puderam ser inscritos anteriormente em seu psiquismo.

Segundo os autores, o trabalho de figurabilidade contempla, desde a formação da imagem à abertura para ampliar para novas representações. Na pictografia analítica apresentada nesta seção, nota-se que, a partir da *reverie* da fotografia, o analista tem o trabalho de utilizar a regrediência, para facilitar o advento desse passado não representado (Botella & Botella, 2002, p. 136) .

A imagem seguiu pulsando, inquietante, desdobrando-se, abrindo espaços para outras ideias, novas representações. No entanto, de onde veio aquela imagem? Por que a figuração de uma fotografia teria invadido meus pensamentos naquela sessão? Talvez de “restos” diurnos das sessões precedentes (Botella, 2007, p. 84) associados às possíveis impressões sensoriais do momento da sessão: a sala, o divã, a mobília, os adornos da sala de análise, Paulo e eu. Lembrei-me também que, semanas antes da sessão na qual a figurabilidade da fotografia emergiu, eu havia encomendado a impressão de uma foto com minha família, a qual eu daria aos meus pais como presente por suas bodas. Na sessão em que a imagem da fotografia me ocorreu, a memória da foto com minha família estava completamente distante de meus pensamentos, mas, no *après-coup* da sessão, imaginei que talvez pudesse ter havido alguma conexão com a reminiscência de uma memória vaga desta “fotografia de família”.

De acordo com os Botella (2003), o trabalho de figurabilidade aduz o analista a alguns elementos da pré-história pessoal do paciente que não puderam ser simbolizados, anteriores à aquisição da linguagem e que integram um conjunto de memórias sem lembrança, as “lembranças em oco” (Botella, 2001) como as de Paulo com sua mãe - não-registros que acabam por deixar marcas afetivas insistentes. A partir dos trabalhos psíquicos que geraram a imagem da fotografia na mente da analista e que também favoreceram uma sucessão de novas representações, Paulo pôde pensar que, de fato, mais que fotografias em seu álbum de família, faltavam-lhe registros com sua mãe, no aconchego de seu colo, nos momentos em família. Faltavam-lhe quaisquer registros: os fotográficos e os vividos.

Paulo já havia trazido, em outros momentos de sua análise, traços mnêmicos muito precoces da sensação de estar escorregando do colo da mãe, ainda bebê. A ‘lembrança em oco’ atualizada nas tentativas repetidas de recuperar os (não) registros de dentro daquela velha caixa de sapatos. Uma memória sem lembranças, impossibilitada de ser inscrita em seu psiquismo. O não registro, a não afetividade, o não valor, o colo escorregadio. Marcas de um trauma infantil, do vivido não representado.

A busca obstinada pela caixa de fotografias na estante da casa dos pais, durante sua infância, se relacionava à tentativa ferrenha de “encontrar” algo que, de fato, não existia ali, nem naquela caixa, nem em suas lembranças. Mas parecia que havia algo que precisava ser alcançado, para que pudesse ser representado. Paulo não sabia exatamente o motivo de querer ver tantas vezes aquela caixa de tão escassas fotografias, e mesmo que isso deixasse sua mãe tão irritada, lá estava Paulo e seu desejo insistente e sua procura vã, pois ainda que se aproximasse dele, aquele pensamento não podia, até então, ser acessado, até que o (re)encontro com a memória sem lembranças abrisse espaço para novas associações e reflexões sobre sua afetividade.

O movimento da regrediência favoreceu que palavras fossem alucinadas e transformadas em imagem - uma *reverie*. Dessa forma, os pensamentos puderam expandir para novas articulações, relacionadas a traços mnêmicos de etapas primordiais da vida psíquica, pré-representacionais, criando a possibilidade de representá-las e inscrevê-las no psiquismo. Como nos apresentam os Botella (2003), emoções e afetos alocados na instância pré-verbal, que só poderiam ser captados pelo analista via figurabilidade. A partir dessas novas representações, Paulo compreendeu que reproduzia, de certo modo, a atitude negligente e a pobreza afetiva da mãe com as pessoas ao seu redor. Observamos, portanto, que "um estado de figurabilidade é criado e ilumina e dá expressão para aquilo que até então havia permanecido irrepresentado e fonte obscura de sofrimento, trazendo assim uma nova ordem, um novo equilíbrio" (Botella, 2013, p. 105).

A imagem da fotografia tornou-se, naquela sessão com Paulo, um elemento que não pôde ser ignorado, ficou marcada em minha mente, por isso não hesitei em comunicá-la ao analisando no momento como emergiu, sem preocupação em metaforizá-la ou transformá-la em uma narrativa. Apenas apresentei a imagem que me ocorreu. A comunicação daquele “flash de pensamento” (Botella, 2008) não teve a intenção de alcançar algo no analisando, mas após a sessão com Paulo, percebi que esta teve uma função de promover transformações.

Vemos, portanto, assim como aponta o casal Botella, que a figurabilidade é o produto final e o fundamento de todas as *reveries*. O trabalho de figurabilidade favoreceu que Paulo ampliasse as conexões, criasse novas ideias e representações. E o elefante da fábula, que de alguma forma também habitava a cena e gerou lembranças a partir da imagem da fotografia, pode ser repensado agora como sendo a expressão do próprio Paulo que, como o elefante, vivia acorrentado a uma estaca, resignado, preso a ideias depreciativas de si mesmo. Dizia-se

apático, ainda que soubesse de seu amor incondicional pela filha. Não gostava de fotografias por achar-se gordo, mas continuava fugindo delas mesmo depois de ter emagrecido.

Assim como o elefante, Paulo se resignava, acreditando estar preso a uma estaca que o prendia àquela realidade, mas ao perceber a possibilidade de soltar-se dela, ao perceber-se livre, logo entendeu que poderia (e queria) conhecer novos lugares. Ainda que tenha permanecido acorrentado à estaca por muito tempo, há tanto a desbravar, tantas novas lembranças a registrar em sua “memória de elefante”.

**Considerações finais -
Entre penumbra e centelhas, do incognoscível às transformações,
da linha solta ao bordado**



Figura 9
O carnaval de arlequim - Joan Miró (1925)⁴⁹

*As formas prisioneiras... As formas prisioneiras por
belas e dementes esperam seu resgate. Nem veriam a
eclosão essas duras crisálidas do sono ocultas em
pedras, telas, tramas, insensíveis ao sol, à chuva fria,
nem júbilo nem melancolia sem que as desates.
Medram a medo na ante-manhã, carentes de teu
sonho, princesas embalsamadas em sucessão
estranha, à espera.*

Dora Ferreira da Silva

Entre penumbras, nós, analistas, caminhamos. Sobre pedras, entre telas e tramas, sob a névoa densa ou a chuva fria, em meio ao limbo, às chamas, às erupções vulcânicas, à aridez do deserto. Sob sol ocluso, seguimos, por vias intuitivas, por abstrações. Ainda que se aumentem os medos e a imprecisão, paulatinamente, vê-se luz: centelhas. Entre as sombras e

⁴⁹ Fonte: MIRÓ, Joan. O carnaval de arlequim. 1925. Óleo sobre tela, 66 x 93 cm. Museu de Arte Albright-Knox, Buffalo, EUA.

os fachos de luz, eis que elas emergem, imagens-guia: as *reveries*. Tramontana, indicando rumo, apontando caminhos que possam nos guiar até as formas prisioneiras dos pensamentos não pensados, de onde esperam, enfim, serem resgatadas. Princesas embalsamadas, crisálidas que aguardam suas asas, que esperam pela transformação.

Formas prisioneiras à espera de seu resgate. Uma ideia fugidia, mas que, volta e meia, apresentava-se em minha mente era a de que os devaneios que surgiam em sessões com meus analisandos apontavam para algo que eu não tinha a mínima ideia do que seria naquele momento. Intuitivamente, seguia pistas *a posteriori* da experiência vivida na sessão. Muitas vezes não podia compreender o que aquelas imagens e sensações vividas poderiam representar. E, então, esses protótipos de pensamentos acabavam por esvanecer-se, perdiam as formas e cores, não geravam quaisquer ressonâncias. Eu acabava por defini-los como meras distrações, respostas contratransferenciais, sem pregnância, que não geravam quaisquer construções.

No entanto, em tantas outras situações com meus analisandos lá estavam elas, as *reveries*, captadas a partir de uma disponibilidade para acolhê-las, um estado de mente aberto e receptivo para o enigmático da experiência emocional. Seguia o caminho, entregue às pistas imagéticas, imprecisas, nebulosas e turbulentas. Sentia (sem saber o porquê) que aqueles pictogramas artisticamente criados em minha mente eram como fios soltos de uma trama desconhecida. Mas onde estaria o carretel? Eu o alcançaria? Impossível responder a essa questão. Restava-me, então, a escolha de deixar-me levar por aquela experiência.

De fato, um analista, ao se abrir para o encontro analítico, nunca sabe o que irá encontrar. Mas havia aquela voz sutil e insistente que, por tantas vezes, fazia-me crer que eu deveria seguir, mesmo sem saber o que haveria para ser encontrado. Portanto, deixar-se afetar pelo encontro analítico implica encontrar pelo caminho penumbra, lacunas, névoa densa, chuva fria, limbo, chamas, desertos e tempestades. E também centelhas, luz, transformações, pois muitas vezes também alcançamos as princesas prisioneiras que esperavam ser resgatadas. Mas como surgem essas imagens? Há condições favoráveis para que elas emergjam? E como elas nos levam às formas prisioneiras? Quais os caminhos para se chegar até elas?

Entre devaneios e imagens, sinto-me instigada com o tema da *reverie*. Na experiência clínica com meus analisandos, capturada por esse fenômeno eminentemente intersubjetivo, percebo que há nele um potencial transformador, quase sempre *a posteriori*, de encontrar “princesas prisioneiras”, ou seja, pensamentos não pensados, que esperavam ser encontrados.

Um processo que se dá a partir de um sonhar compartilhado. As inquietações experimentadas na clínica psicanalítica me levaram a desejar investigar o fenômeno da *reverie* e compreender o movimento contínuo e expansivo que o conceito comporta dentro do campo psicanalítico.

Apresento ao leitor minha experiência de *reverie* com Paulo. Nas pictografias analíticas apresentadas, tento transmitir tanto os movimentos delicados, sensíveis e genuínos, como as sutilezas e obliquidades que a *reverie* comporta. Analogamente à experiência emocional vivida com a analisando, conto com as contribuições conceituais de autores contemporâneos como: Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina Ribeiro, Giuseppe Civitarese e o casal Botella. Os autores privilegiados nesta pesquisa promovem a expansão do conceito germinado por Bion e seguem criando safras de novos pensamentos, gerando uma frutífera e expansiva produção teórico-clínica.

Este é, portanto, o momento de convidar o leitor a se abrir para o pensamento paradoxal: compreender a *reverie* como um fenômeno intersubjetivo, que comporta em si penumbra e centelhas – opostos que fazem parte de um mesmo processo, em uma dinâmica intersubjetiva viva, potente e transformadora. As perguntas feitas no início do percurso da pesquisa eram o pano de fundo da investigação: como pode a *reverie* deixar “à deriva” e, ao mesmo tempo, auxiliar na criação de caminhos, sentidos e transformações na dupla analítica? De que maneira o fio solto, como numa obra de arte aberta, se transforma numa bordadura confeccionada intersubjetivamente?

Nos arredores das contribuições conceituais de cada autor vê-se, de maneira geral, uma consonância no que se refere, por exemplo, ao fato de entenderem a *reverie* como um fenômeno intersubjetivo, que pode tornar ainda mais potencialmente transformador o processo analítico. Há, nitidamente, uma série de convergências entre as ideias dos autores pesquisados.

Com o objetivo de apresentar em quais aspectos cada autor colabora para a expansão e maior compreensão do conceito, traçaremos algumas linhas que marcam aproximações e deslizamentos teórico-clínicos entre os autores contemporâneos estudados.

Iniciemos, pois, pelas aproximações, lembrando que ainda que as ideias possam ser consonantes entre si, cada autor desenvolve suas proposições com uma marca extremamente autoral, e, portanto, todos eles contribuem para a expansão das reflexões sobre a *reverie* na clínica psicanalítica. As consonâncias que encontraremos referem-se a aspectos mais gerais

do fenômeno. Nota-se uma conformidade, por exemplo, na visão de que o processo de *reverie* abarca inúmeros movimentos intersubjetivamente experienciados: imaginação, penumbra, turbulência, enigma, tolerância à frustração, fé, centelhas, criação/ampliação de sentidos, transformações. Entre os autores, é unânime a ideia de que a *reverie* é um conceito vivo e eminentemente intersubjetivo, que engloba e incita, portanto, uma infinidade de experiências emocionais para a dupla.

Por outro lado, esses autores também apresentam ideias distintas quanto às características da emergência do fenômeno e sobre a importância de seu uso como uma ferramenta para a criação de sentidos. Isso posto, notam-se dissonâncias, elementos que diferem entre as compreensões dos autores pesquisados. Propomos, aqui, pensar em algumas dessas divergências, não como uma forma de medição ou confronto. A proposta é observarmos como cada um dos autores aqui investigados contribui com reflexões relevantes e autorais sobre o conceito, e, a partir de suas teorizações, nos traz novos elementos para compreender tanto o fenômeno quanto sua aplicabilidade clínica. Podemos apontar, assim, sinteticamente, as particularidades das formulações de cada um dos autores:

Thomas Ogden:

- O autor nos apresenta a ideia de que as *reveries* podem ser vividas como rumações, devaneios, sensações, percepções, fantasias e imagens criadas intersubjetivamente.
- Para Ogden, as *reveries* podem levar o analista a algum lugar que tenha valor para o processo analítico é uma descoberta retrospectiva que quase nunca pode ser antecipada. Por isso, reforça que a *reverie* não pode ser desvendada apressadamente. Deve haver uma tolerância ao sentimento de estar à deriva, pois o não saber é uma pré-condição para a capacidade de imaginar.
- Ogden afirma que, ainda que possa causar sensações tão inquietantes, a *reverie* é como uma bússola emocional que indica caminhos ainda não desbravados. Dessa forma, a *reverie* pode ser um importante instrumento técnico na sala de análise. Nesse sentido, compreende que a experiência da *reverie* já é transformadora por si só, não sendo primordial transformá-la em um conteúdo a ser transmitido ou interpretado. Ogden considera que a análise pode recuperar sua vitalização por meio das *reveries*.

- Uma grande contribuição de Thomas Ogden foi a formulação do conceito de “terceiro analítico intersubjetivo”, que seria uma criação conjunta do analista e do analisando, ao mesmo tempo em que analista e analisando são criados por ele. A *reverie* aconteceria na imersão da experiência do terceiro analítico.

Antonino Ferro:

- Para o autor, a *reverie* do analista é um elemento central ao campo e capaz de gerar transformações nele. Segundo Ferro, é preciso disponibilidade emocional para se estabelecer uma comunicação sensível e aberta, tanto para que as *reveries* emergjam, quanto para que possam ser transformadas em palavras narradas.
- O autor compreende a *reverie* como um “derivado narrativo do pensamento onírico de vigília”. Para Ferro, tudo o que é trazido pelo paciente na sala de análise deverá ser considerado para que os derivados narrativos captados possam compor uma narrativa, construída conjuntamente pela dupla analítica. O autor considera o campo analítico como um “campo emocional” no qual os elementos brutos (sensações e imagens) buscam ser pensados, e, assim, cria-se uma abertura para o novo. A esse processo de metabolização de um elemento beta e da transformação dele em elemento alfa o autor nomeou como “alfa-betização”.
- Antonino Ferro diz que a *reverie* é captada pelo analista como pictogramas emotivo-sensoriais que, de acordo com o autor, são como “tijolinhos” que edificam o pensar, o sentir e o sonhar. Assim como Ogden, o autor salienta que as *reveries* podem causar desconforto e turbulências emocionais devido à complexidade do trabalho psíquico a ser realizado. Ferro entende a continência e a tolerância ao desconcerto como necessárias para que a função-alfa do analista possa metabolizar os conteúdos não simbolizados. O autor diz que, na *reverie*, a mente do analista capta os elementos psíquicos, como se os enxergasse com os “olhos da mente”, gerando imagens por meio do pensamento onírico de vigília.

Os Rocha Barros:

- Os autores compreendem que a emergência das *reveries* ocorre no campo das contratransferências, inscrevendo-se nesse território, porém diferenciando-se dele. Na visão dos autores, o conceito de *reverie* seria uma progressão da noção freudiana de contratransferência, pelo fato de que a *reverie* opera como um instrumento de apreensão e, sobretudo, de comunicação da expressividade dos processos inconscientes que estão ocorrendo no campo intersubjetivo.
- Uma importante contribuição dos autores é a proposição de que as imagens captadas pelas *reveries* são geradoras de símbolos que não só representam emoções, mas as expressam, o que denominaram de “expressividade”. O caráter expressivo das imagens faz com que as *reveries* sejam capazes de produzir transformações significativas (na dupla).
- Outra ideia relevante dos autores é a de evocação, uma forma de comunicação não discursiva gerada a partir das *reveries*, que permite conexões e amplia as possibilidades de representações afetivas. As imagens evocadas pelas *reveries* são chamadas pelos Rocha Barros de “pictogramas afetivos”, imagens compostas por elementos afetivos que assumem uma forma inicial inconsciente de representação mental, mas que podem produzir novos símbolos, apreender e transformar significados.
- Um ponto fundamental nas teorizações dos Rocha Barros é a importância dada às interpretações das imagens captadas pela *reverie*, buscando associá-las aos conteúdos afetivos do analisando e transmiti-los a ele. Dessa maneira, o casal brasileiro considera o uso da interpretação, a partir das imagens evocadas pelas *reveries*, como uma importante ferramenta para o trabalho analítico. Segundo os autores, a função interpretativa representa uma forma de extensão simbolizante da experiência emocional, que favorece novas construções e articulações de pensamentos.

Marina F. R. Ribeiro:

- A autora afirma que a *reverie* ocorre via identificação projetiva, a partir de um estado de abertura, hospitalidade e disponibilidade mental e emocional para o outro. Ribeiro reforça que, em um primeiro momento, a *reverie* mostra-se como um estado extremamente desorganizador, no qual o analista se sente arrastado por

“imagens pictóricas”, sem ideia do que aquilo representa e para onde irá levá-lo, mas que um sentido poderá emergir, ainda que no *a posteriori* da sessão.

- Em consonância com Ogden, a autora entende que nem sempre a *reverie* se desdobra na análise como uma construção analítica, narrativa ou interpretação, mas que ela sempre implica o analista em um importante trabalho de metabolização dos conteúdos não sonhados e favorece uma compreensão sobre o que se passa no encontro analítico.
- Apresenta uma expansão conceitual ao afirmar que a *reverie* ocorre entre cesuras, na passagem contínua entre estados mentais, num movimento paradoxal do não sensorial/sensorial. Para Ribeiro, a intuição psicanalítica é a via pela qual um inconsciente capta o outro sem nenhum apoio sensorial, e dali nasce uma forma, a *reverie*, que emerge, entre cesuras, na situação analítica.
- Considera a intuição psicanalítica como uma afetação enigmática, que ocorre entre estados transitórios de mente e evolui para a captação de uma imagem – a *reverie*. Esta seria, segundo a autora, um pensamento imaginativo em busca de um pensador na intersubjetividade do encontro analítico.
- Questiona se a *reverie* teria como esteio a capacidade de intuição do analista, fator primordial da função psicanalítica da personalidade e que seria uma habilidade fundamental ao analista para que o inaudível e o invisível intuídos possam se fenomenalizar.

Giuseppe Civitarese:

- Entre as formulações mais autorais de Giuseppe Civitarese encontra-se o conceito de “*reverie* somática”, que se refere a um estado de sonho no corpo (ou seja, no campo somático) que nos permite entrar em contato com o primeiro estágio do pensamento inconsciente.
- Consoante às ideias de Ogden, o autor compreende a *reverie* somática como uma espécie de GPS com um potencial para indicar as posições ocupadas pelo par analítico na situação de análise, bem como identificar a qualidade do vínculo emocional entre eles.

- Para Civitarese, o campo é sensório e intercorpóreo, pois se dá a partir da co-presença dos corpos e das intensidades sensíveis compartilhadas. Assim, a dimensão corpórea tem destaque nas ideias de Civitarese, pois compreende que a experiência da análise, para analista e analisando, é atravessada pelo corpo.
- Como Ogden, Ferro e Ribeiro, Civitarese compreende a *reverie* somática muitas vezes como atordoante, desoladora, mas afirma que ela é um importante indicativo de que há uma abertura para a comunicação sensorial, não falada, que é vivida no corpo. Dessa forma, o autor considera que as *reveries* somáticas podem ser úteis ao trabalho analítico, se nós, analistas, formos capazes de suportar o desconcerto e a frustração diante da ausência imediata de um significado.
- Para Civitarese, a *reverie* é um sonho que sonhamos acordados, algo que experimentamos mediante um estado de abertura, de passividade, que difere do pensamento associativo. Ela emerge em nossa mente de modo disruptivo, não estando, necessariamente, associada a nada do que está acontecendo ou sendo dito na sessão.
- O autor compreende o corpo como a base para o sonhar e, dessa maneira, as *reveries* nos indicam o contato com um pensamento ainda incipiente.

Os Botella

- O casal César e Sara Botella expande o tema da *reverie* com sua compreensão de que, a partir da figurabilidade, algo que nunca teve inscrição no aparelho psíquico pode emergir via imagem e marcar um lugar a ser constituído no psiquismo.
- Afirmam que a figurabilidade seria “o primeiro tempo indispensável a um trabalho de ‘tornar representável’, de criação de uma cadeia de representações” (Botella, 2000, p. 236). Para os autores, o incognoscível só pode ser “desenhado” via figurabilidade.
- Os autores compreendem que a *reverie* opera especialmente em um nível pré-consciente, enquanto o trabalho de figurabilidade estaria alocado em um nível inconsciente, o qual abarca, além dos elementos irrepresentáveis, outros

elementos psíquicos como desejos inconscientes, lembranças e elementos sensoriais. Para os Botella, a figurabilidade é o produto final e o fundamento de todas as *reveries*.

- Segundo os autores, a figurabilidade engloba uma zona maior de trabalhos psíquicos, sendo seu objetivo, sincronicamente, a transformação do inassimilável.
- Outra grande contribuição dos autores é a ideia do movimento regrediente. Da palavra à formação da imagem, é a partir da regrediência que o analista pode acessar imagens que lhe possibilitam alcançar o não representado, e, com isso, promover a ampliação dos pensamentos e o surgimento de novas articulações. O movimento regrediente seria, portanto, um estado onírico da mente do analista a partir do qual as imagens “alucinadas” dariam figurabilidade àquilo que é irrepresentável para o analisando.

Vemos, portanto, que não há uma concordância absoluta entre os autores, tampouco suas contribuições se tornam excludentes umas às outras. Após essa breve recapitulação acerca das particularidades do pensamento de cada um dos autores, chegamos mais próximos de tecer algumas considerações finais sobre esta pesquisa, lembrando que o intuito deste trabalho não é o de concluir, no sentido de supor que haja um fechamento. Ao contrário, ao estudarmos o conceito de *reverie* percebemos que ela se estrutura por diferentes vieses e comporta amplas compreensões.

Notamos que decifrar o conceito de *reverie* seria ir na contramão do que ela representa psíquica e clinicamente: abertura, expansão. Por esse motivo, o propósito é abrir caminhos para se pensar a *reverie* e as transformações em análise. Recordo-me de uma reunião com meu grupo de pesquisa, na qual um de meus colegas, o psicanalista e pesquisador Davi B. Flores, nos contemplou com uma analogia simples e precisa. Disse que, observando as nuances embrenhadas nas ideias de cada um desses autores, nota-se que esses terrenos teóricos são tão avizinados que não dá para saber ao certo onde termina o muro de um e começa a grama do outro. É uma imagem clara sobre como as diferentes proposições teóricas dos autores estudados se apresentam nesse campo conceitual da *reverie*: ideias tão próximas que, por vezes, se confundem. Ou, ainda que notemos diferenças mais expressivas entre as

estruturas ali construídas, todas se assentam em terrenos teóricos interligados e, portanto, torna-se impossível levantar grandes muros. Talvez, entre uma formulação teórica e outra, um pequeno cercado, mas não fronteiras rigidamente demarcadas.

Da mesma maneira, as articulações entre as teorizações dos autores estudados e as experiências com Paulo não pretenderam mostrar divergências na compreensão da *reverie* quanto a sua aplicabilidade clínica. Os breves fragmentos aqui narrados foram elencados a fim de descrever ao leitor a riqueza e a profundidade dos conteúdos emocionais que vivemos com nossos analisandos.

É importante ressaltar que nem todas as sessões são permeadas por *reveries*, e que a qualidade das imagens que surgem varia visivelmente a depender da abertura e receptividade também do analisando, pois, como vimos, esse é um fenômeno intersubjetivo, e, portanto, depende da condição de ambos para que as imagens possam emergir e delas ampliar as representações, expandir os pensamentos, gerar transformações.

Penso que as experiências emocionais em análise são capazes de transpor paradigmas, pois percebo que mesmo com pacientes limites, há um terreno frutífero para a formação de imagens e, ainda que nesses pacientes haja uma maior dificuldade na simbolização, muitas vezes são eles quem mais nos convocam, a quem mais emprestamos nossa mente para pensar seus pensamentos, sonhar seus sonhos.

Na sala de análise, a partir da criação de um espaço de intimidade, receptividade e confiança, a assimetria é vivenciada por meio da função psicanalítica da personalidade e guiada por uma intuição psicanaliticamente treinada, que torna aquele campo fecundo para a emergência dos pictogramas. As mentes de analista e analisando têm ali um espaço criativo e propício para se comunicarem.

Assim, o sonhar compartilhado pode acontecer, um trabalho que expande a noção freudiana do sonho noturno, pois trata-se de sonhos sonhados a dois, que emergem e se desdobram entre o conhecido e o incognoscível, o finito e o infinito, o consciente e o inconsciente. E nesse movimento constante e infinito da mente humana, os sonhos sonhados juntos podem expandir para novos pensamentos, novos sonhos, e abrir caminhos para transformações da/na dupla analítica.

Entre penumbra e centelhas, do incognoscível às transformações, a experiência da *reverie*, a partir de uma capacidade imaginativa da mente, pode ser compreendida como uma

criação artística por meio da qual a comunicação inconsciente entre as mentes transforma o fio solto em um vistoso bordado.

Aqui se encerra esta pesquisa, mas não se esgotam as infinitas nuances e os vértices para se pensar o tema da *reverie*. Como disse outrora o geógrafo e historiador francês Éric Dardel, “[...] chegamos, pelos caminhos da imaginação, a uma geografia dos sonhos” (2011, p.5).

E assim, nos guiando pelos caminhos do imaginário, um infinito de formas, cores, sensações e sentimentos se abrem para que o sonho possa ser vivido no encontro analítico, esse “lugar” onde as mentes se encontram e no qual a mente do analista é convocada a ser habitada pelo outro, para que ambos possam sonhar juntos a experiência emocional, libertar as formas prisioneiras e sonhar novos sonhos.

Referências bibliográficas

- ABRAM, J. **The language of Winnicott**. New Jersey, London: Jason Aronson Inc., 1997, 400 p.
- ALENCAR, José de. Discurso sobre o caráter nacional. *In: Obras completas de José de Alencar: discurso acadêmicos*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1868.
- ALVES, R. **O que é científico?** São Paulo: Edições Loyola, 2007, 80 p.
- AULAGNIER, Piera. **O processo originário e o pictograma**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Ágalma, 1995.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 138-139.
- BARROS, M. **Poesia completa**/ Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, 480 p.
- BARROS, M. Ensaio Fotográficos. *In: Poesia completa*/ Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, p. 354.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, 196 p.
- BION, W. R. **O aprender com a experiência**. [1962] 1991. Rio de Janeiro: Imago, 144 p.
- BION, W. R. The psycho-analytic study of thinking. **The Psychoanalytic Quarterly**, v.82, n. 2, 301-310, [1962] 2013.
- BION, W. R. Ataques ao elo de ligação. *In: BION, R. Wilfred. Ataques ao elo de ligação*. v.1. Rio de Janeiro: Imago, [1959]1991, p. 95-109.
- BION, W. R. **Atenção e Interpretação**. [1970] Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W.R. **Experiências com grupos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975, 196 p.
- BION, W. R. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- BION, W. R. **Domesticando pensamentos selvagens**. São Paulo, Blucher, [1977] 2018, 80 p.
- BION, R. W. Learning from experience. *In: The complete works of W.R.Bion*. London: Karnac Books, 2014, 128 p.
- BION, R. W. **Cogitações**. Tradução: Sandler, P. [1992] Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BION, R.W. **Conversando com Bion. Quatro discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo**. São Paulo: Editora Imago, 1977, 244 p.
- BOTELLA, C. SBPdePA entrevista César Botella. **Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 225–248, 2000.

Disponível em: <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/article/view/37>. Acesso em: 9 maio. 2022.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. **La Figurabilité psychique**. Delachaux et Niestlé, Suisse, 2001, 261 p.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. **Irrepresentável: mais além da representação**. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/ Criação Humana, 2002. 243p. ISBN 85-880-2205-2.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. Figurabilidade e regrediência. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 10(2), p. 249-3, 2003.

BOTELLA, C. Entrevista com César Botella. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 41, p. 227-242, 1999.

BOTELLA, C. Rêverie-Reverie e o Trabalho de Figurabilidade. In: O sonhar do psicanalista na sessão. Tradução: Maria de Lourdes Teodoro. Alter – **Revista de Estudos Psicanalíticos, Brasília**, v. 25-26, n. 1-2, p. 178-185, 2007.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. Figurabilidade psíquica e estados não representados. In: LEVINE, H. B.; REED, G. S.; SCARFONE, D. (Eds.). **Estados não representados e a construção de sentido: contribuições clínicas e teóricas**. Londres: Karnac, 2013. p. 95-121.

BOTELLA, C. **Sobre o recordar: a noção de memória sem recordação**. Livro Anual de Psicanálise, v. 30, n. 1, p. 49-75, 2016.

BUSCH, F. Searching for the analyst's reveries. **The International Journal of Psychoanalysis**, v. 99, n. 3, p. 566-578, 2018.

CESAR, F. F. A Pega. **Grupos de Estudos da Fátima**. 2019. [online] Disponível em link: <http://m.facebook.com/gruposdeestudosdafatima/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

CINTRA, E. M. de U., RIBEIRO, M. F. da R. **Por que Klein?** São Paulo: Zagodoni, 2018, 204 p.

CINTRA, E. M. de U., Ribeiro, M. F. da R. & Tamburrino, G. **Para além da contratransferência: o analista implicado**. Zagodoni: São Paulo, 2017, 204 p.

CIVITARESE, G. **The intimate room: theory and technique of the analytic field**. Londres: Routledge, 2010, 240 p.

CIVITARESE, G. Entrevista com Giuseppe Civitarese. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 23, n. 2, p. 345-357, ago. 2016a.

CIVITARESE, G. Reverie and the aesthetics of psychoanalysis. In: BLUE, D.; HARRANG, C. (orgs.). **From reverie to interpretation transforming thoughts into the action of psychoanalysis**. Londres: Karnac, 2016b, p. 39.

CIVITARESE, G. Champ incarné et rêverie somatique. **Revue canadienne de Psychanalyse**, v. 26, n. 1, p. 19-32, 2017.

CIVITARESE, G. **O inconsciente inacessível e a reverie como um caminho de figurabilidade.** In: LEVINE, H. B.; REED, G. S.; SCARFONE, D. (orgs.). Estados não representados e a construção de significado: contribuições clínicas e teóricas, pp. 295-319. São Paulo: Blucher, Karnac, 2018.

CIVITARESE, G. Campo Incorporado e Reverie Somático. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 55, n. 3, p. 43-57, 2021.

COELHO JR, N. e FIGUEIREDO, L, C. **Matrizes do Adoecimento Psíquico e Estratégias de Cura.** São Paulo, Blucher, 2018, 304 p.

COUTO, M. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 89.

COUTO, M. **O outro pé da sereia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 336 p.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** (Tradução: Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, p. 249-252, 2011.

FERRO, A. & BASILE, R. **Campo Analítico: um conceito clínico.** Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2013, 200 p.

FERRO, A. A mente do analista ao trabalho: Problemas, Riscos e Necessidades. *In: A Técnica na Psicanálise Infantil* (M. Justum, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, p. 187-203, 1995.

FERRO, A. Antonino Ferro em São Paulo. Seminários. França, M. O. de A. F & Petricciani, M. (Orgs.). Acervo Psicanalítico. **Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo**, 1996.

FERRO, A. O sonho da vigília: teoria e clínica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. 33 (3), pp. 449-458, 1999.

FERRO, A. A contratransferência e os personagens na sala de análise. *In: ZASLAVSKY, J. & SANTOS, M. J. P. Contratransferência: teoria e prática clínica*, pp. 65-75. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERRO, A. & BASILE, R. O universo do campo e seus habitantes. *In: FERRO, A. & BASILE, R. Campo analítico: um conceito clínico*, pp.13-34. Rio de Janeiro: Artmed, 2007.

FERRO, A. **Tormentos de almas: paixões, sintomas, sonhos.** Trad: por Petricciani, M. São Paulo: Editora Blucher, 2017, 332 p.

FERRO, A. Reverie. **Rivista di Psicoanalisi**, vol 65, p. 589-593, 2019.

FERRO, A., & Basile, R. **O universo do campo e seus habitantes. Campo Analítico: um conceito clínico** (R. C. Costa, Trad.). Org: Ferro, A., & Basile, R. Porto Alegre: Artmed, 2009, 200 p.

FIGUEIREDO, L. C. & MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, p. 257-278, 2006.

FIGUEIREDO, L. C. **Cuidado, Saúde e Cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante**. São Paulo: Escuta, 2014, 168 p.

FIGUEIREDO, L. C. **Bion em nove lições: lendo transformações**. Figueiredo, L.C., Tamburrino, G e Ribeiro, M. F. R. São Paulo: Escuta, 2011, p. 193-196.

FIGUEIREDO, L. C. **Rêverie e continência: uma exploração na clínica bioniana**. Curso ministrado na PUC-SP; primeiro semestre de 2020.

FIGUEIREDO, L.C. Comunicação em aula, 2021.

FREUD, S. (1926). **Inibição, sintoma e angústia**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2014. (Obras completas, 17).

FREUD, S. **Construções em análise. Freud (1937-1939) Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1937.

FREUD, S. **O ego e o id**. Obras completas. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p.279, [1923] 2011

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Jayme Salomão. Vol. 9, pp. 147-158. Rio de Janeiro: Imago, [1908] 1980.

GROTSTEIN, J. S. **Um fecho de intensa escuridão**. Porto Alegre: Artmed, 2010, 308 p.

KEATS, J. **Letters**. London: Forman, Oxford University Press, 1958.

LEITE, D. da R. Submarina. In: CAVALEIRO, V. (org.). **Revista Cultura Pará: Um autor, um poema**. Antilogia poética. Belém: Patuá Ed., p. 31, 2019.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rocco: Rio de Janeiro, p.39, 1977.

LISPECTOR, C. **A Paixão segundo GH**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, p. 76-80, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. **La Nature – Notes de Cours du Collège de France**. Paris: Seuil. 1959-1960, 374 p.

OGDEN, T. H. The analytic third: working with intersubjective clinical facts. **International Journal of Psycho-Analysis**, 75(1), 3-19, 1994.

OGDEN, T. H. **Os sujeitos da psicanálise** (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do psicólogo, 1996, 216 p.

OGDEN, T. H. **Esta Arte da Psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010, 168 p.

OGDEN, T. H. **Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais**. São Paulo: Escuta, 2014, 272 p.

OGDEN, T. H. **Reverie e interpretação**. São Paulo: Escuta, 2013, 256 p.

PESSOA, F. **Poesias completas de Alberto Caetano**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, 264 p.

RIBEIRO, M. F. R.. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: O analista implicado. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 11-28, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 maio 2022.

RIBEIRO, M. F. R. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. *In*: CINTRA TAMBURRINO, RIBEIRO (orgs.). **Para além da contratransferência: o analista implicado**. São Paulo: Zagodoni, 2017, p. 41-54.

RIBEIRO, M. F. R. O texto que ainda não foi escrito e aquilo que ainda não foi vivido. *In*: **Capacidade Negativa: um caminho em busca de luz**. Organizado por Arnaldo Chuster e Anie Sturmer; 1ª ed. São Paulo: Zagodoni, p. 252, 2019.

RIBEIRO, M. F. R. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. **Cad. Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 169-187, jan./jun. 2019a

RIBEIRO, M. The psychoanalytical intuition and reverie: capturing facts not yet dreamed. **The International Journal of Psychoanalysis**, p. 929–947, 2020.

RIBEIRO, M. F. R. Da identificação projetiva ao conceito de terceiro analítico de Thomas Ogden: um pensamento psicanalítico em busca de um autor. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, vol. XXIII, núm. 1, pp. 57-65, 2020

RIBEIRO, M. F. R.. Sobre intuição psicanalítica. **Cadernos De Psicanálise | CPRJ**, 44(46),155-168, 2022. https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/355

RIBEIRO, M. F. R. A intuição psicanalítica e a reverie: captando fatos ainda não sonhados. p.115-149. *In*: **Vastas emoções e pensamentos imperfeitos: diálogos bionianos/** Org. Marina F. R. Ribeiro, Elisa Maria de Ulhôa Cintra. São Paulo : Blucher, 2023.

RIBEIRO, M. F. R. e FLORES, D. B. e RAMOS, J. F. S.. A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica. **Pesquisas acadêmicas em psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas**. Tradução. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/05/Pesquisas-academicas-em-Psicanalise.pdf>. Acesso em: 09 fevereiro 2023.

RIBEIRO, M. Sobre intuição psicanalítica: a efetação enigmática. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, v. 44, n. 46, p. 155-168, 1 ago. 2022.

ROCHA BARROS; ROCHA BARROS. Melanie Klein ontem, hoje e amanhã. *In*: CINTRA, E.; RIBEIRO, M. F. R. **Por que Klein?** São Paulo: Zagodoni, p. 13-22, 2018.

ROCHA BARROS, E. M. O processo de constituição de significado na vida mental: afeto e imagem pictográfica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. 34, p. 55-68, 2000.

ROCHA BARROS, E. M. e ROCHA BARROS, E. L. da. **O processo de aquisição de formas simbólicas e sua relação com aspectos expressivos da mente**. Diálogos Psicanalíticos contemporâneos: o representável e o irrepresentável em André Green e Thomas H. Ogden. Org: Candi, T. S. São Paulo: Escuta, 2015.

ROCHA BARROS, E. M., e ROCHA BARROS, E. L. da. Reflections on the clinical implications of symbolism. **The International Journal of Psychoanalysis**, p. 879-901, 2011.

ROCHA BARROS, E. M. **A clínica contemporânea do sonho: sonhando em Laplanche, Bion e Ogden**. Diálogo psicanalíticos contemporâneos Bion e Laplanche: do afeto ao pensamento. Org: Candi, T. S & Rocha Barros, A. São Paulo: Escuta, 2019, 424 p.

ROCHA BARROS, E. M., e ROCHA BARROS, E. L. da. Reflexões críticas sobre os processos intersubjetivos: contratransferência, revêrie e o processo de simbolização. **Revista Brasileira de Psicanálise** · Volume 46, n. 1, 135-149, 2012.

ROCHA BARROS, E. M. Botella, Ogden, Green, Ferro, Bion. Comentário à entrevista de César Botella. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2007, 41(1), 33-45.

SANDLER, P. C. **A Linguagem de Bion: Um Dicionário Enciclopédico de Conceitos**. Editora Blucher: São Paulo, 2021, 1312 p.

SARAMAGO, J. **Provavelmente alegria**, 1987, p.54-55

SHAKESPEARE, W.; HELIODORA, B. **Poemas de amor**. Tradução: B. Heliadora. Empresas Culturales SA de CV, 2016.

SILVA, D. F. da. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, 484 p.

TANIS, B. A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. **Rev. bras. psicanál** [online]. vol.49, n.1, p. 179-192, 2015.

VALÉRY, P. **A alma e a dança e outros diálogos**. (M. Coelho, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed., p. 58, 2005.